



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2001

Jorge Manuel Tribuzi *As Fábulas de Aviano*
Correia de Melo

Introdução, versão do latim e notas

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Clássicos, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Júri

Presidente:

Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão
Professor Associado com Agregação do Departamento de
Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (Orientador)

Vogais:

Professor Doutor João Beato
Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade
de Lisboa

Professor Doutor Carlos de Miguel Mora
Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da
Universidade de Aveiro

Agradecimentos:

Ao Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão, pela orientação do presente trabalho.

A todos os que me encorajaram, pelas palavras de incentivo.

Resumo:

Provavelmente do fim do século IV e princípio do século V d. C., as *Fábulas* de Aviano são, como o seu Autor, praticamente desconhecidas nos dias de hoje.

No presente trabalho, figura um estudo introdutório das *Fábulas*, seguido da sua tradução, acompanhada de notas.

A primeira parte aborda questões que se relacionam com o Autor (nome, época e obra) e com o seu texto (fontes, data de publicação, tipo de verso utilizado, estilo, fortuna literária e personagens).

A segunda parte, bilingue, propõe a tradução das *Fábulas*.

Finalmente, as notas às *Fábulas* apresentam apontamentos culturais, reflexões sobre o texto e as lições dos manuscritos e, em intertextualidade, passos de outros autores da Antiguidade Clássica.

Abstract:

The *Fables* of Avianus, which probably date from the end of the 4th Century and the beginning of the 5th Century A.D., are still today, as its author, practically unknown.

In this work, there is an introductory study of the *Fables*, followed by their translation and accompanied by notes.

The first part deals with issues related to the author (name, epoch and work) and on his text itself (sources, publishing dates, type of verse, style, literary richness and characters).

The second part, bilingual, proposes the translation of the *Fables*.

Finally, the notes to the *Fables* present cultural information, reflections about the text and the manuscript lessons, and, in intertextuality, parts of other authors' works from the Ancient Classical epoch.

ÍNDICE

	Págs.
Índice.....	11
Preâmbulo.....	13
Advertências.....	15
INTRODUÇÃO.....	17
O Fabulista.....	19
1. O nome.....	19
2. A época.....	22
3. A obra.....	27
O texto.....	29
1. As Fontes.....	29
2. A data de publicação.....	31
3. O verso.....	34
4. O estilo.....	35
5. A fortuna literária.....	36
6. As personagens.....	39
6.1. Interação animal/animal.....	43
6.2. Interação animal/homem.....	49
6.3. Interação homem/homem.....	52
6.4. Interação homem/ser mitológico.....	55
6.5. Interação divindade/animal.....	56
6.6. Interação vegetal/vegetal.....	57
6.7. Interação divindade/divindade.....	58
6.8. Interação objecto/objecto.....	58
6.9. Interação animal/objecto.....	59
6.10. Interação homem/objecto.....	59
6.11. Interação força da Natureza/objecto.....	59
AS FÁBULAS.....	63
Prefácio.....	65
1. A ama e a criança.....	67
2. A tartaruga e a águia.....	67
3. O caranguejo ensinando o seu filho.....	69
4. A fábula de Febo e Bóreas.....	71
5. O burro com a pele de leão vestida.....	71
6. A rã e a raposa.....	73
7. A história do cão agressivo.....	75

8. O camelo.....	77
9. Os dois amigos e a ursa	77
10. O cavaleiro calvo	79
11. Os potes semelhantes.....	81
12. O camponês e o tesouro	83
13. O touro e o bode.....	83
14. A macaca	85
15. O grou e o pavão	87
16. O carvalho e a cana	87
17. O caçador e o tigre	89
18. Os quatro novilhos e o leão	91
19. O abeto e a sarça	93
20. O pescador e o peixe	95
21. O agricultor e a ave	95
22. O ambicioso e o invejoso.....	97
23. A fábula do vendedor de Baco	99
24. O caçador e o leão	101
25. O menino e o ladrão	101
26. A cabra e o leão	103
27. A gralha e a bilha	105
28. O camponês e o novilho	105
29. O viajante e o sátiro	107
30. O homem e o porco	109
31. O rato e o boi	111
32. O homem e a carreta.....	113
33. A gansa que punha ovos de ouro	113
34. A formiga e a cigarra.....	115
35. A macaca e os seus filhos	117
36. O bezerro e o boi.....	119
37. O cão e o leão	119
38. O peixe do rio que foi para o mar	121
39. O soldado e a trombeta	123
40. O leopardo e a raposa	125
41. O pote de barro cru levado pela corrente.....	125
42. O lobo e o cabrito.....	127
NOTAS.....	131
Bibliografia.....	159
Índice onomástico	177

PREÂMBULO

O encontro com Aviano foi casual. Um dia, na Biblioteca da Universidade de Aveiro, encontrámos, numa das prateleiras das edições das *Belles Lettres*, uma obra contendo quarenta e duas fábulas de um certo Aviano, um autor completamente estranho para nós. Após a leitura das *Fábulas*, e movidos pelo ineditismo do tema em português, resolvemos traduzir o texto latino, com o propósito de dar a conhecer um autor que não figurava na galeria das ‘estrelas’ mais divulgadas.

De início, a recolha de bibliografia foi uma tarefa árdua e, muitas vezes, em vão. Conseguimos alguns artigos de revistas da especialidade em poucas bibliotecas portuguesas. Da *Internet*, nada obtivemos (já que aí apenas surge o texto latino). Posteriormente, recebemos, da Universidade de Salamanca, alguns artigos pertinentes para o estudo de Aviano.

Outro desafio encontrado neste autor tem a ver com o estilo, muitas vezes, pouco linear e muito artificioso, imbuído de reminiscências de outros escritores latinos. Tentámos, sempre que possível, fazer uma tradução fiel ao texto. Todavia, a rebuscada sintaxe, presente em muitos momentos das *Fábulas*, obrigou-nos a adaptá-la à sintaxe portuguesa, de forma a tornar a mensagem mais compreensível. As passagens de certas *Fábulas* evidenciam intertextualidades com determinados trechos de outras obras greco-romanas: por essa razão, apresentam-se, nas notas de fim, transcrições dos textos de vários escritores, os quais se assemelham a determinados passos do texto do nosso fabulista.

A tradução das *Fábulas* revelou-se para nós gratificante, pois pôs-nos em contacto com um escritor totalmente desconhecido para nós e trouxe à luz do dia um universo de seres animados e inanimados, proporcionando-nos um excelente material para o estudo da psicologia humana.

ADVERTÊNCIAS

Para a tradução, seguimos o texto latino estabelecido por Françoise GAIDE, *Avianus, Fables*. Paris, Les Belles Lettres, 1980.

As abreviaturas usadas para os autores e obras da Antiguidade Latina foram as de P. G. W. GLARE, *Oxford Latin Dictionary, Oxford*, reimpr. 1997 e, por vezes, socorremo-nos das de F. GAFFIOT, *Dictionnaire Latin Français*, Hachette, Paris, 1993; para a Antiguidade Grega, utilizámos as de LIDDELL-SCOTT, *A Greek-English Lexicon, Oxford*, 1996.

O FABULISTA

Autor praticamente desconhecido do grande público, Aviano surge-nos como uma figura enigmática, sendo alvo de polémica dos vários estudiosos que se debruçaram sobre a sua obra. Acerca deste Autor foram tecidas as opiniões mais díspares, bem como sobre o seu nome, a data em que teria vivido, o ano da publicação das suas *Fábulas* e, por fim, a globalidade da sua obra literária.

1. O NOME

O primeiro aspecto polémico é o seu nome, que não colhe a unanimidade de todos os críticos: *Auianus*, *Auienus*, *Auianius*, *Flavius Auianus*, *Caius Laetus Auianus* ou *Virius Nicomachus Flauianus*¹?

L. HERVIEUX optou por *Auianus*, após ter detectado três formas para o nome do fabulista: *Auianus* em vinte e sete manuscritos (três do século XI; dois do século XII; dez do século XIII; sete do século XIV; e cinco do século XV); *Auienus* em três manuscritos (um do século IX e dois do século XI); e *Anianus* num manuscrito do século XV².

Igual escolha do nome *Auianus* fez A. GUAGLIANONE³. De um total de cento e quatro manuscritos das *Fábulas*, este crítico italiano elegeu catorze, devido ao seu valor e antiguidade. Constatou que, nestes catorze manuscritos, a forma *Auianus* surgia em cinco manuscritos e *Auienus*, em três⁴.

¹ Acerca da polémica do nome deste Autor, veja-se Alan CAMERON, 'Macrobius, Avienus, and Avianus', *Classical Quarterly* 17 (1967), p. 385-399; e W. R. JONES, 'Avianus, Flavianus, Theodosius, and Macrobius', *Classical Studies presented to Ben Edwin Perry by his students and colleagues at the University of Illinois* (1969). Urbana, Chicago, London, University of Illinois Press, p. 203-209.; F. GAIDE, *Avianus, Fables*. Paris, Les Belles Lettres, 1980, p. 7-12; J. W. DUFF and A. M. DUFF, *The Fables of Avianus*, in *Minor Latin Poets II*. London, The Loeb Classical Library, 1982, p. 669; M. MAÑAS NUÑEZ, *Fedro/Aviano, Fábulas*. Madrid, Ediciones Akal, 1998, p. 259-260.

² Cf. L. HERVIEUX, *Les fabulistes latins depuis le siècle d'Auguste jusqu'à la fin du moyen âge – vol. 3: Avianus et ses anciens imitateurs*. Paris, Firmin-Didot, 1893-1899, p. 4-5 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 7).

³ Cf. A. GUAGLIANONE, *Aviani Fabulae*. Torino, Paravia, *Corpus Scriptorum Latinorum Paravianum*, 1958 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 7-8).

⁴ A forma *Auianus* surge nos seguintes manuscritos: *Parisinus Latinus 5570* (olim *Colbertinus 5254*), dos séculos X-XI; *Reginensis Latinus 1424*, dos séculos X-XI; *Laurentianus plut. 68-24*, do século XI; *Karoliruhensis*

Da análise de todo este material, F. GAIDE conclui que a forma *Auienus* foi utilizada entre os séculos IX e XII, mas com menos frequência que *Auianus*¹. O nome *Auienus* voltou a surgir no século XVI devido à identificação do fabulista com *Rufius Festus Auienus*², sendo de supor que esta confusão se tivesse feito sentir já no fim da Antiguidade e princípios da Idade Média.

Em defesa do nome *Auienus* veio A. CAMERON³. Este estudioso foi ainda mais longe, ao identificar o fabulista com a personagem Avieno, interveniente nos *Saturnalia*, de Macróbio: este teria introduzido Avieno (o autor das *Fábulas*, segundo este crítico) nos *Saturnalia*, como forma de lhe agradecer o *Prefácio* das suas *Fábulas*⁴. Se se aceitar a data de 384, como o ano da publicação dos *Saturnalia*⁵, e se se acreditar que o Avieno citado é o autor das *Fábulas*, então o fabulista teria nascido por volta do ano de 375, já que Macróbio refere que um dos interlocutores (Avieno) ainda não tinha idade para participar no diálogo⁶.

A identificação do fabulista com Avieno é rejeitada por J. W. DUFF e A. M. DUFF, os quais, na sua edição das *Fábulas* de Aviano, datada de 1982, justificam a sua opinião com base em dois argumentos relevantes: o estilo das *Fábulas* e dos *Aratea*, de Avieno, são muito diferentes e o Autor deste poema é designado nos manuscritos como *Rufi Festi Auieni*, enquanto o nome do fabulista surge simplesmente como *Auiani*⁷.

Aug. 73, do século X; e *Vossianus L. O. 89*, dos séculos XI-XII. O nome *Auienus* ocorre nos seguintes manuscritos: *Parisinus Latinus 8093* (olim *Colbertinus 1512*), do século IX; *Reginensis Latinus 208*, do século IX; e *Vaticanus Latinus 3799*, do século X. O manuscrito, *Vossianus L. O. 15*, do século XI, atribui ao fabulista o nome *Theodosius*, fazendo confusão com o destinatário do *Prefácio*. Os restantes manuscritos não esclarecem o nome do Autor das *Fábulas*: o *Karoliruhensis 339* (olim 85), do século IX, e o *Ashburnhamensis 1813*, do século XI, não revelam o nome do Autor, em virtude de lhes faltar o início e o fim do texto; os manuscritos *Vossianus Latinus Q. 86*, do século IX, *Parisinus Latinus 13026* (olim 1188), do século IX, e *Parisinus Latinus (nouv. acq.) 1132*, dos séculos IX-X, nada adiantam sobre a identidade do fabulista.

¹ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 10.

² Rúfio Festo Avieno, poeta latino de meados do século IV d. C., nasceu em Bolsena e desempenhou, por duas vezes, o cargo de procônsul. Resumiu a *Eneida* e toda a obra de Tito Lívio e foi o Autor dos seguintes trabalhos: *Aratea*, um poema sobre Astronomia; *Descriptio Orbis Terrae*; e *Ora Marítima*, uma descrição das costas do Império (Cf. J. R. FERREIRA, *Avieno, Orla Marítima*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1985).

³ Cf. Alan CAMERON, 'Macrobius, Avienus, and Avianus'.

⁴ Cf. Alan CAMERON, 'The date and identity of Macrobius', *The Journal of Roman Studies* 56 (1966), p. 25-38, (p. 30).

⁵ Cf. Alan CAMERON, 'The date and identity of Macrobius', p. 28-29.

⁶ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 24-25; M. MANÁS NUÑEZ, *op. cit.*, p. 262-263; e Alan CAMERON, 'Macrobius, Avienus, and Avianus', p. 393.

⁷ Cf. J. W. DUFF and A. M. DUFF, *op. cit.*, p. 669. Os críticos divergem entre si na atribuição do nome *Auianus* ou *Auienus* ao fabulista. Façamos um ponto da situação: advogam a primeira forma os seguintes estudiosos – L. HERVIEUX, *op. cit.*; O. CRUSIUS, *De Babrii aetate*, in *Leipziger Studien zur classischen Philologie* 2, 1879, p. 127-248 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 10); M. SCHANZ, *Der Fabeldichter Avianus*, in *Geschichte der römischen Literatur IV*, 2, 1920, p. 32-35 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 10); P. CONSTANT, *Fables de Phèdre, Fables d'Avianus, Sentences*

Num trabalho seu datado de 1889¹ e publicado depois da sua edição das *Fábulas*², W. FROEHNER postula para o fabulista o nome *Auianius*, com base nos seguintes argumentos: nos manuscritos, encontrou as formas *Auiani*, *Auianus*, *Auianum* e *Auiano*, sendo, talvez, de supor que as três últimas formas sejam derivadas da primeira. Se tivermos em linha de conta as *Cartas* de Cícero, a forma *Auiani* é, geralmente, o genitivo do gentílico *Auianius*³. Todavia, F. GAIDE refere que não é de supor que o nosso fabulista fosse designado pelo seu gentílico. Ainda segundo esta estudiosa, *Auianus* pode, muito bem ser um *cognomen*, à semelhança do que sucede no *Prefácio*, onde o fabulista designa o destinatário das suas *Fábulas* pelo seu *cognomen* – *Theodosi* (*Ambrosius Macrobius Theodosius*). Outros escritores, tal como Ausónio (*Decimus Magnus Ausonius*), nomeiam-se a partir dos seus *cognomina*⁴. Enquanto *Auianius* é um gentílico, *Auianus* está documentado como *cognomen*⁵.

Outros dois nomes rejeitados por F. GAIDE são *Flavius Auianus* e *Caius Laetus Auianus*, sugeridos, respectivamente, por H. CANNEGIETER⁶, um editor do século XVIII, e por L. HERRMANN⁷, um crítico do século XX. Quanto ao primeiro nome, F. GAIDE baseia a sua recusa no facto de ele não constar nos manuscritos, podendo ter nascido da má leitura duma abreviatura da palavra *fabulae*. Quanto ao segundo, a mesma Autora fundamenta a sua rejeição na falta de apresentação, por L. HERRMANN, de argumentos consistentes que fundamentem os *tria nomina* do fabulista⁸.

de Publius Syrus, *Distiques moraux de Denys Caton*. Paris, Librairie Garnier Frères, 1937; A. GUAGLIANONE, *op. cit.* (apud F. GAIDE, *op. cit.*); L. HERRMANN, *Avianus, Oevres*. Bruxelles, Latomus, Collection Latomus, 1968 (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 10); F. GAIDE, *op. cit.*; e M. MAÑAS NUÑEZ, *op. cit.* Em contrapartida, a forma *Auienus* é defendida por alguns críticos. R. ELLIS, embora tivesse defendido este nome na *Introdução* da sua edição, optou pelo nome *Auianus* no título da sua obra – R. ELLIS, *The Fables of Avianus*, Oxford, 1887 (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 10) e Alan CAMERON, ‘Macrobius, Avienus, and Avianus’.

¹ Cf. W. FROEHNER, *Kritische Analekten*, in *Philologus*, Supplementband 5, 1889, p. 60-61 (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 11).

² Cf. W. FROEHNER, *Auiani Fabulae*. Leipzig, Teubner, 1862 (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 10).

³ Cf. CIC. *Fam.* 7. 23. 1: ... *ab eodemque accepi Auiani litteras* ...; 7. 23. 3: ... *itemque Iuni, quem puto tibi notum esse, Auiani familiarem*.; 13. 27. 2: *C. Auianius igitur Hammonius incredibiles mihi gratias per litteras egit, et suo et Aemili Auiani, patroni sui nomine, ...*; e 13. 35. 1: *C. Auianius Philoxenus antiquus est hospes meus*...

⁴ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 11.

⁵ Cf. *Thesaurus Linguae Latinae, s. u. Avius* e *The latin cognomina*, Helsinki, Helsingfors, 1965 (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 11).

⁶ Cf. H. CANNEGIETER, *Flavii Aviani Fabulae*. Amsterdam, 1731 (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 12).

⁷ Cf. L. HERRMANN, *op. cit.* (apud F. GAIDE, *op. cit.*, p. 12).

⁸ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 12.

Por fim, o nome *Virius Nicomachus Flavianus*, defendido por W. R. JONES¹, é, aos olhos de F. GAIDE, uma aproximação audaciosa:

*Précisons que le critique américain identifie
audacieusement le fabuliste à Virius Nicomachus Flavianus².*

Um dado muito importante para a defesa da forma *Avianus* é a existência deste nome nos numerosos manuscritos medievais, época em que o nosso fabulista conheceu uma enorme fortuna literária, bem como muitos imitadores³.

2. A ÉPOCA

O segundo aspecto polémico refere-se à data em que terá vivido Aviano. Parece ser consensual, para a maioria dos estudiosos⁴, que o fabulista é um autor do fim do século IV ou do princípio do século V d. C.⁵. São vários os argumentos que permitem classificar o fabulista como um escritor de uma época tardia⁶:

- 2.1. as *Fábulas* revelam características prosódicas comuns em escritores do latim tardio – por exemplo, as sílabas finais das palavras *dispār* e *impār* surgem com a última sílaba abreviada: *Dispār erat fragili et solidae concordia motus* (11. 5) e *tantum solus uiribus impār erat* (18. 10)⁷;
- 2.2. nas *Fábulas* abundam as licenças métricas, raras na época clássica, e frequentes em alguns escritores tardios, como, por exemplo, em Fortunato,

¹ Cf. W. R. JONES, 'Avianus, Flavianus, Theodosius, and Macrobius'.

² Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p.22.

³ Sobre a influência de Aviano na Idade Média e o surgimento de vários imitadores, cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 52-57; F. RODRÍGUEZ ADRADOS, *Historia de la fábula greco-latina III. Inventario y documentación de la fábula greco-latina*. Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1987, p. 576-582; e L. ZURLI, *Astensis poetae, Novus Avianus*. Università di Genova, Facoltà di Lettere, 1994, p. 9-11.

⁴ Cf. e. g., F. GAIDE, *op. cit.*; J. W. DUFF and A. M. DUFF, *op. cit.*; F. RODRÍGUEZ ADRADOS, *Historia de la fábula greco-latina II*. Editorial de la Universidad Complutense, 1985; e M. MAÑAS NUÑEZ, *op. cit.*

⁵ Sobre a época de Aviano, cf. Averil CAMERON, *El Mundo Mediterráneo en la Antigüedad Tardía*. Barcelona, Crítica, 1998.

⁶ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 13-16.

⁷ Esta faltas de prosódia são evidentes em escritores do latim tardio, como, e. g., Prudêncio, Ausônio, escritores do séc. IV d. C.

e recorrentes nos poetas medievais. A título de exemplo, refira-se que, na fábula 22. 6, Aviano utiliza uma sílaba breve antes da cesura do pentâmetro: *ōbtŭlīt, / ēt, prēcĭ/bŭs//ŭt pětĕ/rētŭr, ā/ĭt*¹.

2.3. a existência de certos dados linguísticos, muitíssimo raros no latim clássico:

2.3.1. o *Prefácio* apresenta um termo da linguagem eclesiástica: *falsitas* (*quod in his urbane concepta falsitas deceat*);

2.3.2. o composto *relidere*, um verbo quase exclusivamente do latim tardio², foi empregado por Aviano na fábula 3. 2: *hispida saxosis terra relisit aquis*, e na 9. 10: *exanimem fingens, sponte relisus humi*;

2.3.3. em contrapartida, Aviano retoma algumas palavras muito antigas, atribuindo-lhes o sentido que tinham primitivamente: por exemplo, *nimius* surge com a significação de *muito grande*, existente em Plauto (1. 5: *nam lassata puer nimiae dat membra quieti*, e 4. 8: *et gelidus nimias depluit imber aquas*); e *exosus* aparece, não com o sentido de *que odeia, que aborrece*, mas de *odiado, aborrecido*³ (2. 13: *Nam dedit exosae post haec documenta quietis*, e 33. 6: *non tulit exosas in sua lucra moras*);

2.3.4. outro aspecto do latim tardio é o uso, e abuso, dos participípios presentes: *Quas Graecis iambis Babrius repetens in duo uolumina coartauit* (*Prefácio*); *irrita uota gerens* (1. 4); *Curua retrocedens dum fert uestigia cancer* (3. 1); etc.⁴;

2.3.5. a nível sintáctico, podemos encontrar, nas *Fábulas*, marcas de um latim tardio:

2.3.5.1. a construção *iurare, putare, fama est + quod*, em vez da oração subordinada completiva infinitiva – 1. 1-2: *Rustica deflentem paruam iurauerat olim, / ni taceat, rabido quod foret esca lupo*; 25. 16: *qui putat in liquidis quod natet*

¹ Para outras licenças métricas, cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 15.

² Presente, *e. g.*, em Ausônio, Prudêncio e Fortunato, igualmente um escritor do século IV d. C.

³ Cf. Macróbio, *Sat.* 1. 11. 45 e Eutrópio, *BHR.* 7. 23 escritor do século IV d. C.

⁴ O recurso aos participípios presentes é evidente em S. Avito, S. Gregório de Tours e em bastantes escritores medievais.

urna uadis; e 35. 1-2: ***Fama est quod*** *geminum profundens simia partum/ diuidat in uarias pignora nata uices*. Esta construção generalizou-se a partir do século II d. C.;

2.3.5.2. o aparecimento frequente de marcas sintácticas, que surgiam, ocasionalmente, na poesia clássica, como, por exemplo:

- a construção *facere* + oração subordinada completiva infinitiva a significar *ser a causa de* – 23. 2: *expositum pretio fecerat esse deum* ; 26. 10: *tu tamen his dictis non facis esse fidem* ; 36. 13-14: *Hanc tibi tristis, ait, dedit indulgentia mortem/ expertem nostri quae facit esse iugi* ; e 39. 16: *saeuior hoc, alios quod facis esse malos*. Esta construção, que pode ser encontrada no latim clássico, desenvolveu-se muito mais no latim tardio;
- a utilização do modo indicativo como predicado de uma oração subordinada completiva interrogativa indirecta – 17. 6: *Nunc tibi qualis eram¹ nuntius iste refert*, e 38. 9: *Nam quis erit² potior, populo spectante, probabo*;
- o emprego do conjuntivo presente numa situação de passado – 1. 1-2: *Rustica deflentem paruam iurauerat olim,/ ni taceat, rabido quod foret esca lupo*; 4. 1-3: *Immitis Boreas placidusque ad sidera Phoebus/ iurgia cum magno conseruere Ioue,/ quis prior inceptum peragat: ...*; e 29. 15-16: *obtulit calido plenum cratera Lyaeo,/ laxet ut infusus frigida membra tepor*.

¹ *Erim* nos manuscritos *Reginensis Latinus 208* e *Vossianus Latinus Q. 86*, ambos do século IX, e *eam* no manuscrito *Trevirensis² 1093 in ras. (olim 1464)*, do século X.

² Sit na obra *Aviani Fabulae*, de C. LACHMANN, Berlim, 1845 (*apud*. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 120).

2.4. no *Prefácio das Fábulas*, faz-se referência a um Teodósio: *Dubitanti mihi, Theodosi optime, ...*. Apesar de alguns manuscritos¹ referirem *imperatorem* em oposição a *Theodosium*, este dado deverá ser rejeitado, pois *imperatorem* é uma adição². De acordo com os estudiosos de Aviano³, *Theodosi optime* não se refere nem a Teodósio I⁴, o Grande, nem a Teodósio II. De facto, o tom usado por Aviano, quando se dirige a Teodósio, no *Prefácio*, não parece ser destinado a um imperador, mas a um homem das letras :

*Nam quis tecum de oratione, quis de poemate
loqueretur, cum in utroque litterarum genere et Atticos
Graeca eruditione superes, et latinitate Romanos?*

O destinatário é Ambrósio Macróbio Teodósio e este excerto do *Prefácio* pode ser compreendido se pensarmos que os *Saturnalia* foram uma enciclopédia de ciência grega – *Graeca eruditione* – e latina e que Macróbio dedicou uma obra sua, *De differentiis et societibus Graeci Latiniq̄ue uerbi*, ao estudo comparativo da gramática grega e latina⁵. A expressão ... *cum superes... latinitate Romanos* pode ser vista sob este prisma: a mestria linguística de Macróbio ultrapassou a dos próprios

¹ *Reginensis Latinus 208*, do século IX, *Reginensis Latinus 1424*, do século X-XI e *Laurentianus plut. 68-24*, do século XI.

² Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 22.

³ Cf. F. GAIDE; DUFF and DUFF; M. MAÑAS NUÑEZ; F. RODRÍGUEZ ADRADOS; etc.

⁴ Cf. W. R. JONES, no seu artigo ‘Avianus, Flavianus, Theodosius, and Macrobius’, identifica o destinatário do *Prefácio* com o imperador Teodósio I.

⁵ Ambrósio Macróbio Teodósio foi um escritor grego ou africano, do final do século IV d. C. – Alan CAMERON, ‘The date and identity of Macrobius’, p. 25, e ‘Macrobius, Avienus, and Avianus’, *Classical Quarterly* 17 (1967), p. 385-399 (p. 387) refere que, na sua opinião, Macróbio seria um africano, a avaliar pela sua expressão *sub alio caelo: Sat. 1. praef. 11: nos, sub alio ortos caelo...*, próxima de uma passagem de Cláudio – um autor do século IV d.C. – o qual, na sua obra *De Bello Gildonico*, se refere a África nestes termos: *alterius conuexa poli*. Considerado um grande helenista no seu tempo, escreveu um tratado de gramática comparada do grego e do latim – *De Differentiis et Societatibus Graeci Latiniq̄ue Verbi*; um comentário ao *Somnium Scipionis*, de Cícero (exposição das teorias neo-platónicas) – *Commentarii in Ciceronis Somnium Scipionis*; uma obra acerca da gramática latina – *Excerpta grammatica*; e uma obra em forma de diálogo, versando assuntos eruditos e imaginada a decorrer durante as Saturnais – os *Saturnalia* (obra dedicada ao seu filho Eustáquio): neste diálogo, intervêm várias personagens, das quais destacamos Avieno, identificado, segundo alguns críticos, com o fabulista – cf. Alan CAMERON, ‘Macrobius, Avienus, and Avianus’ e R. ELLIS, na *Introdução* da sua edição das *Fábulas*. Igual identificação de nomes parece ter feito o copista do manuscrito *Bodleianus Auct. f. 2. 14*, dos séculos XI e XII, quando, no *Prefácio das Fábulas*, escrevia assim: *Incipit epistola Auiani Festi ad Theodosium*.

Romanos, embora tivesse nascido sob um outro céu¹, isto é, numa terra estrangeira.

Todavia, há autores que discordam da identificação do destinatário do *Prefácio* das *Fábulas* com Macróbio: CANNEGIETER e LACHMANN recusam que este Teodósio, que surge no *Prefácio*, seja um imperador, ou Macróbio, e chegam a afirmar que Aviano teria vivido em meados do século II d. C.². Esta argumentação baseia-se no facto de Aviano não ter, no seu *Prefácio*, mencionado o nome de Júlio Ticiano (um fabulista do século III d. C., referido por Ausónio numa carta dirigida a Probo³) na lista dos fabulistas seus predecessores. Para estes críticos, Aviano teria sido um escritor do século II d. C. e o seu latim, clássico, teria sido deturpado pelos *rettores*, copistas e professores, que foram, sucessivamente, usando e copiando as suas *Fábulas*.

- 2.5. o *Prefácio* das *Fábulas* apresenta, segundo A. CAMERON⁴, o *cursus*, ou seja, a prosa rítmica, baseada no acento de intensidade⁵. Vejamos, apenas, um excerto do *Prefácio*, segundo a proposta da existência da prosa rítmica proposta por aquele Autor (p. = *cursus planus*; v. = *cursus uelox*; t. = *cursus tardus*):

Dubitant mihi, Theodosi optime, quonam litterarum titulo nostri nominis memóriam mandarémus (v.), fabularum téxtus occúrrit (p.), quod in his urbane concepta fálsitas déceat (t.) et non incumbat necéssitas ueritátis (v.). Nam quis tecum de oratione, quis de poémate loquerétur (v.), cum in utroque litterarum genere et Atticos Graeca eruditione superes et latinitáte Romános (p.)? ...

¹ Cf. MACR. *Sat.* 1. *praef.* 11: *nos, sub alio ortos caelo...*

² Cf. J. W. DUFF and A. M. DUFF, *op. cit.*, p. 670.

³ Cf. *infra*, p. 29-31.

⁴ Cf. Alan CAMERON, 'Macrobius, Auienus, and Auianus', p. 397-398.

⁵ O gramático Sacerdote, do fim do século III d.C., é considerado o teorizador deste tipo de prosa. Na prosa rítmica, distinguem-se três variantes de *cursus*: o *cursus planus*, composto por um trissílabo paroxítono, precedido de um polissílabo também paroxítono (xx / xxx); o *cursus tardus*, formado por um tetrassílabo proparoxítono, precedido de um polissílabo paroxítono (xx / xxx); e o *cursus uelox*, composto por um tetrassílabo paroxítono, precedido de um

F. GAIDE nota, no entanto, que A. CAMERON, embora tenha tido em conta o lugar dos acentos, descurou a divisão das palavras e supôs algumas elisões, o que contraria as teorias do gramático Sacerdote¹.

3. A OBRA

Por fim, a obra atribuída a Aviano tem suscitado alguma polémica: a maior parte dos estudiosos refere que o fabulista escreveu 42 fábulas² e o seu Autor, no *Prefácio*, confirma esta ideia – *De his ergo ad quadraginta et duas in unum redactas fabulas dedi...* Todavia, uma comédia chamada *Querolus* é atribuída a Aviano por alguns críticos, como, por exemplo, L. HERRMANN. Este Autor publica, num seu artigo³, as notas ao texto de Aviano, relativas à sua edição deste fabulista⁴, e fornece, igualmente, dados concernentes ao *Querolus*, identificando, assim, o Autor das *Fábulas* com o desta comédia. F. GAIDE⁵ discorda desta hipótese, pois, segundo esta Autora, as marcas estilísticas das *Fábulas* não estão presentes no *Querolus*⁶.

Inicialmente, as quarenta e duas fábulas não teriam, certamente, título. Com efeito, apenas cinco, dos catorze manuscritos considerados bons por A. GUAGLIANONE, contêm fábulas com título⁷.

Quanto às moralidades, convém dizer que apenas os manuscritos mais recentes apresentam os *promythia* e os *epimythia* das *Fábulas*, ausentes dos textos

polissílabo proparoxítono (xxx / xxxx). Este tipo de prosa foi também usado por outros escritores, tais como Arnóbio, S. Jerónimo, S. Agostinho, etc.

¹ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 18.

² Acerca do problema da autenticidade das fábulas 23, 35 e 38, veja-se F. GAIDE, *op. cit.*, p. 30-33.

³ Cf. L. HERRMANN, 'Notes sur le texte d'Avianus', in *Latomus* 28 (1969), p. 669-680 (p. 672-680).

⁴ Cf. L. HERRMANN, *op. cit.*

⁵ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 29.

⁶ Esta opinião é partilhada por C. JACQUEMARD-LE SAOS, a qual, na *Introdução* da sua edição do *Querolus* – *Querolus (Aulularia)*. Paris, Les Belles Lettres, 1994, p. XXI –, declara, a propósito da identificação de Aviano com o Autor da referida comédia: *Enfin, L. Herrmann comme F. Corsaro ont noté des tournures stylistiques communes aux deux oeuvres, tout particulièrement dans la Préface des Fables, la dédicace et le prologue du Querolus. Il est difficile de tirer des conclusions de textes souvent stéréotypés et les particularités stylistiques de deux auteurs n'offrent pas autrement de ressemblances notables. Ainsi nous reprendrons volontiers à notre compte le jugement de F. GAIDE dans son édition d'Avianus "qu'une lecture successive des deux oeuvres n'amène pas au sentiment d'une communauté d'origine"*.

⁷ Os cinco manuscritos são: *Reginensis Latinus 1424*, dos séculos X-XI; *Parisinus Latinus 5570 (olim Colbertinus 5254)*, dos séculos X-XI; *Parisinus Latinus 8093 (olim Colbertinus 1512)*, do século IX; *Laurentianus plut. 68-24*, do século XI; e *Vossianus L. O. 89*, dos séculos XI-XII – A. GUAGLIANONE, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 37).

mais antigos. Esta constatação pode levar-nos a concluir que a inserção destas moralidades se deveu ao papel dos mestres-escola da Idade Média, desejosos de transmitirem aos seus alunos uma mensagem ético-moral, decorrente do estudo do texto de Aviano¹.

¹ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 33-36 e 54.

O TEXTO

Aviano, no *Prefácio* da sua obra, declara a sua intenção de compor quarenta e duas fábulas em dísticos elegíacos: *De his (sc. fabulis) ergo ad quadraginta et duas in unum redactas fabulas dedi, quas rudi latinitate compositas elegis sum explicare conatus*. Este excerto permite-nos aflorar vários aspectos importantes das *Fábulas*, tais como: **1.** as fontes; **2.** a data da sua redacção; **3.** o tipo de verso utilizado; **4.** o estilo; **5.** a fortuna literária do Autor; **6.** as personagens.

1. AS FONTES

No *Prefácio*, Aviano traça a história da fábula: refere a autoridade de Esopo, atribuindo-lhe a decisão de escrever fábulas, em resposta ao oráculo de Delfos; cita Sócrates e Horácio como continuadores daquele fabulista grego; alude às colectâneas de fábulas, organizadas por Bábrio¹ e Fedro; e, por fim, menciona a fonte directa das suas *Fábulas* – uma paráfrase em prosa, redigida, na perspectiva do nosso fabulista, num latim deselegante (... *quas compositas*² *rudi latinitate* ...), e cuja autoria tem gerado uma certa controvérsia. Alguns estudiosos defendem a ideia de que Aviano terá tido conhecimento de uma paráfrase em prosa, derivada de trímetros gregos, muito provavelmente dos de Bábrio, e que esse texto em prosa seria da autoria de um escritor mencionado numa carta de Ausónio a Probo,

¹ Bábrio foi um fabulista grego, que viveu entre a segunda metade do século I e os princípios do século II d.C. A sua língua original terá sido o latim, embora tenha escrito em grego. As suas *Fábulas* (das quais chegaram até nós 143, em dois livros) foram escritas em verso colíambo. As *Fábulas* deste Autor conheceram o seu êxito, devido ao recurso da linguagem quotidiana e ao seu conteúdo de fácil apreensão.

² O adjectivo *compositas* refere-se ao texto em prosa, redigido com base nas *Fábulas* de Bábrio. Todavia, A. ROSTAGNI (*Storia della Letteratura Latina III*. Torino, Unione Tipografico – Editrice Torinese, ³1983, p. 558) liga o adjectivo às *Fábulas* de Fedro: *Come leggiamo nella Prefazione (in cui tra l'altro esalta Teodosio per la somma erudizione sia in greco sia in latino), egli si propone di rifare in più adorno linguaggio e in versi più eletti le modeste favole di Fedro (fabulas rudi latinitate compositas elegis sum explicare conatus)*.

na qual se afirma que um Júlio Ticiano¹ escrevera uns textos em prosa latina, compostos a partir de trímetros esópicos²:

*Apologos en misit tibi
ab usque Rheni limite
Ausonius, nomen Italum,
praeceptor Augusti tui,
Aesopiam trimetrium,
quam uertit exili stilo
pedestre concinnans opus
fandi Titianus artifex;*

(...)

Set iam ut loquatur Iulius,

(...)³

Todavia, F. RODRÍGUEZ ADRADOS considera arriscado identificar com tanta certeza o Autor das fábulas em prosa com Júlio Ticiano e justifica-se, com base em vários argumentos: Aviano, no *Prefácio* das suas *Fábulas*, afirma ter versificado uma colecção em prosa latina, mas não identifica Júlio Ticiano como sua fonte; o facto de Júlio Ticiano ter passado para a prosa trímetros esópicos não serve de prova concludente que esse texto seja o referido por Aviano no seu *Prefácio*, pois poderia ter havido mais do que um ‘Esopo’ na prosa latina, para além de Júlio Ticiano; além disso, seria forçado pensar-se que todas as fábulas parafraseadas em prosa latina vieram exclusivamente de Bábrio – por exemplo,

¹ Há dois autores com este nome: Ticiano-o-Pai e Ticiano-o-Moço. O primeiro, contemporâneo de Frontão, escreveu uma corografia e um tratado de retórica. O segundo foi preceptor do filho de Maximino, tendo, talvez, uma escola em *Vesontio* – hoje, Besançon – e, depois, em *Lugdunum* – a actual Lyon (cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 43). O. CRUSIUS (*Avianus*, in *R. E.* II, 1896, c. 2373-2378, *apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 43) e H. BARDON (*La littérature latine inconnue*. Vol. II: *L'époque impériale*. Paris, Klincksieck, 1956, p. 178, 192 e 249, *apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 43) identificam o parafraseador de Bábrio com Ticiano-o-Moço, em virtude das funções desempenhadas por este.

² Cf. A. GUDEMAN, *Historia de Literatura Latina*. Barcelona, Madrid, Buenos Aires, Rio de Janeiro, México, Montevideo, Editorial Labor, 1952, p. 331; F. GAIDE, *op. cit.*, p. 42-43; A. ROSTAGNI, *op. cit.*, p. 558; R. BROWNING, ‘Poesía del Bajo Imperio’, in E. J. Kenney – W. Clausen (eds.), *Historia de la Literatura Clásica II. Literatura Latina*. Editorial Gredos, Madrid, 1989, p. 777-778.

³ Cf. AUS. *Ep.* 12. 74-81 e 102.

o chamado *Pseudo-Dositeu*¹ redigiu uma colecção em prosa latina não derivada de Bábrio².

Com base no *Prefácio*, apenas podemos afirmar com segurança que Aviano terá conhecido as fábulas de Esopo, Fedro e Bábrio³ e que terá versificado uma colecção de fábulas em prosa, composta a partir de umas fábulas gregas em trímetros iâmbicos.

2. A DATA DE PUBLICAÇÃO

Um dado que permanece desconhecido para nós é a data da publicação das *Fábulas*. R. ELLIS⁴ e A. CAMERON⁵, com o objectivo de as datarem, tentaram encontrar os seus vestígios na literatura latina dos séculos IV e V. Desta época, quatro passagens de obras literárias podem, hipoteticamente, indicar-nos, de um modo aproximado, a data de publicação do texto de Aviano:

- Nos *Commentarii in Ciceronis Somnium Scipionis* (1. 2. 7 e 1. 2. 9) de Macróbio, pode ler-se o seguinte acerca das várias espécies de fábulas:

... *fabulae, quarum nomen indicat falsi professionem ... illae
Aesopi fabulae elegantia fictionis illustres ...*

Esta passagem assemelha-se ao seguinte excerto do *Prefácio* das *Fábulas*:

¹ Costuma chamar-se *Pseudo-Dositeu* ao Autor de dezassete fábulas gregas escritas em prosa, com respectiva versão latina.

² Cf. F. RODRÍGUEZ ADRADOS, *op. cit.*, p. 244-245. Este mesmo estudioso elabora uma interessante análise das fontes textuais das *Fábulas* de Aviano, e reparte estas últimas em cinco grupos, consoante a sua génese: **1.** Fábulas de tradição exclusivamente babriana (Fábulas 7, 10, 14, 17, 19, 23, 31 e 32); **2.** Fábulas de tradição complexa: Aviano deriva de Bábrio, havendo a intervenção de versões independentes (Fábulas 1, 2, 5, 15, 16, 20, 34, 36 e 42); **3.** Fábulas de tradição complexa: Aviano não deriva de Bábrio (Fábulas 3, 4, 6, 13, 18, 21, 33, 35 e 37); **4.** Fábulas sem versão correspondente em Bábrio (Fábulas 8, 9, 11, 12, 24, 26, 27, 29, 39, 40 e 41); **5.** Fábulas que aparecem só em Aviano (Fábulas 22, 25, 28, 30 e 38).

³ Acerca da influência de Fedro e Bábrio, veja-se F. GAIDE, *op. cit.*, p. 39-45; sobre a influência de Bábrio, cf. F. RODRÍGUEZ ADRADOS, *op. cit.*, p. 247-252.

⁴ Cf. R. ELLIS, *op. cit.*, p. 19-20.

⁵ Cf. artigo de Alan CAMERON, 'Macrobius, Avienus, and Avianus'.

... *fabularum textus occurrit, quod in his urbane concepta
falsitas deceat et non incumbat necessitas ueritatis ...*

R. ELLIS¹ supôs que Macróbio teria imitado Aviano. Todavia, na opinião de F. GAIDE, o que se passou foi o inverso, pois Aviano foi discípulo de Macróbio².

- De acordo com R. ELLIS, um passo da *Gratiarum Actio ad Gratianum Imperatorem pro Consulatu* (ano de 379) de Ausônio³,

“*Mecum uolutarem*”: *o profundi altitudo secreti! habes
ergo consiliatorem et non metuis proditorem*⁴.

assemelhar-se-ia a dois versos da fábula 26. 11-12, de Aviano:

*Nam quamuis rectis constet sententia uerbis,
suspectam hanc rabidus consiliator habet.*

- Símaco⁵, na sua carta 1. 101, dirigida a Siágrio (no ano de 380), escrevia assim:

*Iubes ut te adeam et coram defruar magistratus tui
gaudio. Quo pacto istud possum negare, nisi ea religione
ignoueris, qua uocasti? Nam, quid agam fortunae dubius,
cum hinc inuiter ad obsequia honoris tui, hinc luctu amissi*

¹ Cf. R. ELLIS, *op. cit.*, p. 19-20.

² Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 26.

³ Ausônio, escritor latino do século IV d.C. (cerca de 310-?), oriundo da Gália, estudou em *Burdegala* (actualmente, Bordeaux), cidade onde nasceu, e em *Tolosa* (hoje, Toulouse). De regresso a *Burdegala*, exerceu, inicialmente, a advocacia e, posteriormente, dedicou-se ao ensino da retórica (entre os seus alunos estava S. Paulino de Nola). Por volta do ano 367, o poeta foi chamado a *Treuidos* (actualmente, Trèves), pelo imperador Valentiniano I, a fim de se encarregar da educação do seu filho Graciano. Em troca, recebeu o cargo de cônsul, quando o seu aluno subiu ao trono. A título de exemplo, citamos algumas das suas obras: *Commemoratio Professorum Burdigalensium*; *Eclogarum Liber*; *Epigrammata de Diuersis Rebus*; *Epistulae*; *Gratiarum Actio ad Gratianum Imperatorem pro Consulatu*; e *Ordo Urbium Nobilium*.

⁴ Cf. Ausônio, *Gratiarum Actio ad Gratianum Imperatorem pro Consulatu*, 10.

⁵ Quinto Aurélio Símaco Eusébio (cerca de 345-402) foi um orador romano insigne (considerado um *novo Cícero* pelos seus contemporâneos), um político e um acérrimo defensor das tradições pagãs. Desempenhou os cargos de *praefectus urbi* (384-385) e cônsul (391). Deste escritor, destacamos as seguintes obras: *Epistulae* (cerca de 900, das quais algumas foram dirigidas a Ausônio); *Relationes ad Principes*; e *Orationes*.

fratris inpediar? Duae mihi simul personae dispares offeruntur. Qui fieri potest ut os unum contrariis adfectionibus induamus¹?

Esta passagem poderia ser uma reminiscência da fábula 29. 21-22, de Aviano:

*Nolo, ait, ut nostris umquam successerit antris
tam diuersa duo qui simul ora ferat.*

- O livro 7, dos *Saturnalia* (7. 8. 6) de Macróbio, apresenta uma personagem, de nome Disário, a qual faria, em determinado passo, uma referência à fábula 16, *O carvalho e a cana*, de Aviano:

*... uento nimio abies aut quercus auellitur, cannam nulla
facile frangit procella.*

Destas aproximações ao nosso fabulista, a primeira parece ser a mais indiscutível. Quanto à segunda, R. ELLIS é mais prudente e reconhece que Ausónio pode não ter copiado Aviano, mas sim ter tido acesso a uma paráfrase de fábulas gregas. R. ELLIS defende, sobretudo, a terceira aproximação, a qual, na perspectiva de F. GAIDE, é a mais discutível, pois não apresenta semelhança nem na forma, nem no conteúdo². Quanto à quarta, Disário pode não estar a relembrar os versos de Aviano, mas sim o tema da fábula, já existente antes do fabulista latino, nomeadamente em Esopo³ e Bábrio⁴. Relativamente a esta aproximação, A. CAMERON sustenta a ideia de que Macróbio, a fim de agradecer as *Fábulas* a si dedicadas, teria feito aparecer o seu Autor nos *Saturnalia*⁵. Porém, F. GAIDE afirma que esta hipótese é discutível: se Macróbio queria agradecer a Aviano o

¹ Cf. SYMM. *Ep.* 101. 1.

² Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 27.

³ Cf. Aesop. 143.

⁴ Cf. Babr. 36.

⁵ Cf. Alan CAMERON, 'Macrobius, Avienus, and Avianus', p. 390.

fuertemente dependiente de la clásica, sin conseguir en ningún momento sus altos vuelos de contenido y forma. Es más, los poetas tardoantiguos se han dejado tentar con excesiva frecuencia por un estéril preciosismo, o mejor, virtuosismo creativo donde la forma ha primado hasta los límites absurdos sobre el contenido; no existe, pues, en ella ese sano equilibrio que debe caracterizar lo clásico, lo modélico, si se quiere. Pero me parece que este tipo de valoración obedece más bien a un prejuicio según el cual lo que para nosotros es bello, es lo mejor; dicho de otro modo, al situar como ejemplo arquetípico de lo bello el arte clásico, todo lo que exceda sus límites entra dentro del campo de lo no-clásico, o lo que es lo mismo, del arte de segundo orden. Esta forma de enjuiciar la creación artística, si bien permite una valoración esteticista – cuasi escolar, en la medida que establece prioridades y excelencias -, nos aleja de todo aquello que fue creado en un medio diferente y se niega a recuperar sus aciertos¹.

5. A FORTUNA LITERÁRIA

Aviano conheceu durante toda a Idade Média uma enorme fortuna literária: com efeito, as *Fábulas* constituíram o livro mais difundido nas escolas medievais de gramática², a par dos *Dísticos*, do chamado *Pseudo-Catão*³. Para esta sorte literária, muito terá contribuído a prática corrente nos primeiros anos de ensino dos ambientes escolásticos medievais, nos quais a leitura e a reelaboração de fábulas de vários autores constituíam um exercício recorrente¹. O sucesso literário de Aviano na Idade Média poderá atribuir-se ao facto de as suas *Fábulas* não

¹ Cf. A. ALVAR EZQUERRA, 'Realidad e ilusión ...', p. 3.

² Cf. F. GAIDE, op. cit., p. 52; L. ZURLI, op. cit., p. 10; E. R. CURTIUS, *Literatura europea y Edad Media Latina*. México, Madrid, Lengua y Estudios Literarios – Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 80.

³ Os *Disticha Catonis*, de autor desconhecido, foram publicados no século III d. C.

serem licenciosas: por esta razão, poderiam atingir mais cabalmente o seu objectivo – o de moralizar. Outro factor que determinou o sucesso desta obra tem a ver com o tipo de versificação usada, pois, para além de as *Fábulas* apresentarem uma escansão relativamente fácil, Aviano fez, frequentemente, uso dos hexâmetros leoninos², tão do agrado dos alunos e mestres, pois tal métrica permitia uma mais fácil memorização dos textos³.

Nas escolas medievais, era dado às *Fábulas* de Aviano um papel propedêutico, pois o seu estudo prepararia os alunos para a fase seguinte: o contacto com os autores mais ‘difíceis’ – Virgílio, Horácio, etc. É curioso notar que o critério de selecção dos autores latinos a estudar nas escolas medievais não tinha em conta a época literária a que tinham pertencido, mas o carácter moralizante das obras. Desta forma, o conceito de ‘clássico’ desaparece e todos os autores possuem a mesma autoridade: assim se explica que se lessem, nas escolas, autores pagãos ao lado dos autores cristãos. Está explicada, pois, a razão pela qual encontramos Aviano em lugar de destaque nas várias listas de autores lidos e estudados nas escolas medievais. Independentemente de o Autor não pertencer ao grupo dos chamados ‘autores clássicos’, as suas *Fábulas* revelam um tom predominantemente moralizador, o que cumpria, em parte, os objectivos da escolástica da Idade Média⁴. Para permitir o acesso às *Fábulas*, tornava-se necessário difundir-las através de sucessivas cópias⁵. Todavia, os copistas não se limitaram ao seu trabalho, pois, como já foi dito anteriormente, acrescentaram várias moralidades, em forma de *promythia* e *epimythia*, da autoria dos mestres-escola.

Há mais dois dados que realçam o grande valor literário que foi atribuído a Aviano na Idade Média: o primeiro tem a ver com a existência, desta época (século XII), de um *Accessus Auiani*¹ destacando-se uma secção dedicada ao *mysterium fabularum*, isto é, uma espécie de explicação da moralidade de cada

¹ Cf. L. ZURLI, *op. cit.*, p. 9.

² Os versos leoninos, tão em voga na Idade Média, são um tipo de verso em que os hemistíquios rimam entre si. F. GAIDE (*op. cit.*, p. 52) fez uma estatística das ocorrências deste tipo de métrica na obra de Aviano e concluiu que 21, 55 % dos versos das *Fábulas* eram leoninos.

³ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 52-53.

⁴ Cf. E. R. CURTIUS, *op. cit.*, p. 79-87.

⁵ A. GUAGLIANONE (*op. cit.*, *apud*. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 52) fez o levantamento de 104 manuscritos das *Fábulas* de Aviano, repartidas por várias bibliotecas da Europa.

fábula²; o segundo dado importante dá-nos a conhecer os seguidores-imitadores do fabulista, a que se convencionou chamar *Nouii Auiani*³.

A projecção de Aviano não se confinou à Idade Média: durante os séculos XV e XVI, a obra do fabulista foi, várias vezes, reimpressa⁴. No século XVII, o grande escritor francês Jean de La Fontaine (1621-1695) redigiu as suas imortais fábulas inspiradas em parte, talvez, nas de Aviano, já que teria tido conhecimento das fábulas avianas, insertas na *Mythologia Aesopica*, de Névelet, obra editada em 1620, reimpressa em 1660 e utilizada pelo poeta francês⁵.

Na Literatura Portuguesa, encontramos escritores que usaram o género da fábula; todavia, uma leitura atenta destes textos revela-nos que a sua fonte literária teria sido Esopo e não Aviano⁶. Com efeito, a voz de Esopo sempre falou mais alto que a de Aviano nas Letras Portuguesas, como pode ser comprovado, por exemplo, pelo facto de remontar ao século XIV *O Livro de Esopo*⁷, obra que reproduz algumas fábulas esópicas, seguindo a metodologia tipicamente medieval – dando um lugar de relevo à moralidade.

Outro aspecto que confere a Esopo um lugar de destaque em relação ao fabulista latino tem a ver com a influência que La Fontaine exerceu na nossa literatura do século XVIII, nomeadamente em autores como Marquesa de Alorna (1750-1839), Bocage (1765-1805), Curvo Semedo (1766-1838), etc., chegando mesmo a ser traduzido para português por Filinto Elísio (1734-1819), Curvo Semedo e Costa e Silva (1788-1854). Embora, como já foi referido, La Fontaine conhecesse a produção poética de Aviano, todavia, depois de lermos as fábulas do

¹ Este *accessus* foi publicado por R. B. C. HUYGENS, *Accessus ad auctores*, Bruxelles, Latomus, Collection Latomus, 1954, p. 17-20 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 54).

² Cf. L. ZURLI, *op. cit.*, p. 10.

³ E. g., *Nouus Auianus (Astensis)*, cuja obra foi traduzida e comentada por L. ZURLI, *op. cit.*; *Nouus Auianus (Vindebonensis)*; Alexandre Neckam, etc.

⁴ Na Biblioteca Nacional de Lisboa, encontram-se duas edições das *Fábulas*, ambas atribuídas a Flávio Aviano: *Aesopiarum fabularum liber. Antuerpiae: ex officina Christophori Plantini, 1572*, e *Flavii Aviani fabulae ad ms. collatae: accedunt variae lectiones in ovidii remedium amoris, theodulii eclogam et catonis disticha / curante Jo. Ad. Nodell, ... Amstelodami: apud Petrum den Hengst, 1787*. L. HERVIEUX, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 56) fez o levantamento de trinta e sete edições ou reimpressões das *Fábulas* de Aviano nos séculos XVI e XVII.

⁵ Cf. F. GAIDE, *op. cit.*, p. 56.

⁶ De entre os muitos exemplos esparsos pela Literatura Portuguesa, citemos o da fábula *O lobo e o gozo*, de Curvo Semedo (1766-1838), cognominado de *La Fontaine Português* (Curvo Semedo, *Fábulas*. Mem Martins, Europa-América, s/d, p. 37). A fábula de Curvo Semedo terá sido influenciada pela sua homónima □□□□□□□□□□□□□□□□, de Esopo. Aviano manteve, basicamente, o enredo da fábula do seu predecessor, substituindo, todavia, o lobo pelo leão: fábula 37 – *DE CANE ET LEONE*.

⁷ Cf. *O Livro de Esopo publicado conforme um ms. do séc. XV existente na Bibl. Palatina de Viena de Áustria*, por Leite de Vasconcelos. Lisboa, 1906 (*apud* M. G. VIANA, *Fabulário*. Editora Educação Nacional. Porto, 1942, p. 54).

escritor francês, podemos depreender que elas reflectem, sobretudo, influências de Esopo e Fedro. Explica-se, pois, como, em grande parte dos nossos fabulistas, se façam sentir, quase exclusivamente, as vozes destes dois últimos autores da Antiguidade.

6. AS PERSONAGENS

As personagens são elementos essenciais das fábulas, pois dão vida à narrativa, agindo com outros intervenientes, e revelando-nos todo um micro-cosmos, um universo psicológico com os seus vícios e virtudes, onde cada um de nós vê reflectida a sua imagem. Através delas, o fabulista tenta transmitir-nos um código comportamental, presente nas moralidades.

L. PEPE tece as seguintes considerações a propósito da fábula:

Con la preponderante presenza di animali come personaggi, la favola si differenzia nettamente dal mondo umano e passionale della narrativa ed abbraccia un campo che è marginale nei riguardi dell'umanità, anche se presenta un costante riferimento all'uomo¹.

É curioso notar, neste excerto, a ambivalência do carácter da fábula: ora se distancia do mundo humano (ligando-se a um universo distante e marginal), ora retorna ao mundo dos homens, através das múltiplas referências que a eles são feitas. O elo de ligação entre esse mundo da fábula, afastado e ‘estranho’, e este mundo real é conseguido graças às personagens, elementos cheios de vida e reveladores dos mais variados estados da nossa alma.

As personagens das fábulas possuem um papel importantíssimo, porque lhes cabe a difícil missão de, num curto texto narrativo, expor o complexo emaranhado

¹ Cf. L. PEPE, *La narrativa*, in AA. VV., *Introduzione allo studio della cultura classica*, I, Milano, 1972, p. 399 (*apud* D. LASSANDRO, ‘La favola antica: proposta di un percorso didattico’, *Ars narrandi – Scritti di narrativa antica in memoria di Luigi Pepe*, a cura di C. Santini e L. Zurli (1996), p. 203-208 (p. 203).

de emoções e sentimentos humanos. Estas ideias vão ao encontro da afirmação de D. LASSANDRO:

*Nella favolistica greca e latina gli animali rappresentano le qualità, le virtù e i difetti degli uomini (...)*¹.

Esta representação, por parte dos animais, do mundo psicológico dos homens tem como objectivo a denúncia e a conseqüente morigeração dos comportamentos humanos, veiculada na moralidade, implícita ou explícita, da fábula. Estas ideias surgem também explanadas no *Dicionário de Narratologia* de C. REIS e A. C. M. LOPES:

*A fábula designa um relato quase sempre breve, de acção relativamente tensa, mas não muito sinuosa, interpretada por personagens também não excessivamente complexas (personagens que são muitas vezes animais irracionais), apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral (...)*².

Vejamos, então, o elenco das personagens das nossas fábulas:

FÁBULAS	PERSONAGENS
1 [DE NVTRICE ET INFANTE]	Ama / Criança / Lobo / Loba
2 [DE TESTVDINE ET AQVILA]	Tartaruga / Águia
3 [DE CANCRO SVVM DOCENTE FILIVM]	Caranguejo-mãe / Caranguejo-filho
4 [FABVLA PHOEBI BOREAEQVE]	Bóreas / Febo / Viajante
5 [DE ASINO PELLE LEONIS INDVTA]	Burro / Camponês
6 [DE RANA ET VVLPE]	Rã / Raposa
7 [FABVLA CANIS MORDACIS]	Dono / Cão / Cão Velho
8	

¹ Cf. D. LASSANDRO, 'La favola antica...', p. 204.

² Cf. C. REIS – A. C. M. LOPES, *Dicionário de Narratologia*. Coimbra, Livraria Almedina, ⁶1998, p. 158.

[DE CAMELO]	Camelo / Júpiter
9 [DE DVOBVS SOCIIS ET VRSA]	Dois amigos / Ursa
10 [DE CALVO EQVITE]	Cavaleiro / Multidão
11 [DE GEMINIS OLLIS]	Pote de bronze / Pote de barro
12 [DE RVSTICO ET THESAVRO]	Camponês / Fortuna
13 [DE TAVRO ET HIRCO]	Leão / Touro / Bode
14 [DE SIMIA]	Macaca e filho/Júpiter/Animais selvagens
15 [DE GRVE ET PAVONE]	Grou / Pavão
16 [DE QVERCV ET HARVNDINE]	Carvalho / Cana
17 [DE VENATORE ET TIGRIDE]	Caçador / Tigre / Raposa
18 [DE QVATTVOR IVVENCIS ET LEONE]	Novilhos / Leão
19 [DE ABIETE ET DVMIS]	Abeto / Sarça
20 [DE PISCATORE ET PISCE]	Pescador / Peixe
21 [DE AGRICOLA ET AVE]	Agricultor e amigos /Ave e filhos
22 [DE CVPIDO ET INVIDO]	Ambicioso / Invejoso / Apolo
23 [FABVLA DE VENDITORE BACCHI]	Vendedor / Baco
24 [DE VENATORE ET LEONE]	Caçador / Leão
25 [DE PVERO ET FVRE]	Menino / Ladrão
26 [DE CAPELLA ET LEONE]	Cabra / Leão
27 [DE CORNICE ET VRNA]	Gralha
28 [DE RVSTICO ET IVVENCO]	Camponês / Novilho
29 [DE VIATORE ET SATYRO]	Viajante / Sátiro
30 [DE HOMINE ET PORCO]	Homem / Porco
31 [DE MVRE ET BOVE]	Rato / Boi
32 [DE HOMINE ET PLAVSTRO]	Camponês / Hércules
33 [DE ANSERE OVA AVREA PARIENTE]	Gansa / Dono

34 [DE FORMICA ET CICADA]	Formiga / Cigarra
-------------------------------------	-------------------

35 [DE SIMIA ET NATIS]	Macaca / Filhos
36 [DE VITVLO ET BOVE]	Bezerro / Boi
37 [DE CANE ET LEONE]	Cão / Leão
38 [DE PISCE EVNTE IN MARE]	Peixe do rio / Peixe do mar
39 [DE MILITE ET LITVO]	Soldado / Trombeta
40 [DE PARDO ET VVLPE]	Leopardo / Raposa
41 [DE OLLA CRVDA A FLVVIO RAPTA]	Pote de barro / Chuva
42 [DE LVPO ET HAEDO]	Lobo / Cabrito

Uma análise das fábulas permite-nos estabelecer as seguintes interacções entre as suas personagens, discriminadas por ordem decrescente de recorrência (embora, em algumas fábulas, haja mais do que uma interacção, optou-se por aquela que dominava):

- 6.1. Interacção animal / animal (Fábulas 2, 3, 6, 7, 13, 15, 18, 26, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40 e 42).**
- 6.2. Interacção animal / homem (Fábulas 1, 5, 17, 20, 24, 28, 30 e 33).**
- 6.3. Interacção homem / homem (Fábulas 9, 10, 21, 22 e 25).**
- 6.4. Interacção homem / ser mitológico (Fábulas 12, 23, 29 e 32).**
- 6.5. Interacção divindade / animal (Fábulas 8 e 14).**
- 6.6. Interacção vegetal / vegetal (Fábulas 16 e 19).**
- 6.7. Interacção divindade / divindade (Fábula 4).**
- 6.8. Interacção objecto / objecto (Fábula 11).**
- 6.9. Interacção animal / objecto (Fábula 27)¹.**
- 6.10. Interacção homem / objecto (Fábula 39).**
- 6.11. Interacção força da Natureza / objecto (Fábula 41).**

¹ A bilha desta fábula não é uma personagem, mas um adereço. Todavia, incluímos a fábula nestas interacções, já que a gralha cria, de certa forma, uma relação com a bilha, embora esta seja desprovida de vida.

Estas interacções permitem-nos analisar o modo como os vários intervenientes das fábulas se articulam entre si e que tipo de relações são estabelecidas:

6.1. Interação animal / animal

Nesta interacção, o animal que mais vezes aparece pertence à família dos bovinos. O touro (fábula 13) surge-nos com aquela imagem que lhe é característica: a combatividade e a pujança física¹. Porém, mostra-se mais empenhado em salvar a sua vida, posta em risco por um enorme leão, do que fazer prevalecer a sua força bruta sobre o bode, de pelo eriçado, combativo... e atrevido, que lhe barra a entrada numa caverna, o refúgio escolhido pelo touro para se esconder do leão perseguidor. O touro, ultrajado no seu mérito por um vulgar bode, vocifera e faz ver ao seu rival caprino (a quem chama ‘fedorento’ e ‘mil vezes tolo’) que apenas não age à altura da sua força por estar em fuga. O bode sai desta história com uma imagem negativa, uma vez que, aproveitando-se de uma situação desfavorável, arrogantemente ostenta a sua força, incomparavelmente inferior à do touro. O caprino representa, assim, aqueles que, movidos pela sua jactância, têm uma conduta ridiculamente altiva, vangloriando-se de méritos que não possuem.

Numa outra fábula (fábula 31), um enorme boi é desafiado por um minúsculo e ousado rato, que o morde numa pata. Previdente, o roedor corre a refugiar-se na sua toca e o bovídeo, apesar de marrar em vão no ar, não consegue vislumbrar a causa da sua dor. É curioso notar nesta fábula o confronto entre o grande e o pequeno, entre a força bruta e a fragilidade da força. Ao contrário do que seria de supor, o rato vence graças à sua rapidez e ao seu tamanho, minúsculo se o compararmos com o do boi, o que lhe permite morder sem ser notado. A pequenez torna-se, assim, numa vantagem face à força. Astutamente, o rato dirige-se ao boi e faz-lhe ver que ser grande não é sinónimo de tudo poder e que a ousadia muito vale diante de um gigante incapaz de se defender (vv. 11-12):

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa, Teorema, 1994, p. 650.

*Disce tamen breuibus quae sit fiducia rostris,
ut faciat quicquid paruula turba cupit.*

Num outro contexto (fábula 36), um boi aparece em diálogo com um bezerro. O primeiro surge-nos com aquela imagem que tradicionalmente lhe é atribuída: um ser com uma grande capacidade de esforço e trabalho¹. Cumpria, resignadamente, a sua tarefa de lavrar os campos e só no fim, quando estava completamente extenuado, lhe era concedido o repouso. Esta dedicação, embora forçada, ao seu trabalho é alvo de crítica por parte do bezerro, que se vangloria de nada fazer e de correr os campos, livre do jugo. A resposta do mais velho é aquela típica postura que alguns bovinos assumem perante o mundo: a indiferença. Porém, no universo das fábulas, o ‘crime’ poucas vezes compensa e a despreocupada ociosidade do bezerro é ‘premiada’ com o seu sacrifício aos deuses, pelo vitimário – entre um bezerro nada produtivo e um boi trabalhador, os homens não tiveram dificuldade em escolher aquele que menos lucro representava. Desta fábula sai louvado o trabalho e condenada a ociosidade. O primeiro trouxe a vida e a segunda, a morte.

Na fábula 18, quatro grandes novilhos, unidos por uma extrema amizade, ao pastarem juntos num prado, despertam o apetite voraz de um leão. Todavia, o rei dos animais, apesar de ser extremamente selvagem ao ponto de despedaçar um dos bovinos, mostra-se previdente e não se atreve a enfrentar quatro pares de cornos que podem muito bem acabar com a sua vida. *Se a união faz a força, então há que desunir para enfraquecer e triunfar* – deve ter sido este o pensamento do leão. Então, o felino faz uso da sua força persuasiva e, com palavras apropriadas, provoca a discórdia entre a pequena manada e desune-a. Destarte, os bois, que juntos representavam antes uma ameaça para o leão, agora, desunidos pela inimizade que reina entre eles, tornam-se numa presa fácil e um a um são mortos e devorados pelo feroz animal. A mensagem desta fábula é clara – a fidelidade aos amigos e a conseqüente união podem vencer muitos obstáculos. Entre a amizade e a inimizade vai a distância que existe entre a força e a fraqueza, entre a vida e a

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 125.

morte. A esta conclusão chegou um dos novilhos na hora da morte, mas já era tarde de mais (vv. 17-18):

*neue cito admotas uerbis fallacibus aures
impleat aut ueterem deserat ante fidem.*

A figura do leão surge de novo na fábula 37, acompanhada de um cão. Aqui, o rei dos animais, mais uma vez, faz justiça ao título que lhe é atribuído. De facto, apesar de se encontrar esfomeado, não troca a sua liberdade pela prisão em que vive o cão, bem nutrido. Este tem alimento e conforto proporcionados pelos humanos, mas à custa de um preço bem alto – o da privação do bem mais precioso a todo o ser, ou seja, a liberdade. Com um estrondoso rugido, o leão rejeita o aliciamento do seu interlocutor para se submeter ao homem e, apesar de esgotado, afasta-se para o seu reino, onde governa livremente. O soberano felino não poderia ter um destino que desonrasse a sua imagem e submeter-se ao domínio de outrem. Com a sua atitude, demonstrou-nos que a liberdade tem um preço e que esta é sempre preferível à escravidão.

De assediado, o leão passa a assediador na fábula 26. Vendo uma cabra a pastar num alto rochedo e desejando saciar o seu apetite voraz, tenta atraí-la para perto de si, com a promessa de ‘petiscos’ saborosos: o codesso, o vimeiro e o tomilho. É curioso notar que o felino, não podendo recorrer à sua força feroz, tenta usar o poder da persuasão, mas em vão: o caprino, antevendo, astutamente, os seus intentos, recusa a sua proposta e denuncia os verdadeiros motivos do seu interlocutor. Na realidade, foi graças à sua astúcia e bom senso que a cabra pôde manter a sua vida em segurança. Astúcia e bom senso são, pois, praticamente as únicas armas de defesa do fraco frente ao poderoso.

Igual atitude revela o caprino da fábula 42. Ao fugir de um lobo esfomeado, um ágil cabrito consegue escapar às garras da fera e foge para um lugar mais elevado, fora do alcance do rapace. Tal como na fábula anterior, o predador tenta seduzir a sua potencial presa com um discurso pérfido: assegura-lhe que, se ele não descer para a segurança dos campos (entenda-se, para perto de si), então enfrentará uma morte certa na ponta de um cutelo de um vitimário. Mas, este

argumento não resulta, pois o cabrito, à semelhança da cabra da fábula precedente, mostra-se astuto, não se deixa influenciar pelas palavras falsas do seu adversário e desmascara os seus verdadeiros intentos. Numa desconcertante revelação ao lobo, o caprino afirma que preferirá ‘saciar’ os deuses a encher as goelas de um esfomeado lobo (vv. 13-14):

*Nam sat erit sacrum diuis fudisse cruorem
quam rabido fauces exsaturare lupo.*

Como na fábula 26, a argúcia e o bom senso do fraco triunfam sobre a ferocidade do mais forte.

Um animal que tradicionalmente aparece associado ao mundo das fábulas é a raposa.

Numa ocasião (fábula 6), ela interage com uma rã. Esta vangloriava-se junto dos outros animais de curar todo o género de doenças e até de superar, neste campo, o deus Péon. A rã consegue enganar todos os habitantes da floresta, excepto a astuta raposa, que denuncia os falsos méritos da ‘curandeira’, ridicularizando-a publicamente pelo seu aspecto físico nada saudável, com os membros doentes e uma cor pouco sadia: quem não é capaz de se curar, não poderá auxiliar os outros. É evidente, nesta fábula, a crítica aos maus médicos, cujos méritos profissionais não convencem os seus pacientes¹.

A tradicional esperteza e astúcia da raposa volta a ser posta em prática na fábula 40. Aqui, ela depara-se com um leopardo. Este felino assume-se por vezes, no imaginário comum, como símbolo da altivez² e, de facto, ele demonstra esta sua característica, quando se considera superior aos demais seres da floresta devido à sua aparência física – para ele, a sua pele malhada não encontrava outra igual no mundo da natureza, pelo que desdenhava da imagem dos outros animais. A raposa, mais uma vez arguta, faz brilhar a luz do seu espírito, ao declarar, peremptoriamente, a superioridade da inteligência sobre a beleza física. Ela

¹ É curioso notar que Bocage, nos seus epigramas, também recorre a este tópico dos maus médicos. Veja-se, e. g., o epigrama XLIV: *A Morte, perdende a fouce./ Creu sua força desfeita./ Disse-lhe um médico insigne:/ “Aqui tens esta receita.”* (*Opera Omnia – vol. IV*. Preparação do texto e notas de A. S. JÚNIOR. Lisboa, Livraria Bertrand, 1972, p. 147).

² Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 405.

reconhece ao leopardo a formosura da sua figura, mas coloca-se acima deste no domínio do espírito. No mundo da natureza, é a astúcia, e não a beleza, que permite aos animais sobreviverem. Além disto, a verdadeira beleza é aquela que é invisível aos olhos comuns, permanecendo sempre viva ao longo dos anos, sem se deteriorar.

A vaidade do leopardo encontra eco noutros animais: no cão (fábula 7), no pavão (fábula 15) e no peixe do rio (fábula 38).

Na fábula 7, um homem, a fim de proteger as outras pessoas dos ataques do seu cão, ata-lhe ao pescoço uma campainha: desta forma, a sua presença seria logo apercebida e poderia ser evitada. Todavia, o cão não encara esta dádiva como um castigo, mas como uma recompensa. Quando se aproxima da matilha, vangloria-se do seu prémio, considerando-se superior aos demais cães e desprezando-os por não terem aquele atributo distintivo. Esta arrogância canina é logo derrubada pelo mais velho da matilha e mais experiente na vida e no convívio com os homens. Este demonstra ao seu congénere vaidoso que a campainha é um estigma e, como tal, não deve ser motivo de jactância.

O pavão (fábula 15) dialoga com um grou, demonstrando, arrogantemente, a sua superioridade, baseada na aparência física. E, para fazer notar, de forma mais evidente, a força dos seus argumentos, abre em leque a sua esplêndida cauda, símbolo da beleza irradiante do disco solar¹. Todavia, a sua congénere, embora seja desprovida daquela beleza multicolor do pavão e apesar de não possuir a sua graciosidade, faz-lhe ver que possui um dom dado pela mãe-natureza: a capacidade de voar, de migrar para locais distantes com total liberdade para cruzar os céus, ao passo que o pavão apenas se limita a arrastar no chão as suas belas penas. Se, na fábula anterior, a beleza física não igualava a beleza do espírito, aqui comprova-se que a formosura física de pouco vale se não for funcional.

Na fábula 38, encontramos uma vaidade que, ao contrário dos exemplos anteriores, não tem razão de ser. Um peixe do rio, sendo arrastado por uma corrente de água, vai ‘desaguar’ nas águas do mar e aqui vangloria-se, diante dos peixes marítimos, de ser a todos superior. Esta oca presunção encontra um feroz adversário, um gobião, que desmascara a vaidade do intruso, comprovando-lhe que

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 507.

ele, oriundo do rio, pouco valeria num mercado de peixe ao lado de si. Desta forma, a jactância e a vaidade do peixe fluvial foram postas a descoberto, ficando, assim, reduzido ao seu real valor.

Também vítima de crítica, se bem que a outro nível, encontramos a cigarra, na fábula 34. Aqui, deparamo-nos com dois insectos, em tudo diferentes: a formiga, com aquela característica tão sua que é a labuta industriosa¹, amealhou na sua toca alimentos para os dias frios de Inverno; a cigarra, negligente e imprevidente², viveu o Verão despreocupadamente a cantar, sem juntar grãos para os dias mais frios. Agora que o Inverno chegou, a cigarra, suplicante, implora à sua vizinha que lhe dê um pouco de alimento. Então, a formiga revela que, apesar de muito laboriosa, não possui nenhuma espécie de misericórdia pela cigarra e mostra-se até muito cínica, quando a aconselha a dançar agora, já que antes cantara (vv. 19-20):

*At tibi saltandi nunc ultima tempora restant,
cantibus est quoniam uita peracta prior.*

Premeia-se, assim, o trabalho em detrimento da inactividade e do lazer³.

Se na situação atrás descrita a crítica pode ter sido, consoante as interpretações, justa ou injusta, porém, na fábula 3, ela revela-se nitidamente injusta. Um caranguejo, ainda pequeno e desajeitado nos seus passos trôpegos, é criticado pela sua mãe por não ser capaz de andar de uma forma mais resoluta. O caricato da situação é que a mãe-caranguejo, apesar de anotar os defeitos do andar do seu filho, não consegue, devido à sua própria natureza, fazer melhor que ele. O filho, perspicaz e mais desenvolto no raciocínio do que nos passos, cala as

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 336.

² Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 195.

³ Se, na fábula de Aviano, a cigarra é castigada pela sua preguiça, numa versão de Olegário Mariano (1889-1958), o insecto assume o papel de cultor da arte de cantar. Este poeta, ao recriar a fábula, dá-lhe um desfecho inesperado, revelando empatia com o ofício do artista: *Deus que ouvira, entretanto,/ Sentenciou da alta abóbada vazia:/ “Canta, Cigarra, canta que o teu canto/ Será o teu pão de cada dia”./ Esta lenda bizarra/ Que o tempo não consome,/ Vem aos poetas provar/ Que a Cigarra/ Nunca mais morreu de fome.../ Morre agora é de cantar. In V. ALMEIDA – L. C. CASCUDO, Grande Fabulário de Portugal e do Brasil. Lisboa, Fôlio, 1961-1962, 1º v., p. 108 (apud Boletim Cultural: Conto e Reconto – as fábulas. Fundação Calouste Gulbenkian, VIII Série, n.º 2, Maio de 1996). Também Miguel Torga (1904-1995), no seu texto *Fábula da fábula*, atribui ao acto de cantar a ideia de vida, contrariando a tradição fabulística da história da cigarra e da formiga: (...) *A fábula garantia/ Que quem cantava/ Morria/ De Fome./ E, realmente... / Simplesmente,/ Enquanto a fábula contava,/ Um demónio secreto segredava/ Ao ouvido secreto/ De cada criatura/ Que quem não cantava/ Morria de fartura. (Diário VIII. Coimbra, Edições do Autor, 2º 1960, p. 144-145).**

injustas críticas da sua progenitora com um argumento de peso: quem não sabe fazer melhor e comete os mesmos erros, não deve criticar o comportamento alheio.

A relação mãe/filhos aparece também retratada na fábula 35. Porém, aqui a macaca-mãe trata os seus dois filhos de forma bem diferente: ao colo, perto do seu coração, leva um com extremo amor, enquanto o outro, desprezado, é transportado dependurado no pescoço. Note-se que a forma como os filhotes são levados é bem reveladora do sentimento materno: o predilecto é agarrado pela sua mãe e o preterido tem que se agarrar, para não ser deixado para trás. A sorte tem as suas razões e, por vezes, sorri aos menos afortunados – depois de ouvir um grande estrondo, a macaca deixa, assustada, cair o filho que levava ao colo, ao passo que o outro, porque se mantinha bem preso ao pescoço da sua progenitora, salva-se. Assistimos, então, a um revés da fortuna: como a descendência fica reduzida a um filho, o que era antes desprezado pela sua mãe é agora acarinhado por si, visto ser o único herdeiro. A fábula dá uma nota de esperança aos desafortunados e um sinal de aviso aos bafejados pela sorte: os primeiros podem aguardar por melhores dias e os segundos devem estar preparados para a instabilidade da vida.

A instabilidade da sorte também está presente na fábula 2, cujas personagens são uma tartaruga e uma águia. A primeira, frustrada na lentidão do seu andar e desejosa de voar, inventa um estratagema para convencer a águia a levá-la pelos ares: promete à ave que, se a elevar até aos céus, receberá, como recompensa, uma pérola. A sorte parece sorrir ao réptil, que, desta forma, tenta compensar a sua natureza de animal vagaroso e concretizar um desejo seu: voar. Porém, nas alturas, assiste-se a uma mudança da fortuna, quando a águia, apercebendo-se da mentira que a tartaruga engendrara, a mata com as suas garras poderosas. Há um duplo castigo: em primeiro lugar, para a perfídia; em segundo lugar, para a insatisfação. A tartaruga morreu porque usou a mentira para atingir os seus objectivos e porque não se satisfez com aquilo que a mãe-natureza lhe determinara: viver no solo.

6.2. Interação animal / homem

As relações entre seres irracionais e racionais não se revelam nada pacíficas, já que, na maior parte dos casos, o ser humano cria um ambiente pouco amigável.

Na fábula 5, um camponês desmascara um burro que, tendo encontrado e vestido uma pele de leão, atemoriza os outros animais que ia encontrando. O papel do homem é duplamente benéfico: em primeiro lugar, depois de pôr a nu a farsa engendrada pelo asno, traz a paz e o sossego aos outros seres assustados; em segundo lugar, dá uma lição ao burro, demonstrando que cada um deve contentar-se com o que tem, não devendo, por isso, querer mudar a sua própria natureza.

Num outro contexto (fábula 28), um camponês, trabalhador, tenta amansar um novilho, para que este o ajude a arar a terra. Todavia, mesmo depois de o homem ter serrado ao animal os cornos e de ter tentado amarrá-lo com umas correias, o bovídeo mostra-se, não como estereótipo de um ser pacífico e laborioso¹, mas com uma fúria indomável. Em sinal de protesto, o novilho atira aos olhos do seu dono a poeira do solo fustigado pelas suas patas furiosas. O agricultor, desanimado e derrotado, reconhece que o carácter de cada um não pode ser mudado... pelo menos facilmente.

Finalmente, a figura do camponês volta a surgir na fábula 30, em interacção com um porco. Este, a fim de saciar a sua sôfrega voracidade, que lhe é tão típica², invade umas searas. Um agricultor, encolerizado com o atrevimento do suíno, corta-lhe uma orelha, em sinal de aviso para que evite, de futuro, aquelas paragens. Mas o animal incorre no mesmo erro, ataca novamente as searas... e perde a outra orelha. Já sem orelhas, o porco decide visitar, pela terceira vez, o local do crime, o que viria a revelar-se um erro fatal: o camponês, que antes fora tolerante ao ponto de poupar a vida do animal, agora mostra-se inclemente e mata-o. Fica, assim, condenada a insensatez do animal.

Insensatez e ambição desmedida caracterizam a conduta do dono de uma gansa, na fábula 33. O homem, vendo que o animal punha apenas um ovo de oiro de cada vez e receando que aquela fonte de riqueza se esgotasse, decide matar a ave, para, assim, poder extrair o filão de ouro supostamente escondido. Porém, depois de a desventrar, constata que as suas vísceras estão vazias. Ao dono da gansa, apenas restam a desilusão e o castigo da sua avidez: ficar desprovido da fonte da sua riqueza.

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 125.

² Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 537.

Outra personagem humana que nos surge é o caçador (fábulas 17 e 24) e dele ficamos com uma imagem extremamente negativa. Na fábula 17, um caçador fustiga, cruelmente, com um chicote uns animais que se haviam refugiado nas suas tocas. Um tigre assiste àquela cena deplorável e decide intervir. Embora associemos a este felino a ideia de poder, ferocidade e caça¹, todavia a sua conduta, nesta história, é inesperada, pois socorre, solidária e corajosamente, os outros animais, vítimas do caçador. Porém, este, escondido, fere, covardemente, o animal numa pata. Ficamos, pois, com a ideia que a valentia do caçador é apenas dirigida contra os animais indefesos. Interpelado por uma raposa, que se mostra preocupada com o estado da sua saúde, o felino revela-lhe que, embora não saiba ao certo quem foi o seu agressor, todavia desconfia que tal acto só poderia ter sido perpetrado por um homem (vv. 15-18):

*Nulla quidem medio conuenit in aggere forma
quaeque oculis olim sit repetenda meis,
sed cruor et ualidis in nos directa lacertis
ostendunt aliquem tela fuisse uirum.*

É curioso notar que, no mundo animal, supostamente selvagem e cruel, a imagem do homem está conotada com a selvajaria e a crueldade.

A figura do caçador surge novamente na fábula 24. Aqui, não se mostra cruel, como na fábula anterior, mas sim arrogante na sua supremacia como ser humano. Ele e um leão vislumbram uma estela funerária, onde é representado um homem a subjugar o rei dos animais, depois de o ter matado. O caçador, vaidoso na sua suposta superioridade, dialoga com o seu interlocutor, o leão, e enaltece o valor simbólico daquela cena: para si, aquela representação é mais do que uma prova evidente da supremacia do género humano sobre o género animal. Mas, o traço selvagem do leão faz-se ouvir e, com um feroz rugido, argumenta que aquela obra é tendenciosa, uma vez que foi um ser humano que a fez. E acrescenta que, se a natureza tivesse permitido aos animais o uso das suas patas com fins artísticos,

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 645.

então o caçador veria a verdade: o homem a ser morto pelo leão, muito superior em força e coragem. Perante estes argumentos, a jactância do caçador sai vencida.

Na fábula 20, encontramos o homem numa outra actividade: a pesca. À beira-mar, um pescador captura um peixe ainda muito jovem. Este suplica-lhe que lhe poupe a sua vida, pois nasceu há muito pouco tempo, e promete-lhe que, quando chegar à fase adulta, voltará, mais nutrido, para ser pescado, de novo, pelo homem. Porém, o pequeno peixe não comove com as suas lágrimas o providente pescador, que, preferindo o certo ao incerto, o apanha para o seu prato.

Deixámos para o fim a única fábula onde a interacção animal / homem se faz sem que o ser humano tenha a consciência da existência do animal. Referimo-nos à fábula 1. A personagem feminina, uma ama, ameaça o seu menino, que está a chorar, de o dar de comer ao lobo, caso não se calasse¹. Um lobo, mais crédulo que feroz, ao passar perto ouve estas palavras e leva-as a sério. Ingénua e pacientemente, espera até que a mulher se decida a concretizar a sua ameaça. Como, obviamente, nada acontece, o lobo, frustrado e defraudado, volta ao seu covil, com um ar abatido e de estômago vazio, queixa-se à sua loba da falta de seriedade das palavras da ama e acusa-a de não cumprir a sua promessa. O *epimythion* desta fábula é um pouco antifeminista, pois alerta-nos para a falta de credibilidade das mulheres:

*Haec sibi dicta putet seque hac sciat arte notari
femineam quisquis credidit esse fidem.*

6.3. Interacção homem / homem

A interacção homem / homem prima, praticamente em todas as fábulas, por um tom negativo, à excepção da fábula 10. Aqui, um cavaleiro, hábil no volteio com o seu cavalo no Campo de Marte perante uma multidão, vê-se despojado da sua cabeleira, arrebatada por uma lufada de vento. Como é natural, a reacção do

¹ Este hábito tem a ver com o costume de se atemorizar as crianças com a alusão a Mormólice, a Loba-Mormo. Dizia-se que esta loba fora ama de Aqueronte, o rio que as almas deveriam transpor até chegar ao reino dos Mortos. Além de Mormólice, também se amedrontavam as crianças com Mormo, um génio feminino que mordida todas as crianças, quer se portassem bem ou não, tornando-as coxas. No imaginário infantil (e não só) surge também Gelo, considerada uma

público, perante um cavaleiro que, de repente, fica careca, é espontânea e a gargalhada generaliza-se. Porém, o homem, revelando o seu espírito sagaz e humorístico, com toda a naturalidade encara o sucedido, com uma saída bem apropriada:

*“Quid mirum” referens “positos fugisse capillos
quem prius aequaeuae deseruere comae?”*

Outra atitude não seria de esperar de um cavaleiro, que, tradicionalmente, aparece associado ao triunfo e ao domínio de si próprio e das situações¹.

Nas outras fábulas, como já foi referido, as relações interpessoais não são tão amistosas. Na fábula 9, dois amigos, em passeio pela floresta, discorrem sobre as vantagens da amizade numa amena cavaqueira, nomeadamente, sobre a solidariedade que os unia. Porém, mal lhes aparece uma urso esfomeada no seu caminho, logo um deles abandona o amigo à sua sorte e trepa para a segurança de uma árvore, enquanto o outro, prostrado na terra e fingindo-se morto (o que não era muito difícil, pois os seus membros estavam paralisados de terror), é atacado pelo animal. Este, julgando que o homem estava morto, e não desejando comer carne ‘putrefacta’, abandona-o e volta à sua caverna. O outro homem, depois de se certificar que a fera já partira, desce da árvore e pergunta ao seu amigo que coisas a urso lhe segredara ao ouvido, já que esta se detivera durante algum tempo perto da sua cabeça. Aproveitando a desfaçatez do seu interlocutor, o outro, numa atitude sarcástica, responde que ela apenas o advertira para a falsa amizade do seu ‘amigo’. A situação vivida por estes dois homens é caricata, pois assistimos a uma passagem repentina das boas intenções (solidariedade) aos actos (abandono). Desta fábula, saem, pois, criticadas a ingratidão e a falsa amizade.

As personagens das duas fábulas seguintes – o agricultor da fábula 21 e o ladrão da fábula 25 – têm um traço comum: a credulidade. Fiado na solidariedade dos outros, o agricultor pede, por várias vezes, a ajuda aos seus amigos para o auxiliarem na ceifa de uma seara, mas em vão. Os seus pedidos são escutados por

‘alma penada’ que vinha à Terra, a fim de roubar as crianças. Por fim, a galeria não ficaria completa sem a referência a Lâmia, um monstro feminino que roubava crianças e era invocada pelas amas como ‘o papão’.

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 170.

uma ninhada de aves, que se encontra escondida no meio das plantas. Todavia, e é curioso notar-se, a mãe das pequenas aves, conhecedora da natureza egoísta do ser humano (mais, até, que o próprio lavrador), não se muda daquelas paragens, pois sabe que os amigos do agricultor não o ajudarão. Mas, embora crédulo, ele mostra-se empenhado na sua labuta. Isto sabe-o bem a mãe-ave, pois, quando o camponês decide contar só consigo mesmo, ela não tem outra alternativa senão abandonar, com os seus filhotes, aquela seara. Se, por um lado, há uma crítica à falta de amizade entre os seres humanos, por outro, há um elogio explícito à capacidade de trabalho do lavrador.

Por sua vez, o ladrão da fábula 25 passa de usurpador a usurpado, porque confiou ingenuamente num menino que, de ingénuo, não tinha nada, contrariando a imagem que universalmente se tem de si¹. Este, dolosamente, encena uma história inventada, que conta ao ladrão. Com as faces banhadas de lágrimas (‘de crocodilo’, diríamos hoje), pede ao seu interlocutor que desça ao fundo de um poço, onde deixou cair uma bilha de ouro. O outro, solícito na sua avidez, prontamente socorre o menino, depois de ter despido a sua veste, cobiçada pelo pequeno. Quando o ladrão constata que não há qualquer bilha de ouro e, azar dos azares!, que a sua roupa fora roubada pelo seu interlocutor, reconhece e lamenta a sua credulidade e insensatez.

A ambição do ladrão tem paralelo numa personagem da fábula 22 – o ambicioso. Júpiter manda à Terra o seu filho Apolo, a fim de este estudar os espíritos humanos². Cá em baixo, o deus encontra dois homens: um ambicioso e um invejoso. Assediado por pedidos dos dois homens, Apolo (provavelmente, para ver a reacção de cada um) promete dar em duplicado a um aquilo que outro tiver pedido. Então, o deus observa esta triste cena: o ambicioso não formula qualquer voto para que o outro nada receba; o invejoso, desejando ser o único vencedor, pede para viver privado de um olho, de modo que o seu adversário fique sem os dois. Quando volta ao Olimpo, Apolo apresenta a seu pai o ‘relatório’ da sua

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 240.

² A escolha de Apolo foi intencional, pois ele vai ser o mediador entre os desejos dos dois homens desta fábula. Talvez Júpiter tenha enviado o seu filho à Terra com o objectivo de espiritualizar um pouco a Humanidade, endurecida pelos seus vícios. – cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 76: (...) *esta personagem divina torna-se cada vez mais complexa, sintetizando em si inúmeras oposições que consegue dominar, para acabar num ideal de sabedoria que define o milagre grego. Realiza o equilíbrio e a harmonia dos desejos, não suprimindo as pulsões humanas, mas orientando-as para uma espiritualização progressiva, graças ao desenvolvimento da consciência.*

missão, onde descreve de forma realista o carácter mesquinho dos humanos, ao ponto de quererem para si e para os outros um mal extremo.

6.4. Interação homem / ser mitológico

Nas quatro fábulas onde se verifica esta interação, nota-se que não há sintonia entre os seres mitológicos e os homens e aqueles, ora ficam desiludidos com o seu comportamento, ora não compreendem a sua conduta, ora os criticam.

Na fábula 12, um agricultor encontra, por acaso e enquanto lavrava a terra, um tesouro e, pronta e devotadamente, ergue um pequeno altar a Telure, divindade que representa a Terra nutricia. Tudo estaria bem, se a Fortuna não se sentisse injustiçada, ao prever que já não receberia incenso do ingrato camponês. Nas palavras desta deusa, fica implícita uma ameaça: agora, porque já não obtém a devoção do lavrador, ela pode pôr e dispor, a seu bel-prazer, da sua sorte, pois a vida dos homens está suspensa dos caprichos desta divindade implacável. O agricultor fica a saber que o tesouro encontrado pode não trazer a felicidade – é que esta pode ser efémera, dependendo das voltas que a Fortuna der ao seu leme. Tal é a sorte inconstante dos homens, sempre ao sabor da vontade desta deusa!

A personagem humana da fábula 32 revela-se um camponês comodista e preguiçoso, pois, vendo que o seu carro tinha ficado atolado na lama, com os seus bois aparelhados, suplica a Hércules que o ajude, embora estivesse sentado e nada tentasse fazer para resolver a sua situação. Do alto céu surge o deus, não para o ajudar, mas para o criticar duramente pela sua inactividade e adverte-o que não se devem importunar os deuses com pedidos deste género, quando não se tenta solucionar os próprios problemas.

Também objecto de crítica é o viajante da fábula 29. Acolhido por um Sátiro na sua caverna, num dia rigoroso de Inverno, o homem espanta o habitante dos bosques: com um bafo quente, aquece os seus enregelados membros e, com um sopro de ar frio, arrefece o vinho quente que lhe tinha sido oferecido numa cratera. O Sátiro, interpretando aquelas duas atitudes como um reflexo da duplicidade e falsidade do carácter do seu hóspede, expulsa-o da sua caverna e adverte-o para nunca mais voltar àqueles sítios. É óbvio que o comportamento do viandante nada

teve de censurável. Todavia, o hospedeiro, longe do convívio dos humanos, considerou que aqueles simples gestos denotaram uma falta grave na coerência comportamental do homem.

A fábula 23 é a única que ilustra a ‘dependência’ de um deus de um ser humano. Um vendedor esculpira e pusera à venda uma estátua de Baco e dois compradores dispõem-se a comprá-la. O destino da imagem do deus encontra-se nas mãos do vendedor: um comprador pretende adquiri-la para a colocar num túmulo e o outro, para a levar para um templo. Baco, sujeito a um futuro incerto, dirige-se ao comerciante e faz-lhe ver que depende de si definir para a estátua um destino menos nobre (servir de ornamento de um túmulo), ou mais nobre (estar presente num templo, e, assim, servir de devoção aos seus fiéis). Nada sabemos da decisão do comerciante, mas o *epimythion* desta fábula lembra-nos que, nas nossas mãos, trazemos a luz e as sombras e nelas reside o poder de fazermos o bem ou o mal (vv. 13-14):

*Conuenit hoc illis quibus est permissa potestas
an praestare magis, seu nocuisse uelint.*

6.5. Interação divindade / animal

Neste tipo de relação, o único deus que surge é Júpiter, com a sua imagem tradicional de um ser soberano, detentor da autoridade e regulador da ordem universal. A postura do pai dos deuses perante os animais é, nestas fábulas, um pouco trocista: ora se ri do feio camelo que pede para melhorar o seu aspecto (fábula 8, 11: *Iuppiter arridens...*), ora escarnece da fealdade da mãe macaca e do seu filho (fábula 14, 10: *... in risum compulit ire Iouem*).

Na fábula 8, o deus interage com um camelo, insatisfeito com o seu aspecto pouco belo, o que motivava o escárnio dos outros animais, mais felizardos, segundo ele, nos seus atributos físicos. Mas, assim como o pai dos deuses dá, ele pode também tirar e, ao invejoso camelo, ‘rouba-lhe’ as orelhas, para que, doravante, ele se lembre que cada um deve viver satisfeito com as dádivas da natureza.

Numa outra situação (fábula 14), Júpiter serve de juiz num concurso de beleza de filhotes de animais. A esta disputa ocorre toda a espécie de criaturas, entre as quais uma macaca, acompanhada do seu filho. Embora para os outros não fosse belo, todavia a mãe símia reivindica o prémio para o seu rebento, o que suscita o riso do próprio Júpiter. Este, rodeado de tanta beleza no Olimpo, não compreende que os olhos de uma mãe são ‘cegos’ para a fealdade do seu filho e que a verdadeira ‘formosura’ pode existir num ser aparentemente desprovido de dotes físicos. Esta atitude da macaca compreende-se, pois, para qualquer mãe, o seu filho será sempre o mais belo de todos, independentemente do seu aspecto físico.

6.6. Interação vegetal / vegetal

As personagens da fábula 16 não desenvolvem entre si uma relação de hostilidade (como é habitual nas outras fábulas), mas de aprendizagem. E, ao contrário do que seria de esperar, o mais forte aprende com o mais fraco. Um carvalho, símbolo, por excelência, da força, solidez e longevidade¹, é, inesperadamente, arrancado pela raiz por ventos fortes e levado pelas águas agitadas de um rio, até junto de uma cana. O carvalho, confiado, outrora, na sua natureza robusta e condenado, agora, a uma morte certa, fica muito admirado por aquela cana, tão frágil, conseguir aguentar-se contra violentas rajadas de vento. Assiste-se, então, a uma lição de sobrevivência, dada por um ser tão pequeno e frágil a outro, dotado, pela natureza, de força e solidez: na vida, não sobrevivem os mais fortes mas aqueles que se adaptam às suas vicissitudes. A cana, embora frágil, aproveitou a sua flexibilidade e curvou-se sob as rajadas de vento, sobrevivendo à tempestade; no carvalho, a robustez tornou-se num defeito e condenou-o à morte, pois ele foi incapaz de dobrar o seu sólido tronco. *Adaptação* pode ser a diferença entre a vida e a morte.

Como entre os homens e os animais, também nos vegetais encontramos a jactância. Na fábula 19, um esbelto e altivo abeto despreza a aparência da sua congénere, a sarça, notando-lhe a sua forma pouco atraente com os seus espinhos.

¹ Cf. J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *op. cit.*, p. 165. É curioso notar que os homens reconheceram nesta árvore a sua característica dominante, a força. Esta noção está bem patente na língua latina, pois a palavra que designa o carvalho é a mesma para ‘força’ – *robur* (força física e moral).

Esta mostra-se sagaz e faz ver ao seu interlocutor que, por vezes, a beleza é uma desvantagem, quando é cobiçada pelos outros: mais tarde ou mais cedo, o abeto verá o seu fim na lâmina de um machado, ao passo que ela será poupada, visto não suscitar o desejo de ninguém. Na Natureza, um aspecto menos belo pode ser sinónimo de sobrevivência.

6.7. Interação divindade / divindade

A única fábula onde há uma interação deste tipo é a 4, a qual ilustra a supremacia da persuasão sobre a força. Bóreas e Febo disputam entre si a consecução de uma tarefa: despojar um viajante das suas vestes. O deus do vento, usando a sua força característica, fustiga o homem com ventos tempestuosos, mas em vão, pois este envolve com firmeza o manto ao seu corpo. Apolo, por sua vez, assedia, com os seus quentes raios, o viandante, que é obrigado a sentar-se e a despir a sua veste por causa do calor. No fim da contenda, Febo regozija-se, pois provou que a subtileza pode mais que a força bruta.

6.8. Interação objecto / objecto

Encontramos, na fábula 11, duas personagens que, apesar de ‘irmãs’, reconhecem que o convívio mútuo pode ser prejudicial à mais fraca. Arrebatados pelas águas de um rio, dois potes, um de bronze e o outro de barro, vão corrente abaixo. O de bronze mostra-se cuidadoso e preocupado com a sorte do outro e promete-lhe seguir um percurso que não colida com o seu, para não o quebrar. O pote de barro sabe que qualquer aliança com os mais fortes traz o prejuízo aos mais fracos e que perto dos poderosos não há segurança. Assim, antevê o seu fim, quando for de encontro ao pote de bronze para se quebrar:

*Nam me siue tibi, seu te mihi conferat unda,
semper ero ambobus subdita sola malis.*

6.9. Interação animal / objecto

A fábula 27 descreve a relação entre uma gralha e uma bilha. Como já foi referido atrás, a bilha não é uma personagem, pois não tem vida própria, mas é apenas uma peça do cenário, com a qual a ave interage. Esta encontra-se sedenta e vê uma bilha com a apetecida água. Querendo satisfazer a sua sede, tenta, em vão, derrubar o recipiente. Inconformada com a situação, engendra, sagazmente, um esquema: com o bico, atira pequenas pedras para dentro da bilha, obrigando a água a subir de nível e saciando, assim, a sua sede. Diante do desafio, a inteligência revelou-se mais eficaz que a força.

6.10. Interação homem / objecto

Neste tipo de relação, temos um soldado e uma trombeta (fábula 39). Retirado dos combates, o homem, numa atitude pacifista e, talvez, de exorcismo dos seus ‘fantasmas’ de guerra, decide queimar todas as armas que haviam pertencido ao inimigo, como tinha prometido anteriormente. Porém, no lote dos objectos a destruir, encontra-se uma trombeta, que nega ter ferido ou matado quem quer que fosse no campo de batalha; apenas se limitara a incitar os outros ao combate com o seu chamamento, o que, na opinião do soldado, é motivo mais que suficiente para a queimar, porque, tanto é culpado aquele que mata, como o que incita a matar.

6.11. Interação força da Natureza / objecto

Precipitando-se do céu invernososo, uma forte chuva encontra, no solo, um pote de barro (fábula 41). Movida pela curiosidade, a chuva questiona-o sobre o seu nome e a peça de barro, não assumindo a sua verdadeira identidade, mente e diz que se chama *ânfora*. Contudo, a perspicácia da chuva descobre a sua verdadeira natureza e, intolerante com a sua vaidade, arrasta-o nas suas impetuosas águas. O recipiente, então, racha-se e desfaz-se na água. Ficam condenadas, desta maneira, a mentira e a presunção daqueles que pretendem assumir o que não são.

* A análise das relações entre todas as personagens permite-nos concluir que, na maior parte dos casos, elas são turbulentas, mesquinhas, competitivas, hostis. Todavia, não poderia ser de outro modo: os defeitos têm que existir, já que o objectivo imediato da fábula é moralizar, transmitir, de algum modo, um código ético. A este código moral chama La Fontaine *a alma* do apólogo¹:

L'Apologue est composé de deux parties, dont ont peut appeler l'une le Corps, l'autre l'Ame. Le Corps est la Fable; l'Ame, la Moralité².

Moralizar e divertir são, para o escritor francês, dois dos objectivos essenciais da fábula:

*Une Morale nue apport de l'ennui;
Le conte fait passer le précepte avec lui.
En ces sorts de feinte il faut instruire et plaire,
Et conter pour conter me semble peu d'affaire³.*

As *Fábulas* de Aviano, se tivessem sido escritas hoje, continuariam actuais, o que nos leva a concluir que o ser humano pouco mudou em tantos séculos: ontem,

¹ M. G. VIANA (*op. cit.*, p. 5) refere a diferença existente entre fábula e apólogo: Segundo Simões Dias, *fábula* é “um conto alegórico destinado a exemplificar um conceito moral” (*Teoria da Composição Literária*). Tissot procura diferenciar apólogo, de fábula: “o apólogo distingue-se da fábula por encerrar um intuito moral, que esta pode encerrar ou não”. Roquete é mais explícito: “Apólogo é palavra grega (...) e significa uma historieta fabulosa, que debaixo do véu da alegoria nos apresenta uma verdade; fábula é palavra latina (de *fari* falar) e significa uma relação não verdadeira, debaixo de cujo véu se nos faz agradável a verdade. Diferençam-se em que a fábula só apresenta por interlocutores os animais e cousas inanimadas, e o apólogo, que é mais extenso, faz falar aos animais, aos deuses, aos homens, às cousas insensíveis, e ainda aos seres abstractos e metafísicos; assim que olharmos o apólogo como o género e a fábula como a espécie. Em linguagem comum usam-se alternativamente estas palavras uma por outra; ainda que a de apólogo é mais erudita”. (*Dicionário de Sinónimos*). (...) Aristóteles apenas queria que as fábulas introduzissem animais, delas excluindo as plantas e os homens; mas semelhante critério não prevaleceu.

No *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, de A. MORAIS DA SILVA (Editorial Confluência, ³1987), pode encontrar-se a seguinte definição de apólogo: *Pequena narrativa alegórica, semelhante à fábula*. E, a respeito da fábula, lê-se: *Narração de factos fingidos, inventados para instruir ou divertir; conto imaginário; ficção artificiosa. Pequena composição de forma poética ou prosaica, em que narra um facto alegórico, cuja verdade moral se esconde sob o véu de ficção, e na qual se fazem intervir as pessoas, os animais, e mesmo as coisas inanimadas; apólogo* (...). Como se vê, o Autor do dicionário identifica fábula com apólogo, como sucede com o recente *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (Editorial Verbo, 2001). Aqui, encontramos para o apólogo o seguinte significado: *Pequena história alegórica que encerra uma lição ou um ensinamento moral*. E, para a fábula, estabelece-se esta definição: *Pequena narrativa alegórica em prosa ou em verso, de intenção moralizadora, cujas personagens são, muitas vezes, animais ou seres inanimados*. = APÓLOGO (...).

² Cf. *La Fontaine, Fables, Préface*.

³ Cf. *La Fontaine, op. cit.*, VI, 1, vv. 3-6.

como hoje, o conflito e a desumanização nas relações tentam singrar num mundo cada vez mais confuso e esquecido da razão da sua existência. O ser humano, para encontrar de novo o caminho de regresso para a sua natureza luminosa, tem que descer dentro de si e, aí, sondar cada canto da sua alma. Só depois deste exercício de auto-análise, expurgação e consolidação de certos valores está apto a emergir mais seguro de si, mais consciente da sua condição, enfim, mais Homem. Neste âmbito, as *Fábulas*, com as suas moralidades implícitas ou explícitas, podem constituir um meio precioso de reflexão, pois sugerem-nos uma linha, uma luz orientadora.

AVIANI FABVLAE

AD THEODOSIVM

Dubitanti mihi, Theodosi optime, quonam litterarum titulo nostri
nominis memoriam mandaremus, fabularum textus occurrit, quod in his
urbane concepta falsitas deceat et non incumbat necessitas ueritatis. Nam
quis tecum de oratione, quis de poemate loqueretur, cum in utroque
5 litterarum genere et Atticos Graeca eruditione superes et latinitate
Romanos? Huius ergo materiae ducem nobis Aesopum noueris, qui responso
Delphici Apollinis monitus ridicula orsus est, ut legenda firmaret. Verum
has pro exemplo fabulas et Socrates diuinis operibus indidit et poemati suo
Flaccus aptauit, quod in se sub iocorum communium specie uitae argumenta
10 contineant. Quas Graecis iambis Babrius repetens in duo uolumina coartauit.
Phaedrus etiam partem aliquam quinque in libellos resoluit. De his ergo ad
quadraginta et duas in unum redactas fabulas dedi, quas rudi latinitate
compositas elegis sum explicare conatus. Habes ergo opus quo animum
oblectes, ingenium exerceas, sollicitudinem leues totumque uiuendi ordinem
15 cautus agnoscas. Loqui uero arbores, feras cum hominibus gemere, uerbis
certare uolucres, animalia ridere fecimus, ut pro singulorum necessitatibus
uel ab ipsis inanimis sententia proferatur.

1

[DE NVTRICE ET INFANTE]

- Rustica deflentem paruum iurauerat olim,
 ni taceat, rabido quod foret esca lupo.
 Credulus hanc uocem lupo audiit et manet ipsas
 peruigil ante fores, irrita uota gerens;
 5 nam lassata puer nimiae dat membra quieti,
 spem quoque raptori sustulit, inde fames.
 Hunc ubi siluarum repetentem lustra suarum
 ieiunum coniux sensit adesse lupa:
 “Cur, inquit, nullam referens de more rapinam,
 10 languida consumptis sed trahis ora genis?”
 “Ne mireris, ait, deceptum fraude maligna
 uix miserum uacua delituisse fuga.
 Nam quae praeda, rogas, quae spes contingere posset,
 iurgia nutricis cum mihi uerba darent?”
- 15 Haec sibi dicta putet seque hac sciat arte notari
 femineam quisquis credidit esse fidem.

2

[DE TESTVDINE ET AQVILA]

Pennatis auibus quondam testudo locuta est,
 si quis eam uolucrum constituisset humi,
 protinus e Rubris conchas proferret harenis,
 quis pretium nitido cortice baca daret.

- 5 Indignum sibimet, tardo quod sedula gressu
 nil ageret toto perficeretque die.
 Ast ubi promissis aquilam fallacibus implet,
 experta est similem perfida lingua fidem;
 et male mercatis dum quaerit sidera pennis,
 10 occidit infelix alitis ungue fero.
 Tum quoque sublimis, cum iam moreretur, in auras
 ingemuit uotis haec licuisse suis.
 Nam dedit exosae post haec documenta quietis
 non sine supremo magna labore peti.
- 15 Sic quicumque noua sublatu laude tumescit
 dat merito poenas, dum meliora cupit.

3

[DE CANCRO SVVM DOCENTE FILIVM]

- Curua retrocedens dum fert uestigia cancer,
 hispida saxosis terga relisit aquis.
 Hunc genitrix facili cupiens procedere gressu,
 talibus alloquiis praemonuisse datur:
 5 “Ne tibi transverso placeant haec deuia, nate,
 rursus in obliquos neu uelis ire pedes;
 sed nisu contenta ferens uestigia recto,
 innocuos proso tramite siste gradus.”
 Cui natus: “Faciam, si me praecesseris, inquit,
 10 rectaque monstrantem certior ipse sequar.
 Nam stultum nimis est, cum tu prauissima temptes,
 alterius censor ut uitiosa notes.”

[FABVLA PHOEBI BOREAEQVE]

Immitis Boreas placidusque ad sidera Phoebus
 iurgia cum magno conseruere Ioue,
 quis prior inceptum peragat: mediumque per orbem
 carpebat solitum forte uiator iter.

5 Conuenit hanc potius liti praefigere causam,
 pallia nudato decutienda uiro.

Protinus impulsus uentis circumtonat aether,
 et gelidus nimias depluit imber aquas.

Ille magis duplicem lateri circumdat amictum,
 10 turbida summos quod trahit aura sinus.

Sed tenues radios paulatim increscere Phoebus
 iusserat, ut nimio surgeret igne iubar,
 donec lassa uolens requiescere membra uiator,
 deposita fessus ueste sederet humi.

15 Tunc uictor docuit praesentia numina Titan
 nullum praemissis uincere posse minis.

[DE ASINO PELLE LEONIS INDVTA]

Metiri se quemque decet propriisque iuuari
 laudibus, alterius nec bona ferre sibi,

ne detracta grauem faciant miracula risum,
 coeperit in solis cum remanere malis.

- 5 Exuuias asinus Gaetuli forte leonis
 repperit et spoliis induit ora nouis
 aptauitque suis incongrua tegmina membris,
 et miserum tanto pressit honore caput.
 Ast ubi terribilis animo circumstetit horror
- 10 pigraque praesumptus uenit in ossa uigor,
 mitibus ille feris communia pabula calcans,
 turbabat pauidas per sua rura boues.
 Rusticus hunc magna postquam deprendit ab aure,
 correptum uinclis uerberibusque domat.
- 15 Et simul abstracto denudans corpora tergo,
 increpat his miserum uocibus ille pecus:
 “Forsitan ignotos imitato murmure fallas,
 at mihi, qui quondam, semper asellus eris.”

6

[DE RANA ET VVLPE]

- Edita gurgitibus limoque immersa profundo,
 et luteis tantum semper amica uadis,
 ad superos colles herbosaque prata recurrens,
 mulcebat miseras turgida rana feras,
- 5 callida quod posset grauibus succurrere morbis,
 et uitam ingenio continuare suo.
 Nec se Paeonio iactat cecidisse magistro,
 quamuis perpetuos curet in orbe deos.

Tunc uulpes pecudum ridens astuta quietem
 10 uerborum uacuam prodidit esse fidem:
 “Haec dabit aegrotis, inquit, medicamina membris
 pallida caeruleus cui notat ora color?”

7

[FABVLA CANIS MORDACIS]

Haud facile est prauis innatum mentibus ut se
 muneribus dignas supplicioe putent.

Forte canis quondam, nullis latratibus horrens
 nec patulis primum rictibus ora trahens,
 5 mollia sed pauidae summittens uerbera caudae,
 concitus audaci uulnera dente dabat.
 Hunc dominus, ne quem probitas simulata lateret,
 iusserat in rabido gutture ferre nolam.
 Faucibus innexis crepitantia subligat aera,
 10 quae facili motu signa cauenda darent.
 Haec tamen ille sibi credebat praemia ferri,
 et similem turbam despiciebat ouans.
 Tunc insultantem senior de plebe superbum
 aggreditur, tali singula uoce monens:
 15 “ Infelix, quae tanta rapit dementia sensum,
 munera pro meritis si cupis ista dari?
 Non hoc uirtutis decus ostentatur in aere,
 nequitiae testem sed geris inde sonum.”

8

[DE CAMELO]

Contentum propriis sapientem uiuere rebus,
 nec cupere alterius, nostra fabella monet,
 indignata cito ne stet Fortuna recursu
 atque eadem minuat quae dedit ante rota.

- 5 Corporis immensi fertur pecus isse per auras
 et magnum precibus sollicitasse Iouem:
 turpe nimis cunctis irridendumque uideri,
 insignes geminis cornibus ire boues,
 et solum nulla munitum parte camelum
 10 obiectum cunctis expositumque feris.
 Iuppiter arridens postquam sperata negauit,
 insuper et magnae sustulit auris onus.
 “ Viue minor merito, cui sors non sufficit, inquit,
 et tua perpetuum, liuide, damna geme.”

9

[DE DVOBVS SOCIIS ET VRSA]

- Montibus ignotis curuisque in uallibus artum
 cum socio quidam suscipiebat iter,
 securus, quodcumque malum Fortuna tulisset,
 robore collato posset uterque pati.
 5 Dumque per inceptum uario sermone feruntur,
 in mediam praeceps conuenit ursa uiam.

Horum alter facili comprehendens robora cursu
 in uiridi trepidum fronde pependit onus.
 Ille trahens nullo iacuit uestigia gressu,
 10 exanimem fingens, sponte relisus humi.
 Continuo praedam cupiens fera saeua cucurrit
 et miserum curuis unguibus ante leuat.
 Verum ubi concreto riguerunt membra timore
 (nam solitus mentis liquerat ossa calor),
 15 tunc olidum credens, quamuis ieiuna, cadauer
 deserit et lustris conditur ursa suis.
 Sed cum securi paulatim in uerba redissent,
 liberior iusto, qui fuit ante fugax:
 “ Dic, sodes, quidnam trepido tibi rettulit ursa?
 20 Nam secreta diu multaue uerba dedit.”
 “ Magna quidem monuit, tamen haec quoque maxima iussit,
 quae misero semper sunt facienda mihi:
 “ Ne facile alterius repetas consortia, dixit,
 rursus ab insana ne capiare fera.”

10

[DE CALVO EQVITE]

Caluus eques capiti solitus religare capillos
 atque alias nudo uertice ferre comas,
 ad Campum nitidis uenit conspectus in armis
 et facilem frenis flectere coepit equum.
 5 Huius ab aduerso Boreae spiramina perflant
 ridiculum populo conspiciente caput;

nam mox deiecto nituit frons nuda galero,
 discolor apposita quae fuit ante coma.
 Ille sagax, tantis quod risus milibus esset,
 10 distulit admota calliditate iocum,
 “ Quid mirum” referens “ positos fugisse capillos
 quem prius aequaeuae deseruere comae?”

11

[DE GEMINIS OLLIS]

Eripiens geminas ripis cedentibus ollas
 insanis pariter flumen agebat aquis.
 Sed diuersa duas ars et natura creauit:
 aere prior fusa est, altera ficta luto.
 5 Dispar erat fragili et solidae concordia motus,
 incertumque uagus amnis habebat iter.
 Ne tamen elisam confringeret aerea testam,
 iurabat solitam longius ire uiam.
 Illa timens ne quid leuibus grauiora nocerent,
 10 et quia nulla breui est cum meliore fides,
 “ Quamuis securam uerbis me feceris, inquit,
 non timor ex animo decutiendus erit.
 Nam me siue tibi, seu te mihi conferat unda,
 semper ero ambobus subdita sola malis.”

12

[DE RVSTICO ET THESAVRO]

Rusticus impresso molitus uomere terram
 thesaurum sulcis prosiluisse uidet.

Mox indigna animo properante reliquit aratra,
 gramina compellens ad meliora boues.

5 Continuo supplex Telluri construit aras,
 quae sibi depositas sponte dedisset opes.

Hunc Fortuna nouis gaudentem prouida rebus
 admonet, indignam se quoque ture dolens:

“Nunc inuenta meis non prodis munera templis

10 atque alios mauis participare deos;
 sed cum surrepto fueris tristissimus auro,
 me primam lacrimis sollicitabis inops.”

13

[DE TAVRO ET HIRCO]

Immensum taurus fugeret cum forte leonem
 tutaque desertis quaereret antra uiis,
 speluncam reperit, quam tunc hirsutus habebat
 Cinyphii ductor qui gregis esse solet.

5 Post ubi summissa meditantem irrumpere fronte
 obuius obliquo terruit ore caper,
 tristis abit longaque fugax de ualle locutus
 (nam timor expulsum iurgia ferre uetat):

“Non te demissis saetosum, putide, barbis,
 10 illum, qui superest consequiturque, tremo.
 Nam si discedat, nosces, stultissime, quantum
 discrepet a tauri uiribus hircus olens.”

14

[DE SIMIA]

Iuppiter in toto quondam quaesiuerat orbe
 munera natorum quis meliora daret.
 Certatim ad regem currit genus omne ferarum,
 permixtumque homini cogitur ire pecus.
 5 Sed nec squamigeri desunt ad iurgia pisces,
 uel quicquid uolucrum purior aura uehit.
 Inter quos trepidae ducebant pignora matres,
 iudicio tanti discutienda dei.
 Tunc breuis informem traheret cum simia natum,
 10 ipsum etiam in risum compulit ire Iouem.
 Hanc tamen ante alios rumpit turpissima uocem,
 dum generis crimen sic abolere cupit:
 “Iuppiter hoc norit, maneat uictoria si quem;
 iudicio superest omnibus iste meo.”

15

[DE GRVE ET PAVONE]

Threiciam uolucrem fertur Iunonius ales
 communi sociam continuisse cibo.
 Namque inter uarias fuerat discordia formas,
 magnaue de facili iurgia lite trahunt,
 5 quod sibi multimodo fulgerent membra decore,
 caeruleam facerent liuida terga gruem.
 Et simul erectae circumdans tegmina caudae,
 sparserat arcanum rursus in astra iubar.
 Illa licet nullo pennarum certet honore,
 10 his tamen insultans uocibus usa datur:
 “Quamuis innumerus plumas uariauerit ordo,
 mersus humi semper florida terga geris;
 ast ego deformi sublimis in aera penna
 proxima sideribus numinibusque feror.”

16

[DE QVERCV ET HARVNDINE]

Montibus e summis radicitus eruta quercus
 decidit, insani turbine uicta noti.
 Quam tumidis subter decurrens alueus undis
 suscipit et fluuio praecipitante rapit.
 5 Verum ubi diuersis impellitur ardua ripis,
 in fragiles calamos grande residit onus.

Tunc sic exiguo conectens caespite ramos,
 miratur liquidis quod stet harundo uadis:
 se quoque tam uasto necdum consistere trunco,
 10 ast illam tenui cortice ferre minas.
 Stridula mox blando respondens canna susurro
 seque magis tutam debilitate docet:
 “Tu rabidos, inquit, uentos saeuasque procellas
 despicias, et totis uiribus acta ruis;
 15 ast ego surgentes paulatim demoror austros
 et quamuis leuibus prouida cedo notis.
 In tua praeruptus offendit robora nimbus;
 motibus aura meis ludificata perit.”

 Haec nos dicta monent magnis obsistere frustra
 20 paulatimque truces exsuperare minas.

17

[DE VENATORE ET TIGRIDE]

Venator iaculis haud irrita uulnera torquens
 turbabat rapidas per sua lustra feras.
 Tum pauidis audax cupiens succurrere tigris
 uerbere commotas iussit abesse minas.
 5 Ille tamen solito contorquens tela lacerto:
 “Nunc tibi qualis eram nuntius iste refert.”
 Et simul emissum transegit uulnere ferrum
 perstrinxitque citos hasta cruenta pedes.

Molliter affixum traheret cum saucia telum,
 10 a trepida fertur uulpe retenta diu,
 dum quisnam ille foret, qui talia uulnera ferret,
 aut ubinam iaculum delituisset agens.
 Illa gemens fractoque loqui uix murmure coepit
 (nam solitas uoces ira dolorque rapit):
 15 “Nulla quidem medio conuenit in aggere forma
 quaeque oculis olim sit repetenda meis,
 sed cruor et ualidis in nos directa lacertis
 ostendunt aliquem tela fuisse uirum.”

18

[DE QVATTVOR IUVENCIS ET LEONE]

Quattuor immensis quondam per prata iuencis
 fertur amicitiae tanta fuisse fides,
 ut simul emissos nullus diuelleret error,
 rursus et e pastu turba rediret amans.
 5 Hos quoque collatis inter se cornibus ingens
 dicitur in siluis pertimuisse leo,
 dum metus oblatam prohibet temptare rapinam
 et coniuratos horret adire boues.
 Sed quamuis audax factisque immanior esset,
 10 tantorum solus uiribus impar erat.
 Protinus aggreditur prauis insistere uerbis,
 collisum cupiens dissociare pecus.
 Sic postquam dictis animos disiunxit acerbis,
 inuasit miserum diripuitque gregem.

- 15 Tunc quidam ex illis: “Vitam seruare quietam
 qui cupiet, nostra discere morte potest;
 neue cito admotas uerbis fallacibus aures
 impleat aut ueterem deserat ante fidem.”

19

[DE ABIETE ET DVMIS]

- Horrentes dumos abies pulcherrima risit,
 cum facerent formae iurgia magna suae,
 indignum referens cunctis certamen haberi,
 quod meritis nullus consociaret honor.
- 5 “Nam mihi deductum surgens in nubila corpus
 uerticis erectas tollit in astra comas,
 puppibus et patulis media cum sede locamur,
 in me suspensos explicat aura sinus.
 At tibi deformem quod dant spineta figuram,
 10 despectum cuncti praeteriere uiri.”
- Ille refert: “Nunc laeta quidem bona sola fateris
 et nostris frueris imperiosa malis;
 sed cum pulchra minax succidet membra securis,
 quam uelles spinas tunc habuisse meas!”

[DE PISCATORE ET PISCE]

Piscator solitus praedam suspendere saeta
 exigui piscis uile trahebat onus.

Sed postquam superas captum perduxit ad auras
 atque auido fixum uulnus ab ore tulit:

5 “Parce, precor” supplex lacrimis ita dixit obortis;
 “Nam quanta ex nostro corpore lucra feres?

Nunc me saxosis genitrix fecunda sub antris
 fudit et in propriis ludere iussit aquis.

Tolle minas tenerumque tuis sine crescere mensis;

10 haec tibi me rursum litoris ora dabit.

Protinus, immensi depastus caerulea ponti,
 pinguior ad calamum sponte recurro tuum.”

Ille nefas captum referens absoluere piscem,
 difficiles queritur casibus esse uices:

15 “Nam miserum est, inquit, praesentem amittere praedam,
 stultius et rursum uota futura sequi.”

[DE AGRICOLA ET AVE]

Paruula progeniem terrae mandauerat ales,
 qua stabat uiridi caespite flaua seges.

Rusticus hanc fragili cupiens decerpere culmo,
 uicinam supplex forte petebat opem.

- 5 Sed uox implumes turbauit credula nidos,
 suaserat et laribus continuare fugam.
 Cautior hos remeans prohibet discedere mater:
 “Nam quid ab externis perficietur?” ait.
 Ille iterum caris operam mandauit amicis.
- 10 At genitrix rursum tutior inde manet.
 Sed postquam curuas dominum comprehendere falces
 frugibus et ueram sensit adesse manum:
 “Nunc, ait, o miseri, dilecta relinquite rura,
 cum spem de propriis uiribus ille petit.”

22

[DE CVPIDO ET INUIDO]

- Iuppiter ambiguas hominum praediscere mentes
 ad terras Phoebum misit ab arce poli.
 Tunc duo diuersis poscebant numina uotis:
 namque alter cupidus, inuidus alter erat.
- 5 His sese medium Titan, scrutatus utrumque,
 obtulit, et, precibus cum peteretur, ait,
 praestandi facilis: “Nunc quaeque rogauerit unus,
 protinus haec alter congeminata feret.”
- Sed cui longa iecur nequeat satiare cupido
- 10 distulit admotas in noua damna preces,
 spem sibi confidens alieno crescere uoto
 seque ratus solum munera ferre duo.
 Ille ubi captantem socium sua praemia uidit,
 supplicium proprii corporis optat ouans:

15 nam petit extinctus ut lumine degeret uno,
 alter ut, hoc duplicans, uiuat utroque carens.
 Tunc sortem sapiens humanam risit Apollo,
 inuidiaeque malum rettulit ipse Ioui,
 quae, dum prouentis aliorum gaudet iniquis,
 20 laetior infelix et sua damna cupit.

23

[FABVLA DE VENDITORE BACCHI]

Venditor insignem referens de marmore Bacchum
 expositum pretio fecerat esse deum.
 Nobilis hunc quidam funesta in sede sepulcri
 mercari cupiens compositurus erat;
 5 alter adoratis ut ferret numina templis
 redderet et sacro debita uota loco.
 “Nunc, ait, ambiguum facies de mercibus omen,
 cum spes in pretium munera dispar agit,
 et me defunctis seu malis tradere diuis,
 10 siue decus busti, seu uelis esse deum.
 Subdita namque tibi est magni reuerentia fati,
 atque eadem retines funera nostra manu.”

Conuenit hoc illis quibus est permissa potestas
 an praestare magis, seu nocuisse uelint.

[DE VENATORE ET LEONE]

Certamen longa protractum lite gerebant
 uenator quondam nobilis atque leo.
 Hi cum perpetuum cuperent in iurgia finem,
 edita continuo forte sepulcra uident.
 5 Illic docta manus flectentem colla leonem
 fecerat in gremio procubuisse uiri.
 Scilicet affirmans pictura teste superbum
 se fieri: extinctam nam docet esse feram.
 Ille, graues oculos ad inania signa retorquens,
 10 infremit et rabido pectore uerba dedit:
 “Irrita te generis subiit fiducia uestri,
 artificis testem si cupis esse manum.
 Quod si nostra nouum caperet sollertia sensum,
 sculperet ut docili pollice saxa leo,
 15 tunc hominem aspiceres oppressum murmure magno
 conderet ut rabidis ultima fata genis.”

[DE PVERO ET FVRE]

Flens puer extremam putei consedit ad undam,
 uana superuacuis rictibus ora trahens.

Callidus hunc lacrimis postquam fur uidit obortis,
 quaenam tristitiae sit modo causa rogat.
 5 Ille sibi abrupti fingens discrimina funis
 atque auri queritur dissiluisse cadum.
 Nec mora, sollicitam traxit manus improba uestem:
 exutus putei protinus ima petit.
 Paruulus exiguo circumdans pallia collo,
 10 sentibus immersus delituisse datur.
 Sed post fallaci suscepta pericula uoto
 tristior, amissa ueste, resedit humi.
 Dicitur his sollers uocem rupisse querelis
 et gemitu summos sollicitasse deos:
 15 “Perdita, quisquis erit, posthac bene pallia credat
 qui putat in liquidis quod natet urna uadis.”

26

[DE CAPELLA ET LEONE]

Viderat excelsa pascentem rupe capellam,
 comminus esuriens cum leo ferret iter.
 Et prior: “Heus, inquit, praeruptis ardua saxis
 linque, nec hirsutis pascua quaere iugis;
 5 sed cytisi croceum per prata uirentia florem
 et glaucas salices et thyma grata pete.”
 Illa gemens: “Desiste, precor, fallaciter, inquit,
 securam placidis insimulare dolis.
 Vera licet moneas, maiora pericula tollas,
 10 tu tamen his dictis non facis esse fidem.

Nam quamuis rectis constet sententia uerbis,
 suspectam hanc rabidus consiliator habet.”

27

[DE CORNICE ET VRNA]

Ingentem sitiens cornix aspexerat urnam,
 quae minimam fundo continuisset aquam.
 Hanc enisa diu planis effundere campis,
 scilicet ut nimiam pelleret inde sitim,
 5 postquam nulla uiam uirtus dedit, admouet omnes
 indignata noua calliditate dolos.
 Nam breuis immersis accrescens sponte lapillis
 potandi facilem praebuit unda uiam.

Viribus haec docuit quam sit prudentia maior,
 10 qua coeptum uolucris explicuisset opus.

28

[DE RVSTICO ET IUVENCO]

Vincla recusanti dedignantique iuueno
 aspera mordaci subdere colla iugo
 rusticus obliqua succidens cornua falce
 creditit insanum defremuisse pecus,

- 5 cautus et immenso ceruicem innectit aratro
 (namque erat hic cornu promptior atque pede),
 scilicet ut longus prohiberet uerbera temo
 neue ictus faciles ungula saeua daret.
 Sed postquam irato detractans uincola collo
 10 immeritam uacua calce fatigat humum,
 continuo euersam pedibus dispergit harenam,
 quam ferus in domini ora sequentis agat.
 Tunc sic informi squalentes puluere crines
 discutiens, imo pectore uictus ait:
 15 “Nimirum exemplum naturae derat iniquae,
 qua fieri posset cum ratione nocens.”

29

[DE VIATORE ET SATYRO]

- Horrida congestis cum staret bruma pruinis
 cunctaque durato stringeret arua gelu,
 haesit in aduersa nimborum mole uiator:
 perdita nam prohibet semita ferre gradum.
 5 Hunc nemorum custos fertur miseratus in antro
 exceptum Satyrus continuisse suo.
 Quem simul aspiciens ruris miratur alumnus,
 uimque homini tantam protinus esse pauet.
 Nam gelidos artus uitae ut reuocaret in usum,
 10 afflatas calido soluerat ore manus.

Sed cum depulso coepisset frigore laetus
 hospitis eximia sedulitate frui
 (namque illi agrestem cupiens ostendere uitam,
 siluarum referens optima quaeque dabat),
 15 obtulit et calido plenum cratera Lyaeo,
 laxet ut infusus frigida membra tepor.
 Ille ubi feruentem labris contingere testam
 horruit, argenti rursus ab ore reflat.
 Obstupuit duplici monstro perterritus hospes,
 20 et pulsum siluis longius ire iubet:
 “Nolo, ait, ut nostris umquam successerit antris
 tam diuersa duo qui simul ora ferat.”

30

[DE HOMINE ET PORCO]

Vastantem segetes et pinguia culta ruentem
 liquerat abscisa rusticus aure suem,
 ut memor accepti referens monimenta doloris
 ulterius teneris parceret ille satis.
 5 Rursus in excerpti deprensus crimine campi,
 perdidit indultae perfidus auris onus.
 Nec mora, praedictae segeti caput intulit horrens,
 poena sed indignum congeminata facit.
 Tunc domini captum mensis dedit ille superbis,
 10 in uarias epulas plurima frustra secans.
 Sed cum consumpti dominus cor quaereret apri,
 impatiens fertur quod rapuisse cocus,
 rusticus hoc iustam uerbo compescuit iram,
 affirmans stultum non habuisse suem:

- 15 “Nam cur membrorum demens in damna redisset
atque uno totiens posset ab hoste capi?”

Haec illos descripta monent, qui saepius ausi,
numquam peccatis abstinere manus.

31

[DE MVRE ET BOVE]

- Ingentem fertur mus quondam paruus oberrans
ausus ab exiguo laedere dente bouem.
Verum ubi mordaci confecit uulnera rostro,
tutus in amfractus conditur inde suos.
- 5 Ille licet uasta toruum ceruice minetur,
non tamen iratus quem petat ipse uidet.
Tunc indignantem iusto sermone fatigans,
distulit hostiles calliditate minas:
“Non quia magna tibi tribuerunt membra parentes,
10 uiribus effectum constituere tuis.
Disce tamen breuibus quae sit fiducia rostris,
ut faciat quicquid paruula turba cupit.”

[DE HOMINE ET PLAVSTRO]

Haerentem luteo sub gurgite rusticus axem
 liquerat et nexos ad iuga tarda boues,
 frustra depositis confidens numina uotis
 ferre suis rebus, cum resideret, opem.

- 5 Cui rector summis Tirynthius inquit ab astris
 (nam uocat hunc supplex in sua uota deum):
 “Perge laborantes stimulis agitare iuuenos,
 et manibus pigras disce iuuare rotas.
 Tunc quoque congressum maioraque uiribus ausum
 10 fas superos animis conciliare tuis.
 Disce tamen pigris non flecti numina uotis,
 praesentesque adhibe, cum facis ipse, deos.”

[DE ANSERE OVA AVREA PARIENTE]

Anser erat cuidam pretioso germine feta
 ouaque quae nidis aurea saepe daret.
 Fixerat hanc uolucris legem natura superbae,
 ne liceat pariter munera ferre duo.

- 5 Sed dominus, cupidum sperans uanescere uotum,
 non tulit exosas in sua lucra moras,
 grande ratus pretium uolucris de morte referre,
 quae tam continuo munere diues erat.

Postquam nuda minax egit per uiscera ferrum
 10 et uacuum solitis fetibus esse uidet,
 ingemuit tantae deceptus crimine fraudis;
 nam poenam meritis rettulit inde suis.

Sic qui cuncta deos uno male tempore poscunt,
 iustius his etiam uota diurna negant.

34

[DE FORMICA ET CICADA]

Quisquis torpentem passus transisse iuuentam
 nec timuit uitae prouidus ante mala,
 confectus senio, postquam grauis affuit aetas,
 heu frustra alterius saepe rogabit opem.

5 Solibus ereptos hiemi formica labores
 distulit et breuibus condidit ante cauis.
 Verum ubi candentes suscepit terra pruinas,
 aruaque sub rigido delituere gelu,
 pigra nimis tanto non aequans corpore nimbos
 10 in propriis laribus humida grana legit.
 Decolor hanc precibus supplex alimenta rogabat
 quae quondam querulo ruperat arua sono:
 se quoque, maturas cum tunderet area messes,
 cantibus aestiuos explicuisse dies.
 15 Paruula tunc ridens sic est affata cicadam
 (nam uitam pariter continuare solent):

“Mi quoniam summo substantia parta labore est,
 frigoribus mediis otia longa traho.

At tibi saltandi nunc ultima tempora restant,
 20 cantibus est quoniam uita peracta prior.”

35

[DE SIMIA ET NATIS]

Fama est quod geminum profundens simia partum
 diuidat in uarias pignora nata uices.

Namque unum caro genitrix educit amore,
 alterius odiis exsaturata tumet.

5 Coeperit ut fetam grauior terrere tumultus,
 dissimili natos condicione rapit:

dilectum manibus uel pectore gestat amico,
 contemptum dorso suscipiente leuat.

Sed cum lassatis nequeat consistere plantis,
 10 oppositum fugiens sponte remittit onus.

Alter ab hirsuto circumdans brachia collo
 haeret et inuita cum genitrice fugit.

Mox quoque dilecti succedit in oscula fratris,
 seruatus uetulis unicus heres auis.

15 Sic multos neglecta iuuant atque, ordine uerso,
 spes humiles rursus in meliora refert.

36

[DE VITVLO ET BOVE]

Pulcher et intacta uitulus ceruice resultans
 scindentem assidue uiderat arua bouem.

“Non pudet, heus, inquit, longaeuo uincula collo
 ferre nec expositis otia nosse iugis,

5 cum mihi subiectas pateat discursus in herbas,
 et nemorum liceat rursus opaca sequi?”

At senior, nullam uerbis compulsus in iram,
 uertebat solitam uomere fessus humum,

donec deposito per prata liceret aratro

10 molliter herboso procubuisse toro.

Mox uitulum sacris innexum respicit aris
 admotum cultro cominus ire popae.

“Hanc tibi tristis, ait, dedit indulgentia mortem
 expertem nostri quae facit esse iugi.

15 Proderit ergo graues quamuis perferre labores
 otia quam tenerum mox peritura pati.”

Est hominum sors ista, magis felicibus ut mors
 sit cita, cum miseros uita diurna regat.

37

[DE CANE ET LEONE]

Pinguior exhausto canis occurrisse leoni
 fertur et insertis uerba dedisse iocis:

“Nonne uides duplici tendantur ut ilia tergo,

luxurietque toris nobile pectus? ait.
 5 Proximus humanis ducor post otia mensis
 communem capiens largius ore cibum.”
 “Sed quod crassa malum circumdat guttura ferrum?”
 “Ne custodita fas sit abire domo.
 At tu magna diu moribundus lustra pererras,
 10 donec se siluis obuia praeda ferat.
 Perge igitur nostris tua subdere colla catenis,
 dum liceat faciles promeruisse dapes.”
 Protinus ille grauem gemitu collectus in iram
 atque ferox animi nobile murmur agit.
 15 “Vade, ait, et meritis nodum ceruicibus infer,
 compensentque tuam uincula dura famem.
 At mea cum uacuis libertas redditur antris,
 quamuis ieiunus, quae libet arua peto.
 Has illis epulas potius laudare memento
 20 qui libertatem postposuere gulae.”

38

[DE PISCE EVNTE IN MARE]

Dulcibus e stagnis fluuio torrente coactus
 aequoreas praeceps piscis obibat aquas.
 Illic squamigerum despectans improbus agmen
 eximium sese nobilitate refert.
 5 Non tulit expulsum patrio sub gurgite phoecis,
 uerbaque cum salibus asperiora dedit:
 “Vana laboratis aufer mendacia dictis

quaeque refutari te quoque teste queant.
 Nam quis erit potior, populo spectante, probabo,
 10 si pariter captos humida lina trahant.
 Tunc me nobilior magno mercabitur emptor,
 te simul aere breui debile uulgus emet.”

39

[DE MILITE ET LITVO]

Vouerat attritus quondam per proelia miles
 omnia suppositis ignibus arma dare
 uel quae uictori moriens sibi turba dedisset,
 uel quicquid profugo posset ab hoste capi.
 5 Interea uotis fors affuit et memor arma
 coeperat accenso singula ferre rogo.
 Tunc lituus rauco deflectens murmure culpam,
 immeritum flammis se docet esse prius:
 “Nulla tuos, inquit, petierunt tela lacertos
 10 uiribus affirmes quae tamen acta meis.
 Sed tantum uentis et cantibus arma coegi,
 hoc quoque summisso (testor et astra) sono.”
 Ille resultantem flammis crepitantibus addens,
 “Nunc te maior, ait, poena dolorque rapit.
 15 Nam licet ipse nihil possis temptare nec ausis,
 saeuior hoc, alios quod facis esse malos.”

[DE PARDO ET VVLPE]

Distinctus maculis et pulchro pectore pardus
inter consimiles ibat in arua feras.

Sed quia nulla graues uariarent terga leones,
protinus his miserum credidit esse genus.

5 Cetera sordenti damnans animalia uultu,
solus in exemplum nobilitatis erat.

Hunc arguta nouo gaudentem uulpis amictu
corripit et uanas approbat esse notas:

“Vade, ait, et pictae nimium confide iuuentae,

10 dum mihi consilium pulchrius esse queat
miremurque magis quos munera mentis adornant
quam qui corporeis enituere bonis.”

41

[DE OLLA CRVDA A FLVVIO RAPTA]

Impulsus uentis et pressa nube coactus
ruperat hibernis se grauis imber aquis.

Cumque per effusas stagnaret turbine terras,
expositum campis fictile pressit opus

5 (mobile namque lutum tepidus prius instruit aer,
discat ut admoto rectius igne coqui).

Tunc nimbus fragilis perquirat nomina testae.

Immemor illa sui: “Amphora dicor, ait.

Nunc me docta manus rapiente uolumina gyro

- 10 molliter obliquum iussit habere latus.”
 “Hactenus hac, inquit, liceat constare figura:
 nam te subiectam diluet imber aquis.”
 Et simul accepto uiolentius amne fatiscens
 pronior in tenues uicta cucurrit aquas.
- 15 Infelix, quae magna sibi cognomina sumens,
 ausa pharetratis nubibus ista loqui.

Haec poterunt miseros posthac exempla monere
 subdita nobilibus ut sua fata gemant.

42

[DE LVPO ET HAEDO]

- Forte lupum melior cursu deluserat haedus
 proxima uicinis dum petit arua casis.
 Inde fugam recto tendens in moenia cursu
 inter lanigeros astitit ille greges.
- 5 Impiger hunc raptor mediamque secutus in urbem
 temptat compositis sollicitare dolis:
 “Nonne uides, inquit, cunctis ut uictima templis
 immitem regemens morte cruentet humum?
 Quod nisi securo ualeas te reddere campo,
- 10 hei mihi! uittata tu quoque fronte cades.”
 Ille refert: “Modo quam metuis, precor, exime curam,

et tecum uiles, improbe, tolle minas.

Nam sat erit sacrum diuis fuisse cruorem
quam rabido fauces exsaturare lupo.”

- 15 Sic quotiens duplici subeuntur tristia casu,
expedit insignem promeruisse necem.

AS FÁBULAS DE AVIANO

A TEODÓSIO

Duvidando eu, excelso Teodósio¹, com que título confiaria² a memória do meu nome, ocorreu-me redigir um texto de fábulas, porque, nelas, convém uma mentira espirituosamente concebida e não se impõe a necessidade da verdade. De facto, quem poderia falar contigo acerca da oratória e da poesia, quando superas, em qualquer dos dois géneros literários, não só os Atenienses, com a tua erudição grega, mas também os Romanos, com a pureza do teu latim³? Por conseguinte, saberás que tive como guia desta matéria Esopo, o qual, aconselhado pelo oráculo de Apolo de Delfos⁴, começou a tecer gracejos, para estabelecer máximas. Sócrates, na realidade, introduziu estas fábulas nas suas admiráveis obras⁵ e o Flaco⁶ adaptou-as à sua poesia, porque, sob a aparência de graças banais, elas contêm em si os motivos da vida. Bábrio, retomando-as em iambos gregos, condensou-as em dois volumes⁷. Também Fedro repartiu uma parte considerável por cinco pequenos livros. Foi a partir daquelas que eu compus quarenta e duas fábulas, agrupadas num só livro, as quais, escritas já anteriormente num latim deselegante⁸, me esforcei por expor em versos elegíacos. Tens, portanto, uma obra com a qual poderás encantar o espírito, exercitar a inteligência, aliviar a inquietação e conhecer, de um modo seguro, todo o plano da vida. Pus, na verdade, as árvores a falarem⁹, os animais a lamentarem-se com os homens e as aves a discutirem por meio de palavras, de tal modo que, mediante as necessidades de cada um, se apresenta uma máxima até por meio das coisas inanimadas.

1

[A AMA E A CRIANÇA]¹⁰

Um dia, uma camponesa jurara ao seu menino, que chorava, que ele seria o repasto para um lobo feroz¹¹, se não se calasse. Um lobo ingénuo ouviu estas palavras e, vigilante, permanece diante da porta, fazendo votos inúteis: a criança, de facto, entrega o seu cansado corpo a um prolongado sono e, por isso, tira qualquer esperança ao rapace¹², ficando este com fome. Quando a loba, sua companheira, sentiu que ele se aproximava, em jejum, dirigindo-se para o covil da sua floresta, perguntou-lhe: “Por que não trazes nenhuma presa, como de costume, mas antes te arrastas com um ar desfalecido e com um olhar abatido¹³?”. Ele respondeu: “Não te admires que eu, iludido por uma mentira maldosa, me tivesse abrigado a custo com uma infrutífera fuga¹⁴ – infeliz de mim! Perguntas, com efeito, que presa ou que esperança me poderia caber em sorte, quando me iludiam os gritos de uma ama?”

Considere para si esta fábula e saiba que é censurado por esta forma de agir quem quer que tenha acreditado existir boa fé nas mulheres.

2

[A TARTARUGA E A ÁGUIA]¹⁵

Um dia, uma tartaruga disse às aves aladas que, se uma delas a depusesse na areia, ela traria imediatamente do Mar Vermelho¹⁶ conchas, às quais uma pérola, num invólucro brilhante, daria valor.

Ela revoltava-se por, apesar de se esforçar com o seu passo lento, nada 5
 fazer e conseguir num dia inteiro. Mas, ao encher a água de falsas
 promessas, a sua pérfida língua experimentou uma traição semelhante e,
 enquanto tenta alcançar as estrelas com as penas maldosamente obtidas¹⁷, a
 infeliz morre¹⁸ pela garra cruel da ave. Então, nas alturas, quando já estava a 10
 sucumbir, lamentou-se, para o céu, de tudo ter desaparecido devido aos seus
 desejos. De facto, ela demonstrou que, depois da experiência de uma
 aborrecida vida tranquila, as grandes coisas não são obtidas sem um
 extremo sofrimento.

De igual modo, todo aquele que, orgulhoso, está tomado de uma nova 15
 glória, é castigado justamente, enquanto cobiçar coisas inatingíveis.

3

[O CARANGUEJO ENSINANDO O SEU FILHO]¹⁹

Quando um caranguejo, retrocedendo, deslocava os seus passos 5
 sinuosos, chocou o seu duro dorso nos escolhos. Diz-se que a mãe,
 desejando vê-lo avançar com um passo desembaraçado, o advertiu com as
 seguintes palavras: “Meu filho, a ti, que andas de revés, que não te agradem 5
 estes caminhos tortuosos e nem queiras ir, retrocedendo, com as tuas pinças
 de lado²⁰; mas, ao leares por diante o teu andar resoluto, num esforço
 perseverante, fixa os teus inocentes passos num caminho que vai a direito.”
 O filho respondeu-lhe: “Fá-lo-ei, se me precederes, e eu próprio, mais
 determinado, em linha recta seguirei o teu exemplo. 10

De facto, é uma grande tolice, quando tu fazes tentativas tão
 desajeitadas, apontares como um censor os defeitos alheios²¹.”

4

[A FÁBULA DE FEBO E BÓREAS]²²

O terrível Bóreas²³ e o tranquilo Febo²⁴ travaram, junto dos astros, uma disputa, na presença do grande Júpiter, sobre quem executaria primeiro uma empresa²⁵. Por acaso, um viajante fazia o seu caminho habitual na terra. Convém fixar, antes, a causa da querela: deveria ser tirado ao homem o seu manto, deixando-o despido. Imediatamente, o éter, impelido pelos ventos, provoca um grande barulho e uma chuva gélida verte grandes quantidades de água. O viajante aperta mais o seu reforçado²⁶ manto nos flancos, porque um vento tempestuoso puxa as pregas já desfeitas. Mas Febo ordenara aos seus ténues raios que crescessem pouco a pouco, para que a sua estrela surgisse com um enorme fogo, até que o viajante, querendo descansar os fatigados membros, se sentasse, cansado, na terra, com o manto despido. Então, o Titã²⁷ vencedor mostrou aos deuses presentes que ninguém pode vencer, lançando, à partida, ameaças.

5

[O BURRO COM A PELE DE LEÃO VESTIDA]²⁸

Convém que cada um se estime e se contente com os seus próprios méritos²⁹, e que não tome para si as vantagens de outrem, para que, depois

de retiradas, as belezas não suscitem uma violenta risada, quando se ficar apenas com os defeitos.

Um burro encontrou, por acaso, uma pele de um leão da Getúlia³⁰, 5
cobriu o focinho com estes novos despojos e ajustou aos seus membros
aquele desadequado disfarce e escondeu a sua pobre cabeça sob tão grande
majestade. Mas, quando uma terrível agitação³¹ assediou o seu espírito e
quando um ilusório vigor se apoderou³² dos seus preguiçosos ossos, ele, 10
pisando os pastos comuns na companhia de dóceis animais, assustava,
através dos seus campos, as amedrontadas vacas. Um camponês, depois de
ter reconhecido o asno pelas suas grandes orelhas, amansa-o, depois de o ter
dominado com correias e vergastadas³³. E, ao mesmo tempo que o põe a nu, 15
arrancando-lhe a pele, critica o pobre animal nestes termos: “Talvez
enganes os ingénuos³⁴ com um falso rugido, mas, para mim, serás sempre
um asno pequeno, como no passado.”

6

[A RÃ E A RAPOSA]³⁵

Nascida nos charcos e imersa no profundo lodo³⁶ e sempre, apenas,
amiga do fundo dos rios enlameados, ao chegar às altas colinas e aos
verdejantes prados, uma rã, inchada, encantava uns pobres animais
selvagens, visto que, segundo ela, podia, com a sua sabedoria, socorrer as 5
doenças graves e prolongar a vida com o seu talento. E gabava-se de nada
ficar a dever ao mestre Péon³⁷, embora este tratasse dos sempiternos deuses
na abóbada celeste.

Então, uma astuta raposa, rindo-se da credulidade dos animais, mostrou a vacuidade existente naquelas promessas e perguntou: “Esta dará 10 medicamentos para os membros doentes, quando se nota nela uma cor azulada numa face amarelada^{38?}”

7

[A HISTÓRIA DO CÃO AGRESSIVO] ³⁹

Não é fácil, nem natural para os espíritos sem carácter julgarem-se dignos de recompensas ou de um castigo.

Havia um cão que não atemorizava com os seus latidos, nem abria a boca para mostrar os seus dentes e até dava suaves pancadas com a sua tímida cauda; acirrado por um atrevido, ele provocou ferimentos com os seus dentes. O dono, para que a dissimulada bondade do cão não passasse despercebida a ninguém, tinha ordenado que ele traria uma campainha⁴⁰ na sua enraivecida garganta. Ata-lhe no pescoço uma ruidosa sineta de bronze⁴¹, que, ao mais pequeno movimento, daria sinais de aviso. Todavia, o animal pensava que isto lhe tinha sido dado como recompensa e, regozijando-se, olhava com desprezo os seus semelhantes. Então, o mais velho da matilha acercou-se do orgulhoso que os insultava e, censurando-o com estas palavras, perguntou-lhe: “ Ó infeliz, que loucura desmedida te rouba o juízo⁴², ao pensares que esta campainha te é concedida como recompensa pelos teus méritos? Nela não está exposta uma marca de virtude, mas, devido à tua perversidade, transportas um som, testemunha da tua maldade.” 15

8

[O CAMELO]⁴³

Que o sábio viva satisfeito com os seus próprios bens e não inveje os do outro é o que nossa fábula nos lembra, para que a Fortuna⁴⁴, indignada, não pare, retrocedendo com uma rápida reviravolta, e para que não destrua o que antes a sua roda nos deu.

Diz-se que um animal, de um corpo imenso, foi pelos ares e que 5
importunou o grande Júpiter com súplicas: queixava-se que, a todos, ele parecia muito feio e digno de escárnio, que os bois se passeavam enfeitados com dois cornos e que só o camelo, completamente desprotegido, estava à mercê e exposto a todas as feras. Júpiter, começando a rir, depois de lhe 10
negar o que ele esperava, ainda o aliviou do peso das suas grandes orelhas. “Vive – disse – diminuído pela tua conduta⁴⁵, já que a ti não te basta a tua sorte e, ó invejoso, deplora para sempre o que perdeste.”

9

[OS DOIS AMIGOS E A URSA]⁴⁶

Em ignotos montes e em sinuosos vales, um homem meteu-se com um amigo por um caminho estreito, seguro de que qualquer desventura que a Fortuna⁴⁷ lhes trouxesse, os dois, unindo forças, a poderiam suportar. Enquanto prosseguiam o passeio com uma conversa animada⁴⁸, uma ursa 5
lança-se para o meio do caminho.

Um deles, dando uma rápida corrida para um carvalho, pendurou o seu peso⁴⁹, que tremia de pavor, na folhagem verdejante. O outro, sem dar um único passo à frente, deixou-se cair e, instintivamente, fingindo-se de morto, ficou deitado no solo. Imediatamente, a terrível fera correu, desejando aquela presa, e levanta o infeliz com as suas garras recurvas. Mas, quando os membros dele se enrijeceram devido ao medo paralisante (pois o costumado calor⁵⁰ vital abandonara os seus ossos), a ursa, embora em jejum, pensando que ele era um fétido cadáver, abandona-o e refugia-se na sua caverna. Mas, quando, em segurança, tinham voltado, pouco a pouco, à conversa, aquele, que antes fugira, perguntou com mais desembaraço do que seria plausível: “ Diz-me – peço-te – o que te disse a ursa, quando estavas apavorado? De facto, ela teve contigo um longa conversa em segredo.” – “ Sim: deu-me grandes conselhos; contudo, sugeriu-me sobretudo um, que deve ser sempre ser seguido pela minha pobre pessoa: “ Não voltes a facilitar – disse-me ela – a escolha de uma companhia, para que não sejas, de novo, capturado por uma fera enfurecida.”

10

[O CAVALEIRO CALVO]⁵¹

Um cavaleiro calvo, acostumado a entrelaçar na cabeça os seus poucos cabelos e a usar, na sua desnudada cabeça, uma cabeleira alheia, veio ao Campo de Marte⁵² e, compenetrado nas suas armas brilhantes⁵³, começou a voltar o seu dócil cavalo com o freio. As rajadas de Bóreas varrem, de frente, a sua cabeça, ridiculamente exposta diante da assistência: de facto,

mal a cabeleira foi arrancada, brilhou, de imediato, a fronte descoberta, que, antes, tinha uma peruca postiça de cor diferente. Mas o cavaleiro, sagaz, porque o riso estava generalizado a tantos milhares de espectadores, terminou a galhofa com a sua engenhosa esperteza, replicando: “ O que há 10 de espantoso por os meus cabelos postiços terem fugido de mim, a quem, já antes, os cabelos naturais abandonaram?”

11

[OS POTES SEMELHANTES] ⁵⁴

Um rio, arrebatando dois potes semelhantes das suas margens que se desmoronavam, levava-os, lado a lado, nas suas revoltosas águas. Mas artes e materiais diferentes moldaram os dois: o primeiro foi fundido em bronze e o outro foi moldado em barro. Diferente era, para o frágil e para o robusto, a 5 harmonia dos seus movimentos e a corrente, desenfreada, seguia o seu trajecto incerto. Todavia, o pote de bronze, para não partir o quebradiço companheiro de barro, jurara seguir, mais afastado, o seu percurso normal. O pote de barro, temendo que os mais pesados prejudicassem nalguma coisa os leves e porque nenhuma esperança existe para o pequeno na companhia 10 do mais forte⁵⁵, disse: “Embora me tenhas feito sentir seguro com as tuas palavras, este receio não deverá ser retirado do meu espírito. De facto, quer a água me choque contra ti, ou a ti contra mim, serei sempre eu, nestas duas desgraças, a única vítima.”

12

[O CAMPONÊS E O TESOURO]⁵⁶

Um camponês, revolvendo a terra com o seu arado bem profundo, vê que surgira dos sulcos um tesouro. Imediatamente, abandona, com o seu espírito apressado, a indigna charrua, fazendo avançar os seus bois para melhores pastos. Logo, constrói, devoto, altares⁵⁷ a Telure⁵⁸, porque o tinha presenteado, espontaneamente, com riquezas ofertadas. No entanto, a previdente Fortuna⁵⁹ adverte-o, a ele que se alegrava com os novos bens, lamentando ter sido indigna de incenso⁶⁰: “Agora, já não ofereces nos meus templos as dádivas encontradas e preferes reparti-las com os outros deuses; mas, quando estiveres muito desesperado por causa do teu ouro roubado, serei eu, a primeira, que tu, sem recursos, importunarás com as tuas lágrimas.”

13

[O TOURO E O BODE]⁶¹

Como, por acaso, um touro fugisse de um enorme leão e procurasse um esconderijo seguro, nuns caminhos ermos, encontra uma caverna, na qual, então, habitava um animal de pêlo eriçado, que costuma ser o líder de um rebanho do Cínife⁶². Mais tarde, quando o combativo bode afugentou, com um olhar de soslaio, o touro que, de cabeça baixa, pensava forçar a entrada, este afastou-se, irado, e, na fuga, disse de um vale afastado (pois o temor impede o expulso de travar um combate):

— “Não é a ti, ó mal-cheiroso, coberto de pêlos e de barba caída, que eu receio, mas aquele, que me é superior e me persegue. Com efeito, se ele se afastar, conhecerás, ó grande tolo, quanto um bode fedorento difere das forças de um touro.” 10

14

[A MACACA] ⁶³

Júpiter, um dia, tinha procurado saber por toda a Terra quem lhe daria como presente os filhos mais belos. Ao desafio do rei acorre toda a espécie de animais selvagens⁶⁴ e, misturado com eles, o animal doméstico é conduzido pelo homem. Não faltam, ao concurso, peixes escamosos e o ar mais puro traz toda a espécie de aves. No meio de todos estes animais, as mães, nervosas⁶⁵, levavam os seus filhos, que deveriam ser escolhidos pelo julgamento de um deus tão importante. Então, quando uma macaca pequena trouxe o seu filhote feio, levou até o próprio Júpiter ao riso. Mas ela, apesar de extremamente feia, faz ouvir, diante de todos os outros, estas palavras⁶⁶, querendo apagar, deste modo, o ultraje feito à sua raça: “Júpiter saberá a quem a vitória está reservada, mas, na minha opinião, o meu filho supera todos.” 5 10

15

[O GROU E O PAVÃO] ⁶⁷

Diz-se que a ave de Juno⁶⁸ impediu a sua congénere, a ave da Trácia⁶⁹, de aceder ao alimento comum. De facto, surgira um desentendimento sobre as suas diferentes aparências e, a partir de uma questão de pouca importância, iniciam uma grande discussão, porque, para o pavão, as partes do seu corpo brilhavam com múltiplos enfeites e o dorso plúmbeo dava ao grou um aspecto azul carregado. Então, o pavão, ostentando em círculo as penas da cauda levantada, espargiu o oculto esplendor⁷⁰, de novo, até aos astros. O grou, embora não rivalizasse com a beleza das penas, todavia, diz-se que, arrogante, se serviu destas palavras: “Apesar da combinação incontável das tuas cores ter matizado as tuas plumas, tu arrastarás a cauda florida, sempre preso ao chão; mas eu, que, nos ares⁷¹ me elevo com as minhas penas pouco graciosas, sou levado até próximo dos astros e dos deuses.”

16

[O CARVALHO E A CANA] ⁷²

Do cume dos montes, tombou um carvalho arrancado pela raiz⁷³, vencido pelo turbilhão do vento desmedido. Ampara-o, em baixo, o leito de um rio, que descia a correr com as suas águas revoltosas, e leva-o na corrente desenfreada. Mas, enquanto o alto carvalho é impelido de uma margem à outra, fixa o seu grande peso numas frágeis canas. Então,

juntando, assim, os seus ramos a um exíguo monte de terra, admira-se que uma cana esteja de pé nas águas correntes, que ele, até com um tronco tão largo, não fique de pé e que ela, com uma casca delgada, suporte as ameaças. Imediatamente, a sibilante cana responde-lhe com um afável sussurro e ensina-lhe que ela está mais segura na sua fraqueza: “Tu – disse – desdenhas os impetuosos ventos e as cruéis procelas e desabas, arrastado por todas as suas forças; mas eu detenho, pouco a pouco, os ventos⁷⁴ que se levantam e, na minha prudência, cedo aos ventos, ainda que ligeiros. A tempestade violenta fustiga o teu tronco; o vento, ludibriado pelos meus movimentos, desfalece.”

Esta fábula adverte-nos que é inútil opormo-nos aos grandes e que é, pouco a pouco, que se vencem as ferozes ameaças.

17

[O CAÇADOR E O TIGRE]⁷⁵

Um caçador, que nunca lançava flechas vãs, atormentava uns animais ferozes perto dos seus refúgios. Então, um tigre corajoso⁷⁶, desejando socorrer os amedrontados, ordena-lhe que acabe com aquelas ameaças intimidantes com o seu chicote⁷⁷. Todavia, o outro, lançando um dardo com a sua acostumada robustez, disse-lhe: “Agora, este mensageiro diz-te quem é que eu sou.” Ao mesmo tempo, o dardo arremessado trespassa-o numa ferida⁷⁸ e a arma ensanguentada atingiu as suas velozes patas.

Como o tigre, ferido e sem forças, arrastasse o dardo cravado, diz-se que foi interpelado, durante bastante tempo, por uma raposa assustada: esta pretendia saber quem lhe tinha causado tais ferimentos, ou, então, em que lugar o agressor se tinha escondido ao lançar o dardo. O felino, gemendo, começa a falar a custo com a sua voz quebrada (de facto, a ira e a dor roubam-lhe as suas palavras usuais): “Não surgiu, na verdade, qualquer forma no meio do caminho que possa ser, um dia, recordada pelos meus olhos, mas o sangue e um dardo lançado contra mim por um braço forte revelam que foi um homem.”

18

[OS QUATRO NOVILHOS E O LEÃO] ⁷⁹

Conta-se que, um dia, existiu nos prados uma amizade tão leal entre quatro novilhos⁸⁰ de grande porte que, conduzidos, ao mesmo tempo para fora do estábulo, nenhum desvario os separava e, de novo, o harmonioso grupo voltava das pastagens. Diz-se, também, que um enorme leão, no meio da floresta, os receou, devido aos seus cornos unidos entre si, enquanto o medo o impedia de atacar uma presa exposta e receava aproximar-se dos bovinos reunidos. Mas, embora fosse audaz e muito feroz nas suas acções, todavia, ele, sozinho, era inferior às forças de tais seres. Imediatamente, começa a assediá-los com palavras mal intencionadas, desejando levar a manada à discórdia e à separação. Assim, depois de ter desunido os espíritos com palavras hostis, lançou-se sobre o pobre grupo e despedaçou-o. Então,

um deles disse: “Quem desejar conservar uma vida tranquila pode aprender 15
com a nossa morte: não encha facilmente os crédulos ouvidos com palavras
falaciosas, nem abandone uma amizade já antiga.”

19

[O ABETO E A SARÇA] ⁸¹

Um abeto muito formoso ridicularizou uma sarça eriçada, quando
travavam uma acesa discussão acerca das suas aparências, referindo, o
abeto, que aquela controvérsia era considerada despropositada por todos, já
que, quanto aos seus méritos, nenhuma beleza os aproximava. “Com efeito –
disse o abeto – na minha opinião, o meu alongado corpo, erguendo-se em 5
direcção das nuvens⁸², eleva, até aos astros, a nobre cabeleira da minha
cabeça; quando sou colocado no meio de grandes navios, o vento desfralda
as velas suspensas em mim. Mas, quanto a ti, porque os teus espinhos te dão
uma aparência horrenda, todos os homens passam, com desprezo, diante de 10
ti.” A sarça replica: “Realmente, agora proclamas, satisfeito, apenas as tuas
qualidades e, altivo, vês os meus defeitos; mas, quando um ameaçador
machado cortar os teus belos ramos, como desejarás, então, ter tido os meus
espinhos⁸³!”

20

[O PESCADOR E O PEIXE]⁸⁴

Um pescador, habituado a levantar com a sua linha uma presa, içava um pequeno peixe com muito pouco peso. Mas, depois de levar a sua captura até ao ar⁸⁵ e ter retirado da sua faminta boca o anzol cravado, o peixe, suplicante, falou assim com as suas incontidas lágrimas⁸⁶: “Poupa-me, 5
suplico-te! Que lucro⁸⁷ obterás, pois, do meu corpo? Há pouco tempo, a minha fecunda mãe deu-me à luz no interior de umas grutas rochosas e mandou-me brincar nas águas mais próximas. Afasta as tuas ameaças⁸⁸ e permite-me crescer para a tua mesa: a costa desta praia restituir-me-á, de 10
novo, a ti. Indo alimentar-me, de imediato, para as planícies azuladas do imenso mar, volto, de livre vontade, mais nutrido, para a tua cana⁸⁹.” O pescador, argumentando que seria um crime libertar um peixe capturado, deplora que o destino seja inexorável em algumas ocasiões e responde: “Com efeito, é condenável deixar escapar uma presa que se tem e é, ainda, 15
mais insensato ir atrás, de novo, de esperanças adiadas.”

21

[O AGRICULTOR E A AVE]⁹⁰

Uma pequena ave⁹¹ confiara os seus filhotes à terra, na qual se erguia uma loura seara num terreno verdejante. Um camponês, desejando ceifar a seara, com os caules já quebradiços⁹², pedia, insistente, a ajuda dos

vizinhos. Porém, as suas palavras crédulas⁹³ agitaram a ninhada, ainda sem 5
 penas, e convenceram os filhotes a fugirem imediatamente do ninho. Mais
 prudente, a mãe, voltando para trás, proíbe-os de se afastarem, e pergunta-
 -lhes: “Na verdade, o que é que poderá ser conseguido por estranhos?”.
 O agricultor, de novo, confiou o trabalho aos seus amigos mais chegados⁹⁴.
 Porém, a mãe, mais confiante, deixa-se, de novo, lá ficar. Todavia, mal 10
 percebeu que o proprietário agarrava na sua foice e que a sua mão, tão real,
 se aproximava, disse: “Agora, meus pobres filhos, abandonai estes amados
 campos, já que que ele apenas tem esperança nas suas próprias forças.”

22

[O AMBICIOSO E O INVEJOSO]

Júpiter enviou Febo⁹⁵, do alto dos céus⁹⁶ à Terra, para conhecer as
 inconstantes mentes dos homens. Dois homens, naquela altura, invocavam
 os deuses com desejos díspares: de facto, um era ambicioso e o outro,
 invejoso. Titã⁹⁷, tendo perscrutado os dois, ofereceu-se⁹⁸, como mediador e, 5
 quando⁹⁹ ele, benevolente na sua superioridade, era assediado de preces,
 disse: “Agora, aquilo que um vier a pedir, imediatamente o outro receberá,
 mas duplicado.” Porém, àquele cujo coração não consegue saciar-se, uma
 enorme cobiça anulou as preces feitas em troca de um novo mal, confiando 10
 que lhe surgiria uma bênção com o voto do outro e crendo que só ele levaria
 as duas dádivas. O invejoso, quando viu o seu companheiro a tentar alcançar
 a sua recompensa, deseja, sentindo-se triunfante, o suplício do seu próprio

corpo: pede, pois, para viver privado de um olho¹⁰⁰, para que o outro, 15
 duplamente contemplado, viva despojado dos dois. Então, Apolo,
 compreendendo a natureza humana, riu-se e foi contar, ele próprio a Júpiter,
 o mal da inveja, a qual, mostrando-se perniciosa, enquanto se contenta com
 as desgraças dos outros, deseja, com regozijo, o seu próprio mal. 20

23

[A FÁBULA DO VENDEDOR DE BACO] ¹⁰¹

Um vendedor, reproduzindo a partir do mármore um notável Baco, pusera o deus em exposição, à venda. Um nobre, desejando comprá-lo, tinha a intenção de o colocar numa morada fúnebre de um túmulo; um outro queria comprá-lo, a fim de levar a divindade para um templo venerado e, 5
 assim, cumprir as suas promessas¹⁰² num lugar sagrado. “Agora – disse o deus – estabelecerás um destino incerto para a tua mercadoria, visto que vontades diferentes fixam um preço para a tua obra, conforme prefiras entregar-me aos defuntos ou aos deuses, conforme queiras que eu seja um 10
 ornamento de um túmulo ou um deus. De facto, está em teu poder a devida reverência a um grande destino e, ao mesmo tempo, tens nas tuas mãos a minha morte.”

Esta fábula ajusta-se àqueles a quem é permitido o poder de beneficiar ou prejudicar, segundo a sua preferência.

24

[O CAÇADOR E O LEÃO]¹⁰³

Um caçador afamado e um leão levavam a cabo uma discussão alongada devido a uma grande controvérsia. Eles, como desejassem um fim definitivo para as suas querelas, vêem, em seguida e por acaso, um monumento funerário¹⁰⁴. Uma mão hábil¹⁰⁵ representara aí um leão flectindo o pescoço e a sucumbir sob um braço de um homem¹⁰⁶. O caçador afirmava, naturalmente, que, a representação testemunhava que ele era superior: com efeito, a cena mostrava que o animal tinha sido morto. O leão, lançando olhares penetrantes¹⁰⁷ em direcção à imagem vã, rugiu e disse estas palavras, com o coração enraivecido: “Uma insensata confiança na tua raça¹⁰⁸ apoderou-se de ti, se pretendes que a mão de um artista sirva de testemunho, porque, se a nossa sagacidade adquirisse uma nova faculdade, de modo a que um leão pudesse esculpir uma pedra com os seus hábeis dedos, então verias um homem esmagado por um enorme rugido, para acabar os seus últimos momentos¹⁰⁹ numa boca enraivecida.”

25

[O MENINO E O LADRÃO]

Um menino sentou-se, a chorar, na borda de um poço, mostrando um olhar¹¹⁰ enganador no seu choro gratuito¹¹¹.

Um astuto ladrão¹¹², depois de o ter visto banhado em lágrimas¹¹³, pergunta-lhe imediatamente qual é a causa da sua tristeza. O menino, inventando um acidente com uma corda partida, lamenta ter deixado cair 5 uma bilha de ouro. Sem demora, a mão ávida¹¹⁴ do ladrão retirou a sua incomodativa veste: despido, desce, logo, ao fundo do poço. Diz-se que a criança, pondo em volta do seu pequeno pescoço o manto do outro, se escondeu, embrenhada nos silvados. Mas, depois de afrontados os perigos 10 devido a um desejo enganador, o ladrão, tendo perdido a sua veste, sentou-se, bastante triste, no chão. Conta-se que o ladrão se fez ouvir com as suas lamentações e que, com um suspiro, suplicou aos deuses supremos: “Depois disto, julgue ter perdido merecidamente o seu manto quem quer que pense 15 que nestas límpidas águas possa ‘nadar’ uma bilha.”

26

[A CABRA E O LEÃO]¹¹⁵

Um leão esfomeado, ao passar perto, vira uma cabra a pastar num alto rochedo¹¹⁶ e começou a falar: “Olá¹¹⁷! Deixa esses lugares escarpados¹¹⁸ nesses rochedos íngremes¹¹⁹ e não procures pasto nos montes aguçados; mas, dirige-te pelos prados verdejantes até à flor amarela do codesso¹²⁰, aos 5 vimeiros esverdeados¹²¹ e aos deliciosos tomilhos¹²².” Ela, gemendo, retorquiu: “Desiste, suplico-te, de, perfidamente, me assediare¹²³ com as tuas doces artimanhas, a mim, que estou segura. Embora me dêes conselhos verdadeiros e me poupes aos perigos maiores¹²⁴, tu não ages, contudo, de 10 maneira a que eu possa confiar nas tuas palavras. Com efeito, ainda que o

teu aviso seja composto de rectas palavras, a ferocidade do conselheiro torna-o suspeita.”

27

[A GRALHA E A BILHA]

Uma gralha, sedenta, avistara uma enorme bilha, que continha no fundo uma pequena quantidade de água. Empregou todas as suas forças durante muito tempo a vertê-la num terreno plano¹²⁵, para, é claro, expulsar a sua insuportável sede¹²⁶; depois de o seu esforço não ter produzido resultado¹²⁷, 5
ela, indignada, emprega toda a sua astúcia com uma nova sagacidade. De facto, depois de ter imergido pedras na bilha, a água, pouco profunda, subiu, naturalmente, de nível e proporcionou uma maneira fácil¹²⁸ de beber.

A fábula ensina quanto a habilidade, pela qual a ave levou a cabo a sua empresa¹²⁹, é mais eficaz do que a força. 10

28

[O CAMPONÊS E O NOVILHO]

Um camponês, ao cortar os chifres, com um podão recurvado¹³⁰, a um novilho que recusava as correias¹³¹ e não queria submeter o seu indomável pescoço a um jugo penetrante, acreditou que o enfurecido animal se

acalmara e, providente, prendeu o seu cachaço a uma enorme charrua (era, 5
 de facto, um novilho bem decidido a usar o chifre e a pata), para que,
 naturalmente, o longo temão¹³² impedisse as marradas e para que ele não
 desse facilmente coices com os seus cascos cruéis. Mas, depois de recusar
 as correias no seu cachaço enfurecido e de fustigar, com os cascos livres¹³³, 10
 o solo inocente, o novilho espalha com as patas, sem cessar, a poeira
 revolvida, que, na sua ferocidade, atira para a cara do seu dono que o
 seguia. Então, sacudindo os seus cabelos sujos da horrível poeira, o
 camponês, derrotado no seu íntimo¹³⁴, disse: “Faltava-me, sem dúvida, um 15
 exemplo duma natureza rebelde, que pode tornar-se, deliberadamente, má.”

29

[O VIAJANTE E O SÁTIRO] ¹³⁵

Quando o austero Inverno¹³⁶ persistia com as suas neves acumuladas e
 esmagava todos os campos¹³⁷ com o seu duro gelo, um viajante ficou
 imobilizado por uma cortina de névoa que estava à sua frente¹³⁸: com efeito,
 a perda do caminho impede-o de prosseguir a marcha. Diz-se que um
 Sátiro¹³⁹, guardião das florestas¹⁴⁰, condoído com o viajante, o acolheu e o 5
 conservou na sua caverna. O filho do campo¹⁴¹, mal o vê, fica surpreendido
 e, ao mesmo tempo, apavorado por o homem ter tanto poder¹⁴²: de facto,
 para fazer voltar os seus membros gelados¹⁴³ às necessidades da vida, tinha
 desentorpecido as suas mãos, bafejando-as com o seu hálito quente. Mas, 10

quando o satisfeito viajante, expulso o frio, tinha começado a deleitar-se com a extrema afabilidade do seu anfitrião (pois este, desejando mostrar-lhe a sua vida campestre, trazia o melhor¹⁴⁴ dos bosques para lhe oferecer), o Sático apresentou-lhe uma cratera¹⁴⁵ cheia de vinho¹⁴⁶ quente¹⁴⁷, para que o calor penetrante aliviasse os seus membros enregelados¹⁴⁸. Mas o viandante, ao recear tocar com os lábios a taça escaldante, sopra, mais uma vez, com a sua boca, para a esfriar¹⁴⁹. Espantado com este duplo prodígio, o anfitrião ficou estupefacto e ordena que o homem, agora expulso, parta para o mais longe possível dos bosques: “Não quero – disse – que alguma vez se abrigue na minha caverna alguém que mostre, ao mesmo tempo, duas bocas tão distintas.”

30

[O HOMEM E O PORCO]¹⁵⁰

Um camponês tinha deixado um javali – que devastava as searas e destruía os férteis campos¹⁵¹ – com uma orelha cortada, para que ele, relembando a recordação da dor sofrida, poupasse, de futuro, as tenras searas. Apanhado, de novo, no delito de devastação do campo, perdeu, o pérfido, a outra orelha, perdoadada antes. Sem demora, o animal meteu a sua cabeça eriçada na mesma seara, mas o seu duplo castigo fá-lo indigno de clemência. Então, o camponês ofereceu o javali para a rica mesa do seu patrão, cortando-o em muitos pedaços para vários pratos. Mas, quando este procurava o coração do javali já consumido (coração que, diz-se, um cozinheiro impaciente tinha roubado), o camponês, afirmando que o estulto javali não o tinha, refreou a justificada ira do outro com esta intervenção:

— “Com efeito, por que razão o insensato teria voltado para a perda dos 15
seus membros¹⁵² e permitiria ser preso, tantas vezes, pelo mesmo
inimigo¹⁵³?”

Esta fábula é uma advertência para aqueles que são, muito
frequentemente, audaciosos, sem desviarem nunca as suas mãos das faltas.

31

[O RATO E O BOI] ¹⁵⁴

Diz-se que, um dia, um pequeno rato errante ousou ferir¹⁵⁵ com o seu
pequeno dente um enorme boi. Mas, quando acabou a mordidela com o seu
focinho afiado, escondeu-se, seguro, no seu buraco. O outro, apesar de
vociferar ameaçadoramente com a sua enorme cabeça, todavia, na sua fúria, 5
não vê quem procura. Então, o rato frustrou com astúcia as suas ameaças
hostis, vexando, com esta saída apropriada, o outro que estava irritado:
“Não é porque os teus pais te deram grandes membros que atribuíram 10
eficácia à tua força. Aprende, todavia, que ousadia¹⁵⁶ têm os pequenos
focinhos e como uma turba de pequenos faz tudo aquilo que pretende.”

32

[O HOMEM E A CARRETA]¹⁵⁷

Um camponês tinha deixado o seu carro dentro de um pântano de lama e os bois aparelhados ao pesado jugo, esperando em vão que, feitos os votos, os deuses lhe trouxessem ajuda para a sua dificuldade, embora estivesse sentado. O senhor de Tirinto¹⁵⁸ (de facto, é este o deus que um suplicante invoca para os seus pedidos¹⁵⁹) do alto dos céus¹⁶⁰ começa a falar-lhe: 5
 “Continua a impelir com o teu aguilhão os teus bois extenuados e aprende a auxiliar as preguiçosas rodas¹⁶¹ com as tuas mãos. Então, quando tiveres ousado lutar além das tuas forças¹⁶², poderás cativar os deuses para os teus 10
 desejos. Aprende, além disso, que as divindades não são comovidas por pedidos indolentes¹⁶³ e recorre à ajuda dos deuses só quando tu próprio agires.”

33

[A GANSA QUE PUNHA OVOS DE OURO]¹⁶⁴

Um homem tinha uma gansa cheia de uma preciosa produção e que punha, frequentemente, ovos de ouro no seu ninho. A natureza determinara esta lei para a magnífica ave: *que não seja permitido pôr, ao mesmo tempo*¹⁶⁵, *duas destas dádivas*. Mas o seu dono, receando que os objectos da 5
 sua ambição desaparecessem, não suportou mais aquela demora penosa para o seu lucro e pensou tirar um grande proveito¹⁶⁶ da morte da ave, que, de forma tão contínua, era tão rica de um presente¹⁶⁷.

Depois de lhe ter passado a sua faca ameaçadora pelas vísceras abertas¹⁶⁸ e de ter reparado que ela estava vazia dos ovos habituais, o 10
homem chorou, decepcionado por este erro que lhe trouxe tanto prejuízo; na verdade, recebeu, por esse motivo, o castigo pela sua conduta.

Assim, àqueles que pedem, desavergonhadamente, ao mesmo tempo tudo aos deuses, estes recusam, muito justamente, até os pedidos de cada dia.

34

[A FORMIGA E A CIGARRA] ¹⁶⁹

Todo aquele que tenha deixado passar a sua juventude de uma forma indolente e não receou cautelosamente os males da vida¹⁷⁰, depois de surgir o peso dos anos¹⁷¹, ele, acabado pela velhice¹⁷², pedirá muitas vezes, em vão, – ai¹⁷³! – a ajuda de outrem.

Uma formiga guardou para o Inverno os frutos do seu trabalho, 5
arrancados aos dias solarengos, e guardou-os na sua estreita toca. Mas, quando a terra acolheu as brancas neves¹⁷⁴ e os campos se ocultaram sob o duro gelo, a formiga, não sendo capaz de enfrentar as tempestades com tão pequeno corpo, juntou grãos húmidos na sua própria habitação. Pálida e 10
suplicante, aquela que antes tinha perturbado os campos com o seu ruidoso canto¹⁷⁵, com pedidos lhe implorava alimento e disse-lhe que, quando na eira se batiam as maduras searas, ela passava os dias estivais¹⁷⁶ com cantos. Então, rindo-se, a minúscula formiga falou assim para a cigarra (pois 15
costumam levar a sua vida perto uma da outra¹⁷⁷):

— “Porque eu tive um enorme trabalho¹⁷⁸ para granjear a minha subsistência, gozo um prolongado descanso¹⁷⁹ em pleno Inverno¹⁸⁰. Mas, para ti, ainda te sobram uns derradeiros momentos de dança, já que, até agora, a tua vida foi passada¹⁸¹ a cantar.”

20

35

[A MACACA E OS SEUS FILHOS]¹⁸²

Conta-se que uma macaca, dando à luz duas crias¹⁸³, distingue-as com um tratamento diferente¹⁸⁴. Com efeito, a progenitora cria um com enlevado amor e mostra-se inflamada de ódio¹⁸⁵ com o outro. Quando um estrondo muito forte amedrontou a mãe, esta toma os seus filhos¹⁸⁶ de forma distinta: traz o seu predilecto nos braços, ou junto ao peito acolhedor, e leva o desdenhado dependurado no seu pescoço. Porém, como não podia aguentar-se nas suas patas cansadas, ela, ao fugir, larga espontaneamente o peso dianteiro. O outro, pondo os braços à volta do pescoço peludo da mãe, fica suspenso e foge com ela, contra a vontade desta¹⁸⁷. Em breve, ele, salvo como único herdeiro dos seus velhos avós, recebe também os beijos destinados ao seu predilecto irmão.

Assim, muitos chegam a gostar do que outrora tinham desdenhado e, alterada a situação¹⁸⁸, a esperança traz, por sua vez, melhor sorte aos humildes.

36

[O BEZERRO E O BOI] ¹⁸⁹

Um formoso bezerro, saltitando com o seu pescoço livre do jugo¹⁹⁰, vira um boi a lavrar continuamente os campos. “Eh! – perguntou ele – não tens vergonha de carregar esses liames no teu velho cachaço e de não teres conhecido o descanso, afastado do teu jugo, enquanto a mim me é permitido 5 correr pelos tapetes de erva e procurar, depois, as sombras dos bosques?” Mas o velho bovino, nada irado com estas palavras, revolveia, cansado, com o arado¹⁹¹ a costumada terra¹⁹², até lhe ser permitido, depois de ter deixado a charrua nos prados, deitar-se, já sem forças, num leito de ervas. Pouco 10 tempo depois, vê o bezerro, atado e conduzido até aos altares sagrados, a aproximar-se¹⁹³ da faca do vitimário¹⁹⁴. “A funesta¹⁹⁵ indulgência, – disse – que te fez livre¹⁹⁶ do meu jugo, trouxe-te este fim. Será, pois, mais vantajoso suportar o trabalho, embora pesado, do que, ainda jovem, gozar 15 de um descanso que, em breve, se desvanecerá.”

É esta a sorte dos homens: para os mais felizes, a morte vem depressa¹⁹⁷, enquanto uma longa vida conduz os infelizes.

37

[O CÃO E O LEÃO] ¹⁹⁸

Diz-se que um cão, bem alimentado, encontrou um leão, esgotado, e lhe dirigiu estas palavras em tom de escárnio:

— “Porventura não vês como os meus flancos se estendem pelos dois lados das minhas costas e como o meu nobre peito¹⁹⁹ está cheio de músculos?” – perguntou ele. – “Depois do descanso²⁰⁰, sou conduzido até 5
junto da mesa dos humanos, apanhando com a boca generosos pedaços dos mesmos alimentos deles²⁰¹.” – “Mas que ferro detestável é esse que circunda o teu gordo pescoço?” – “É para me impedir de me afastar da casa que eu guardo. Mas tu, morrendo de fome, vagueias há muito tempo por esses vastos campos, até que, nesses bosques, uma presa se apresente no teu 10
caminho. Apressa-te, pois, a submeter o teu pescoço²⁰² às nossas correntes²⁰³, que te permitem ganhar uma refeição fácil.” Imediatamente, o leão, tomado²⁰⁴ de uma violenta ira²⁰⁵, lança, ferozmente, um nobre rugido: “Vai-te embora, – ordenou – e leva no teu pescoço a merecida coleira e que 15
essas penosas cadeias compensem a tua fome. Mas, quando a minha liberdade me faz voltar à minha caverna deserta, eu, embora esfomeado, dirijo-me para os campos que me agradam. Lembra-te de elogiar, antes, estes teus festins àqueles que sacrificaram a liberdade à gula.” 20

38

[O PEIXE DO RIO QUE FOI PARA O MAR]

Um peixe, arrastado da água doce²⁰⁶ por um rio impetuoso²⁰⁷, precipitou-se nas águas marítimas²⁰⁸. Lá, olhando com desdém um cardume de peixes, o descarado afirma ser superior na sua nobreza. Um gobião²⁰⁹ não tolerou²¹⁰ este exilado nestas águas ancestrais²¹¹ e dirigiu-lhe estas palavras 5
duras²¹² em tom mordaz:

— “Leva essa tua vã ilusão e esse teu discurso emproado, os quais eu sou até capaz de refutar na tua presença²¹³. Provar-te-ei, diante dos olhos do povo, quem terá mais valor, quando as húmidas²¹⁴ redes nos capturarem ao mesmo tempo²¹⁵. Então, um comprador mais ilustre adquirir-me-á por um elevado preço e, nessa mesma altura, o insignificante vulgo comprar-te-á com uma moeda de bronze²¹⁶.”

39

[O SOLDADO E A TROMBETA] ²¹⁷

Um dia, um soldado, cansado dos combates, prometera lançar às chamas²¹⁸ todas as armas que a turba inimiga, ao sucumbir, lhe tivesse deixado²¹⁹ a si, como vencedor²²⁰, ou tudo aquilo que pudesse ter conquistado ao adversário em fuga²²¹. Entretanto, a sorte permitiu-lhe pagar²²² a sua promessa e ele, recordado do que jurara, começou a levar, uma a uma, as armas para uma pira flamejante²²³. Nessa altura, uma trombeta, negando a sua culpa com um som rouco²²⁴, explica, antes de mais, que não merece aquelas labaredas²²⁵: “Aos teus braços – disse – não foi arremessado nenhum dardo²²⁶ que possas afirmar ter sido lançado com a minha força. Apenas incitei às armas com o meu sopro e com a minha melodia, e isto num tom até discreto (tenho os astros como testemunhas).” O soldado, ao colocar a retumbante trombeta nas crepitantes chamas²²⁷, respondeu: “Agora, um grande castigo e uma grande dor consomem-te. Na realidade, embora tu própria nada possas fazer e nada ouses, és, por essa razão, mais cruel, porque tornas os outros maus.”

40

[O LEOPARDO E A RAPOSA] ²²⁸

Um leopardo, matizado com malhas e de belo peito²²⁹, ia até às planícies, por entre feras a si semelhantes²³⁰. Mas, porque os ferozes leões não tinham os seus dorsos matizados, imediatamente ele acreditou que eram de uma raça sem valor²³¹. Censurando os restantes animais por causa da sua desprezível aparência, só ele era um exemplo de nobreza²³². Uma arguta raposa acusa-o, a ele que se regozijava do seu extraordinário manto, e demonstra que as suas características são fúteis: “Vai – diz-lhe – e confia excessivamente²³³ na tua colorida juventude, desde que eu possa ter uma inteligência mais brilhante e desde que admiremos mais aqueles, a quem as dádivas do espírito adornam, do que estes, que brilham graças às qualidades físicas.”

41

[O POTE DE BARRO CRU LEVADO PELA CORRENTE] ²³⁴

Impelida pelos ventos e concentrada numa densa nuvem, uma chuva forte precipitara-se²³⁵ sob a forma de águas inverniais²³⁶. Quando formava um charco nas terras inundadas pela tempestade, ela envolveu um pote de barro, exposto naqueles campos (pois o ar tépido endurece, primeiro, o barro maleável, para que possa ser cozido melhor, quando exposto ao fogo²³⁷). Então, a nuvem perguntou o nome ao frágil pote²³⁸. Este, esquecido de quem era, respondeu: “Chamo-me *ânfora*. Uma hábil mão²³⁹ dotou-me de

uns contornos voluptuosamente arredondados²⁴⁰, ao fazer-me girar com 10
movimentos circulares²⁴¹.”

— “Que não te seja permitido manter – retorquiui a nuvem – essa tua
forma por muito mais tempo: com efeito, a chuva dissolver-te-á a ti,
submersa pelas águas”.

E, nesse momento, o pote, rachando-se²⁴² pela acção violenta da
corrente²⁴³, precipitou-se, vencido, nas líquidas águas²⁴⁴.

Pobre do pote que, tomando para si um grande nome, ousou falar assim 15
às nuvens armadas de aljavas²⁴⁵!

Este exemplo poderá advertir, para o futuro, os fracos, para que
lamentem o seu destino, subjugado aos poderosos.

42

[O LOBO E O CABRITO] ²⁴⁶

Um dia, um cabrito, bastante rápido na corrida, escapara a um lobo,
enquanto se dirigia para uns campos, próximos de umas cabanas. Daí,
fugindo²⁴⁷ em linha recta²⁴⁸ em direcção a umas muralhas, ficou parado entre
rebanhos de ovelhas²⁴⁹. O predador, incansável, seguiu-o pelo meio da 5
cidade e tenta atraí-lo com esta manha bem engendrada²⁵⁰: “Porventura, tu
não vês – perguntou – como, em todos os templos, uma vítima, ao gemer,
mancha de sangue o chão com a sua morte? Se não puderes voltar à
segurança do campo, coitado de mim²⁵¹!, tu também cairás²⁵² com a tua 10
frente ornada de fitas²⁵³.”

O cabrito replica: “Peço-te isto: põe de lado, somente, essa tua inquietação²⁵⁴ e, ó malvado, leva contigo essas desprezíveis ameaças²⁵⁵. É que será preferível derramar o meu sangue consagrado²⁵⁶ aos deuses a saciar as goelas de um enraivecido lobo²⁵⁷.”

Assim, sempre que surge um perigo de dois modos diferentes²⁵⁸, é 15 preferível escolher uma morte honrosa.

NOTAS

FÁBULA 3

¹⁹ Cf. Aesop. 151 e Babr. 109.

²⁰ Cf. VERG. *G.* 1. 97-98: ... *qui, procisso quae suscitatur aequore terga, / rursus in obliquom uerso perrumpit aratro.*

²¹ O verbo *notare* assume, neste contexto, um tom de crítica do filho à mãe: de facto, *notare* pode significar, falando-se de censores, *anotar o nome de um cidadão acusado de alguma prevaricação, de alguma falta*. A acusação do filho não podia ser mais contundente: a mãe-caranguejo comporta-se mais como um censor, um acusador, anotando as pequenas falhas do seu filho – *alterius censor ut uitiosa notes*. – cf. HOR. *S.* 1. 4. 106: *ut fugerem exemplis uitiorum quaeque notando.*

FÁBULA 4

²² Cf. Aesop. 73 e Babr. 18.

²³ Bóreas é o deus do Vento do Norte, filho de Eos (a Aurora) e de Astreu, e irmão dos ventos Zéfiro e Noto. A tradição atribui-lhe um carácter violento, testemunhado nalguns actos: o rapto de Orítia, a filha do Rei de Atenas, Erecteu; o castigo de Fineu, etc..

²⁴ Trata-se de um epíteto de Apolo. Frequentemente, usa-se, mais em latim, o epíteto Febo (*o Brilhante*), em vez do nome mitológico Apolo. Este deus é filho de Zeus e de Latona e irmão de Ártemis. É o deus da adivinhação, da música, da poesia e, paradoxalmente, também um deus guerreiro. Em Roma, conheceu grande devoção pelos seus habitantes, a tal ponto que Augusto o considerava o seu deus protector, pois acreditava que Febo tinha intervindo na sua vitória naval em Áccio, sobre António e Cleópatra, em 31 a. C. Os *Jogos Seculares*, em 17 a. C., foram, sobretudo, dedicados a este deus.

²⁵ Cf. VERG. *A.* 4. 452: *Quo magis inceptum peragat lucemque relinquat.*

²⁶ Cf. NEP. *Dat.* 14. 3: *ipse agresti duplici amiculo circumdatus*; VERG. *A.* 5. 421: *Haec fatus duplicem ex umeris reiecit amictum* e SERV. *A.* 5. 421: “*Duplicem amictum*” *id est abollam, quae duplex est, sicut chlamys.*

²⁷ Febo pertence à raça dos Titãs e surge, muito frequentemente na literatura latina, designado por *Titan* – cf. VERG. *A.* 4. 117-119: *Venatum Aeneas unaque miserrima Dido / in nemus ire parant, ubi primos crastinus ortus / extulerit Titan radiisque retexerit orbem* e SEN. *Oed.* 1: *Iam nocte Titan dubius expulsa redit.*

FÁBULA 5

²⁸ Cf. Aesop. 279 e Babr. 139.

²⁹ Cf. HOR. *Ep.* 1. 7. 98: *Metiri se quemque suo modulo ac pede uerum est.*

³⁰ A Getúlia, situada no deserto do sul da Numídia, era conhecida devido à abundância de leões. Vários foram os escritores romanos que fizeram alusão àquele local – cf. VERG. *A.* 5. 351-352: *Sic fatus tergum Gaetuli immane leonis/ dat Salio uillis onerosum atque unguibus aureis.*

³¹ Cf. VERG. *A.* 2. 559: *At me tum primum saeuos circumstetit horror.*

³² Cf. VERG. *G.* 4. 418: ... *habilis membris uenit uigor.*

³³ Cf. TIB. 2. 3. 80: *Non ego me uinculis uerberibusque nego.*

³⁴ Cf. PHAED. 5. 2. 11: *Fors possis alios ignorantes fallere.*

FÁBULA 6

³⁵ Cf. Aesop. 69 e Babr. 120.

³⁶ Cf. PHAED. 1. 2. 16: *Hoc mersum limo cum iaceret diutius/ forte una tacite profert e stagno caput.*

³⁷ Péon, ou Péan, era o deus curandeiro das divindades: tratava dos doentes, usando plantas (*herbae*) medicinais. Na Literatura Latina, ocorre, por vezes, a forma adjectivada *Paeonius* formada do nome próprio *Paeon* – cf. VERG. *A.* 7. 764 e 769: *Namque ferunt fama Hippolytum .../ .../Paeoniis reuocatum herbis et amore Dianae* e 12. 400-403: ... *Ille retorto/ Paeonium in morem senior succinctus amictu/ multa manu medica Phoebique potentibus herbis/ nequiquam trepidat* Também o comentador de Virgílio, Mauro Sérvio Honorato, na sua obra *In Vergilium Commentarius*, se refere a este deus: *Paeonium in morem medicinalem, a Pacone: nam Doricae linguae est “Paeon”, naturale enim est “Paeon”* (*A.* 12. 401) – Atente-se na função metalinguística presente neste extracto, quando o escritor se debruça sobre o próprio código, advogando, como forma mais correcta, *Paeon*.

³⁸ A raposa, além de astuta, revela-se extremamente irónica: na sua lógica, é pouco provável que alguém com um ar doente (*pallida ora*), incapaz, portanto, de se tratar, cure as doenças dos outros.

FÁBULA 7

³⁹ Cf. Aesop. 186 e Babr. 104.

⁴⁰ *Nōlam* não está documentado nos escritores anteriores a Aviano, estando, todavia, presente nos melhores manuscritos das *Fábulas*. – cf. *Anecdota Helvetica* = G. L. K., VIII, p. 182 (*apud* F. GAIDE, op. cit., p. 139): *‘Nola’ et ‘campanella’ unum est, id est ‘schilla’, ut est illud Auieni de cane: “Iusserat in rabido gutture ferre nolam”.*

⁴¹ Cf. VERG. *G.* 4. 149-151: *Nunc age, naturas apibus quas Iuppiter ipse/ addidit expediam, pro qua mercede canoros/ Curetum sonitus crepitantique aera secutae.*

⁴² Cf. VERG. *Ecl.* 2. 69: *A! Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?*; 6. 47: *A! uirgo infelix quae te dementia cepit!*; G. 4. 486-488: ... *Eurydice superas ueniebat ad auras/.../ Cum subita incautum dementia cepit amantem.*; A. 5. 465: *Infelix, quae tanta animum dementia cepit?*

FÁBULA 8

⁴³ Cf. Aesop. 146.

⁴⁴ Deusa romana, identificada com a divindade grega $\square\square\square\square$, apresentava-se com a cornucópia de Amalteia, com um leme (símbolo da pilotagem dos destinos da Humanidade) e quase sempre cega. Além destes acessórios, aparecia representada ora sobre uma navalha, ora sobre uma esfera (símbolo da uiversalidade), ora em equilíbrio sobre uma roda (símbolo da inconstância da vida). A devoção dos Romanos por esta deusa estava bem patente nos seus vários epítetos: *Fortuna Virilis* (protectora dos homens); *Fortuna Equestris* (protectora dos cavaleiros); *Fortuna Muliebris* (protectora das mulheres casadas e do casamento); *Fortuna Comes* (protectora dos viajantes). A ideia da roda da Fortuna e a simbologia a ela subjacente (a instabilidade das coisas) é evidente nesta fábula e em muitos outros escritores latinos anteriores a Aviano – cf. CIC. *Pis.* 10. 22: ... *cum illum suum saltatorium uersaret orbem, ne tum quidem Fortunae rotam pertimiscebat...*; PHAED. *App.* 5. 1: *Ixion, qui uersari narratur rota,/ uolubilem fortunam iactari docet.*; SEN. *Her. O.* 703: *Quae te rursus fortuna rotat?*

Modernamente, usa-se frequentemente a expressão *Roda da Fortuna* para se designar o jogo da lotaria.

⁴⁵ Cf. OV. *Am.* 2. 2. 49: *Poena minor merito.*

FÁBULA 9

⁴⁶ Cf. Aesop. 254 e PHAED. 5. 2.

⁴⁷ Acerca da Fortuna, ver a nota 44 da fábula 8, de Aviano.

⁴⁸ Cf. VERG. *A.* 6. 160: *Multa inter sese uario sermone serebant.*; CIC. *Sen.* 47: ... *uario sermone producimus.*; OV. *Met.* 4. 39: *Vtile opus manuum uario sermone leuemus*; TAC. *Hist.* 1. 25: ... *postquam uario sermone callidos audacesque cognouit ...*; PETR. 55. 1: *Comprobamus nos factum et quam in praecipiti essent, uario sermone garrimus.*

⁴⁹ Cf. OV. *Ep.* 9. 97-98: *Quique inter laeuumque latus laeuumque lacertum/ Praegraue compressa fauce pependit onus*; *Rem.* 17-18: *Cur aliquis laqueo collum nodatus amator/ A trabe sublimi triste pependit onus ?*; *Fast.* 2. 760: *Illa reuixit/ Deque uiri collo dulce pependit onus.*

⁵⁰ Cf. VERG. *A.* 3. 307-308: ... *magnis exterrita monstris/ deriguit uisu in medio, calor ossa reliquit.*; OV. *Ep.* 14. 37: *Sanguis abit, mentemque calor corpusque relinquit.*

FÁBULA 10

⁵¹ Cf. Aesop. 343.

⁵² O Campo de Marte era um terreno aberto, situado em Roma e propício à prática de exercícios – cf. HOR. *S.* 1. 6. 126: ... *fugio Campum lusumque trigonem*. A ação desta fábula situa-se no Campo de Marte, talvez no momento em que o nosso cavaleiro se exercitava um pouco.

⁵³ Cf. VERG. *A.* 8. 587-588: ... *ipse agmine Pallas/ in medio, chlamyde et pictis conspectus in armis*.

FÁBULA 11

⁵⁴ Cf. Aesop. 354.

⁵⁵ Cf. a mesma ideia em Fedro, na sua fábula 1. 5. 1: *Numquam est fidelis cum potenti societas*.

FÁBULA 12

⁵⁶ Cf. Aesop. 84.

⁵⁷ Visto tratar-se de um altar para uma divindade da terra, provavelmente este seria feito com terra e erva.

⁵⁸ Telure era uma divindade itálica, simbolizadora da Terra nutricia. Identificada com a deusa grega $\square\square\square\square$, era frequentemente honrada sob o nome de *Terra Mater*. Era a protectora dos terramotos (*Tellus Stabilita*) e presidia ao casamento. Possuía um templo no Esquilino e era festejada nas Festas *Sementiua* (24-26 de Janeiro), nas *Fordicidia* (15 de Abril) e nas *Paganalia* (com Ceres). Era representada com muitos seios – símbolo de fecundidade –, e com frutos numa mão e uma cornucópia na outra – cf. VERG. *A.* 7. 135-137: *Sic deinde effatus frondenti tempora ramo/ implicat et geniumque loci primamque deorum/ Tellurem Nymphasque ...*

⁵⁹ Sobre a Fortuna, veja-se a nota 44 da fábula 8, de Aviano.

⁶⁰ Queimar incenso nos altares e ofertar bebidas e comidas aos deuses eram algumas das formas que os Romanos encontravam para demonstrar a sua devoção aos deuses – cf. PHAED. 4. 21. 19 (crítica a um avarento que nem o incenso queimava aos deuses): *qui ture superos, ipsum te fraudas cibo*.

FÁBULA 13

⁶¹ Cf. Aesop. 332 e Babr. 91.

⁶² O adjectivo *Cinyphius*, *a*, *um* deriva do nome de um rio da Líbia – *Cinyps*: o Cínife. Este rio desaguava no Mediterrâneo, perto de *Leptis Magna*. A região do rio Cínife era conhecida devido às suas cabras de longos pelos, com os quais se fabricava um tecido grosseiro – cf. VERG. *G.* 3. 311-313; MART. 8. 50. 11-12 e 14. 141. 1-2; e PLIN. *Nat.* 8. 203.

FÁBULA 14

⁶³ Cf. Babr. 56.

⁶⁴ Cf. LUCR. 1. 163: *armenta atque aliae pecudes, genus omne ferarum*, e 5. 1338: *diffugiebat enim uarium genus omne ferarum*. ; VERG. G. 3. 480: ... *genus omne neci pecudum dedit, omne ferarum*, e 4. 223: *Hinc pecudes, armenta, uiros, genus omne ferarum*. ; OV. Ep. 10. 1: *Mitius inueni quam te genus omne ferarum*, e Met. 10. 705 e 707: *Hos tu, care mihi, cumque his genus omne ferarum/.../ Effuge...* ; MART. Sp. 21. 5: *Adfuit immixtum pecori genus omne ferarum*. ; CALP. Ecl. 2. 10: *Affuit omne genus pecudum, genus omne ferarum*, e 7. 57: ... *Vidi genus omne ferarum*. ; STAT. Theb. 5. 391: ... *obruitur campis genus omne ferarum*.

⁶⁵ Cf. VERG. A. 7. 158: ... *trepidae matres pressere ad pectora natos*.

⁶⁶ Cf. VERG. A. 2. 129: ... *rumpit uocem et me destinat arae*.

FÁBULA 15

⁶⁷ Cf. Aesop. 333 e Babr. 65.

⁶⁸ Cf. OV. Am. 2. 6. 55: *Explicat ipsa suas ales Iunonia pinnas*. O pavão é a ave consagrada a Juno. Esta havia incumbido Argos de guardar Io, amada por Júpiter: Am. 2. 2. 45-46: *Dum nimium seruat custos Iunonius Ion./ Ante suos annos occidit, illa est dea*. Após a morte de Argos, a filha de Saturno retirara-lhe os seus cem olhos para os colocar nas penas de um pavão: *Arge, iaces; quodquod in tot lumina lumen habebas/ Exstinctum est centumque oculos nox occupat una./ Excipit hos uolucrisque suae Saturnia pennis/ Collocat et gemmis caudam stellantibus inplet* (OV. Met. 1. 720-723). Mauro Sérvio Honorato, na sua obra *In Vergilium Commentarius*, apresenta uma versão diferente : Juno teria transformado Argos num pavão – *Iunoneum in pauonem mutauit* (A. 7. 790).

⁶⁹ *Threiciam uolucrum* é uma perífrase para designar o grou, que, todos os anos, viaja do norte da Grécia (Trácia) para África – cf. JUV. 13. 167: *Ad subitas Tracum uolucres nubemque sonoram/ Pygmaeus paruis currit bellator in armis*, e OV. Ars 3. 169 e *sqq.*: o poeta, ao dissertar acerca do vestuário, aconselha o uso de cores menos custosas, ao contrário da cor púrpura de Tiro, e acrescenta: *Hic undas imitatur ... / ... / Hic Paphias myrtos, hic purpureas amethystos/ Albentesue rosas Threiciamue gruem*.

⁷⁰ *arcanum iubar* (v.8): *o oculto esplendor* – numa atitude de superioridade e de ostentação, o pavão mostra o que o distinguia do grou: a sua bela plumagem da cauda. Esta, antes, estava fechada, mas agora abria-se para contemplação do seu rival.

⁷¹ Ao contrário de F. GAIDE, *op. cit.*, p. 94, que deu a sua preferência a *in aere*, achamos mais conveniente *in aera* das lições dos manuscritos *Reginensis Latinus*¹ 208, do século IX; *Vossianus Latinus Q.* 86, do século IX; *Parisinus Latinus 13026 (olim 1188)*, do século IX; *Bodleianus Auct. f. 2. 14*, dos séculos XI-XII; e *Londinensis, Mus. Brit. Harl. 4967*, do século XIV. A nossa escolha baseia-se no facto de *feror* (v.14) traduzir o movimento ascendente do grou nos ares, em direcção aos astros e aos deuses.

FÁBULA 16

⁷² Cf. Aesop. 143 e Babr. 36.

⁷³ Cf. VERG. *A.* 5. 449: *aut Ida in magna radicibus eruta pinus.*

⁷⁴ Cf. VERG. *A.* 3. 480-481: “... *Quid ultra/ prouehor et fando surgentis demoror Austros?*”

FÁBULA 17

⁷⁵ Cf. Aesop. 338 e Babr.1.

⁷⁶ Ficamos a saber que se trata de um tigre-fêmea pelo adjectivo *saucia* (v.9), pela forma verbal *retenta [est]* (v.10) e pelo pronome demonstrativo *Illa* (v.13).

⁷⁷ F. GAIDE, *op. cit.*, p. 135, refere que *uerbere*, na sua opinião, alude ao chicote ou à ramagem de que o caçador se servia para fazer barulho, de maneira a que os animais saíssem dos seus esconderijos. Existem, talvez, nesta passagem reminiscências da fábula 1. 11 de Fedro, *O burro e o leão à caça*.

⁷⁸ Preferimos a forma *uulnere* a *uulnera* (v.7) – utilizada por F. GAIDE, *op. cit.*, p. 96 –, pois a primeira forma, sendo um complemento circunstancial de lugar onde, aponta para a precisão e destreza de um caçador experimentado: com o seu dardo, feriu o tigre num determinado ponto do seu corpo, escolhido pelo seu olhar oculto na floresta. *Vulnere* surge nas lições dos manuscritos *Reginensis Latinus*¹ 1424, dos séculos X-XI; *Parisinus Latinus*¹ 5570 (*olim Colbertinus* 5254), dos séculos X-XI; *Parisinus Latinus*² 8093 (*olim Colbertinus* 1512), do século IX. Também as obras seguintes optaram por esta forma: R. ELLIS, *The Fables of Avianus*. Oxford, 1887 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 96); J. W. DUFF and A. M. DUFF, *The Fables of Avianus*, in *Minor Latin Poets II*. Londres, Heinemann, Collection Loeb, 1982; e L. HERRMANN, *Avianus, Oeuvres*. Bruxelas, Latomus, Collection Latomus, 1968 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 96).

FÁBULA 18

⁷⁹ Cf. Aesop. 71 e Babr. 44. Em Esopo e em Bábrio, encontramos três bois e em Aviano, quatro – cf. VERG. *G.* 4. 538: *Quattuor eximios praestanti corpore tauros ... delige*, e *A.* 8. 207: *quattuor a stabulis praestanti corpore tauros/ auertit ...*

⁸⁰ Cf. VERG. *Ecl.* 7. 11: *Huc ipsi potum uenient per prata iuuenci.*

FÁBULA 19

⁸¹ Cf. Aesop. 101 e Babr. 64.

⁸² Cf. OV. *Ep.* 16. 71: *Neue recusarem, urbis Iouis imperat et se/ Protinus aetheria tollit in astra uia*, e STAT. *Theb.* 6. 495-498: *anguicomam monstri effigiem, saeuissima uisu/ ora,*

⁹² Cf. VERG. *G.* 1. 187: ... *cum flauis messorum induceret aruis/ agricola et **fragili** iam stringeret hordea **culmo**.*

⁹³ *uox credula* (v.5): *as suas palavras crédulas* – pois o camponês acreditava que os vizinhos o iriam ajudar no campo. Todavia, o auxílio nunca chegou.

⁹⁴ *caris amicis* (v.9): note-se o tom irónico veiculado pelo adjetivo.

FÁBULA 22

⁹⁵ Sobre Febo, ver a nota 24 da fábula 4.

⁹⁶ Cf. MART. *Sp.* 15. 3-4: *Ille et praecipiti uenabula condidit urso,/ primus in Arctoi qui fuit **arce poli**.*

⁹⁷ Acerca de Titã, veja-se a nota 27 da fábula 4.

⁹⁸ Neste contexto, parece fazer mais sentido *sese* do que *quoque se* (presente em F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102). Optámos pela primeira forma, documentada nos manuscritos *Vossianus L. O. 15*, do século XI e *Vossianus Latinus² Q. 86*, do século IX e nas obras E. BAEHRENS, *Auiani Fabulae*, in *Poetae Latini Minores*. Tomo 5, Leipzig, Teubner, 1882 (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102); R. ELLIS, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102); J. W. DUFF and A. M. DUFF, *op. cit.*; GUAGLIANONE, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102) e L. HERRMANN, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102).

⁹⁹ Seguimos a forma *cum* das obras R. ELLIS, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102); J. W. DUFF and A. M. DUFF, *op. cit.*; GUAGLIANONE, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102) e L. HERRMANN, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102). Parece-nos que a oração tem valor temporal e não final, como apresenta F. GAIDE, *op. cit.*, p. 102: *precibus ut peteretur*.

¹⁰⁰ Cf. MART. 6. 78. 1-2: *Potor nobilis, Aule, **lumine uno**/ luscus Phryx erat alteroque lippus*, e 8. 59. 1-2: *Aspicis hunc **uno** contentum **lumine**, cuius/ lippa sub adtrita fronte lacuna patet?*

FÁBULA 23

¹⁰¹ Cf. Babr. 30. Acerca desta fábula de Aviano, J. W. DUFF e A. M. DUFF, *op. cit.*, referem o seguinte: *The fable is so full of difficulties that Ellis questions its authenticity. The use of the participles in lines 1 and 4 marks the deterioration of syntax; expositum fecerat esse cannot be called good Latin; and the obscurity of lines 7-9 led Baehrens to rewrite them with more than usual infelicity* (p. 717).

¹⁰² LIV. 42. 42. 1: ... <ut> *multo ante **debita uota** persoluerem ...*

FÁBULA 24

¹⁰³ Cf. Aesop. 59.

¹⁰⁴ Trata-se de uma estela funerária. Inicialmente, as estelas romanas apresentavam desenhos orientalizantes, geométricos ou vegetais, sendo, mais tarde, estes elementos fitomórficos substituídos por figuras humanas, inseridas em cenas do cotidiano (danças, banquetes, jogos, etc.). Posteriormente, as estelas farão alusão à categoria social do defunto e a elementos narrativos (por exemplo, à invasão dos Gauleses).

¹⁰⁵ Cf. verso 9 da fábula 41: *Nunc me docta manus rapiente uolunina gyro.*

¹⁰⁶ Cf. VERG. *A.* 8. 630-631: *Fecerat et uiridi fetam Mauortis in antro/ procubuisse lupam ...*

¹⁰⁷ Cf. VERG. *A.* 4. 688-689: *Illa grauis oculos conata attollere rursus/ deficit ...* ; STAT. *Theb.* 1. 546-547: *... illa graues oculos languentiaque ora/ paene mouet ...* ; 5. 502-503: *ille graues oculos languentiaque ora comanti/ mergit humo ...* ; 11. 558: *cerno graues oculos atque ora natantia leto.*; V. FL. 4. 18-20: *ille graues oculos et Hylan resonantia semper/ ora ferens .../ procumbit ...* ; APUL. *Met.* 6. 15: *Nec Prouidentiae bonae graues oculos innocentis animae latuit aerumna.*

¹⁰⁸ CIC. *Planc.* 18: *Sed tamen haec tibi est prima cum Plancio generis uestri familiaeque contentio, qua abs te uincituri, e Sul.* 32: *An uero clarissimum uirum generis uestri ac nominis nemo reprehendit ... tu rem publicam reprehendis ... ?*; VERG. *A.* 1. 132: *“Tantane uos generis tenuit fiducia uestri ?”*.

¹⁰⁹ LUC. 7. 379-381: *... Magnus, nisi uincitis, exul,/ ludibrium soceri, uester pudor, ultima fata/ deprecor ...*, e SIL. 7. 223-224: *... uincam/ seruare inuitos urgentesque ultima fata.*

FÁBULA 25

¹¹⁰ A expressão *ora trahere* já aparacera no verso 10 da fábula 1: *languida consumptis sed trahis ora genis*. Sobre esta expressão, cf. nota 13 da fábula 1.

¹¹¹ Cf. JUV. 13. 137: *uana superuacui dicunt chirographa ligni*, e 16. 41: *uana superuacui dicens chirographa ligni*.

¹¹² Cf. SEN. *Con.* 10. 6. 1: *Vt uidit inutile furtum suum, prodidit, ut uobis uenderet quod nulli poterat, tam callidus fur ut etiam proditori posset inponere.*

¹¹³ A expressão *lacrimis obortis* surgira já no verso 5 da fábula 20: *“Parce, precor” supplex lacrimis ita dixit obortis*. Sobre esta expressão, cf. nota 86 da fábula 20.

¹¹⁴ Cf. MART. 14. 16. 1-2: *Quae scit compositos manus improba mittere talos,/ si per me misit, nil nisi uota feret*, e PETR. 128. 6: *uersat manus improba furtum*.

FÁBULA 26

¹¹⁵ Cf. Aesop. 220.

¹¹⁶ Cf. LUC. 3. 88: *excelsa de rupe procul iam conspicit urbem.*

¹¹⁷ Cf. VERG. A. 1. 321: *Ac prior "Heus" inquit "iuuenes, ...*

¹¹⁸ Cf. VERG. A. 8. 416-417: *Insula Sicanium iuxta latus Aeoliamque/ erigitur Liparen fumantibus ardua saxis.*

¹¹⁹ Cf. VERG. G. 2. 155-156: *Adde tot egregias urbes operumque laborem,/ tot congesta manu praeruptis oppida saxis,* e HIRT. Gal. 8. 33. 1: *... cum confestim C. Caninius uenisset animaduverteretque omnes oppidi partes praeruptissimis saxis esse munitas ...*

¹²⁰ O codesso é uma planta ramalhosa, mede de 1 a 2 metros e apresenta as suas flores amarelas, em cachos alongados. – cf. VERG. Ecl. 1. 77-78: *... non, me pascente, capellae,/ florentem cytisum et salices carpetis amaras* e 2. 64: *florentem cytisum sequitur lasciua capella.*

¹²¹ O vimeiro é uma planta lenhosa, possuindo ramos longos, delgados e flexíveis. – cf. VERG. G. 4. 181-182: *... pascuntur et arbuta passim/ et glaucas salices ...*

¹²² O tomilho, utilizado como tempero culinário, é uma planta subarborescente e aromática com caules tomentosos (isto é, caules cobertos com tomento, uma espécie de lanugem que reveste certos órgãos vegetais) – cf. HOR. Carm. 4. 2. 27-29: *... ego apis Matinae/ more modoque/ grata carpentis thyma ...*

¹²³ F. GAIDE, *op. cit.*, p. 139, elucida que o verbo *insimulare* podia ter, no latim tardio, o sentido do verbo simples *simulare*.

¹²⁴ Cf. SEN. Nat. 6. 32. 2: *Maiora me pericula expectant.*; TAC. Ann. 2. 33: *... maiora pericula subeunda ...*; e SUET. Aug. 16. 6: *Nec temere plura ac maiora pericula ullo alio bello adiit.*

FÁBULA 27

¹²⁵ Cf. B. Afr. 19. 4: *... in campis planissimis purissimisque ab hora diei quinta usque ad solis occasum est decertatum.*; PLIN. Ep. 5. 6. 8: *Has inter pingues terrenique colles ... planissimis campis fertilitate non cedunt ...*

¹²⁶ Cf. PHIL. Med. 2. 115: *Excernunt enim per uentrem acres et subtiles et uarios humores, sitim habent nimiam ...*

¹²⁷ Cf. CIC. Ep. fr. 9. 12: *... cui nulla uirtus ...*; Tusc. 2. 31: *Aut enim nulla uirtus est ...*, e 5. 14: *Si enim nulla uirtus prudentia uacat ...*; VERG. A. 10. 49: *... quamcumque uiam dederit Fortuna ...*; 11. 128: *... si qua uiam dederit Fortuna ...*; QUINT. Inst. 8. 2. 3: *In hac autem proprietatis specie ... nulla uirtus est ...*; SEN. Cl. 2. 4. 1: *... nulla uirtus uirtuti contaria est.*; Dial. 2. 10. 4: *Nulla uirtus est, quae non sentiat se perpeti.*; Ep. 79. 17: *Nulla uirtus latet ...*; Nat. 6. 23. 2: *Hic est Alexandri crimen aeternum, quod nulla uirtus ... redimet.*; e SERV. A. 2. 398: *Conserimus id est aduersa fronte pugnauimus, ne forte nulla uirtus uideretur Troianorum, si dolo pugnassent.*

¹²⁸ Cf. VERG. *A.* 3. 528-529: “*Di maris et terrae tempestatumque potentes,/ ferte uiam uento facilem et spirate secundi.*”; *G.* 1. 121-122: ... *Pater ipse colendi/ ... haud facilem esse uiam uoluit ...* ; APUL. *Met.* 11. 9: ... *plerique, qui facilem sacris uiam dari praedicarent.*; SERV. *A.* 3. 688: *Missus adest fauore scilicet numinum: quae Anchises optauerat dicens “ferte uiam uento facilem et spirate secundi.”*; e *G.* 1. 122: *Haut facilem esse uiam rationem ...*

¹²⁹ Cf. LIV. 25. 11. 4: *Vbi coeptum opus est...*, e HOMER. *Il. Lat.* 165: ... *coeptum peragamus opus ...*

FÁBULA 28

¹³⁰ Cf. COL. 4. 9. 1: ... *medio fere internodio ea plaga obliqua falce fit ...*

¹³¹ Cf. VERG. *A.* 7. 15-16: *Hinc exaudiri gemitus iraeque leonum/ uinclā recusantum ...*

¹³² O temão é uma peça comprida do carro ou do arado, à qual se atrelam os animais que puxam o mesmo carro ou arado.

¹³³ Cf. VERG. *A.* 11. 714: *quadripedemque citum ferrata calce fatigat.*

¹³⁴ Cf. LUCR. 3. 57-58: *nam uerae uoces tum demum pectore ab imo/ eliciuntur ...* ; CATUL. 64. 198: *Quae quoniam uerae nescuntur pectore ab imo.*; VERG. *A.* 1. 485: *Tum uero ingentem gemitum dat pectore ab imo.*; 2. 288: ... *grauiter gemitus imo de pectore ducens.*; 6. 55: ... *funditque preces rex pectore ab imo.*; 11. 377: ... *rumpitque has imo pectore uoces.*; 11. 840: ... *deditque has imo pectore uoces.*; OV. *Met.* 10. 402-403: *Myrrha, patre audito, suspiria duxit ab imo/ Pectore ...* ; SEN. *Dial.* 11. 18. 6: *Fluant lacrimae ... trahantur ex imo gemitus pectore ...* ; *Med.* 903-904: ... *ueteres pectore ex imo impetus/ uiolentus hauri ...* ; *Tro.* 580: ... *pectore imo condita arcana eruet.*; V. FL. 3. 240-241: ... *sub imo/ pectore rumpit iter ...*; 6. 496: ... *has imo referebat pectore uoces.*; SIL. 9. 151-153: ... *At miser, imo/ pectore suspirans, iuuenis non uerba uicesque/ alloquio uocemue refert ...* ; GEL. 1. 15. 1: ... *linguam autem debere aiunt non esse liberam nec uagam, sed uinclis de pectore imo ac de corde.*

FÁBULA 29

¹³⁵ Cf. Aesop. 60.

¹³⁶ Cf. VERG. *G.* 3. 441-443: ... *ubi frigidus imber/ altius ad uiuom persedit et horrida cano bruma gelu ...*

¹³⁷ Cf. JUV. 6. 409-412: ... *is se Niphaten/ in populos magnoque illic cuncta arua teneri/ diluuo.../ ... narrat.*

¹³⁸ Cf. SIL. 4. 651-652: *Arduus aduersa mole incurrentibus undis/ stat ductor ...*

¹³⁹ Os Sátiros, génios da natureza, são, segundo uns, filhos de Dioniso e de Niceia (uma Náiade) e, segundo outros, descendentes de Hércules e da Ninfa Iftime. Habitando os lugares selvagens da natureza, a sua forma sofreu uma evolução: primeiramente, possuíam cornos,

orelhas e pés de cabra com cascos e a parte superior do seu corpo era humana e a inferior, a de um cavalo ou de um bode; posteriormente, os seus traços grotescos evoluem para a forma humana, e a parte inferior do seu corpo torna-se a de um homem. Como reminiscência da sua origem um pouco animalesca ficou a cauda, semelhante à de um cavalo. A imagem que chegou até nós é a de uns seres lúbricos que perseguiram as Ménades (Bacantes, seguidoras de Dioniso) e as Ninfas.

¹⁴⁰ VERG. *A.* 9. 404-405: “*Tu, dea, tu praesens nostro succurre labori, / astrorum decus et nemorum Latonia custos.*” e HOR. *Carm.* 3. 22. 1: *Montium custos nemorumque uirgo.*

¹⁴¹ Cf. OV. *Am.* 3. 15. 3: *Quos ego conposui, Paeligni ruris alumnus.*

¹⁴² O sintagma *tantam uim* é recorrentíssimo na Literatura Latina: cf. TER. *Hau.* 710: *Qui uim tantam in me et potestatem habeam tantae astutiae.*; CIC. *Mil.* 2: *Quae si opposita Miloni putarem, cederem tempori, iudices, nec enim inter tantam uim armorum existimarem esse orationi locum* e *Tusc.* 2. 18: *ego tantam uim non tribuo sapientiae contra dolorem.*; SAL. *Iug.* 4. 6: *Scilicet non ceram illam neque figuram tantam uim in sese hebere ...*; LIV. 4. 51. 5: “... *cum interim de sanguine ac supplicio suo latam legem confestim exerceri et tantam uim habere.*”; PLIN. *Nat.* 20. 80: ... *tradit ... tantamque esse uim ut qui terat haec ualidiorem fieri se sentiat.*; TAC. *Ann.* 4. 45: ... *nullam uim tantam doloris fore ut ueritatem eliceret.*; GEL. 7. 1. 1: ... *dicatur tantam uim esse aerumnarum et malorum.*

¹⁴³ Cf. LUCR. 3. 401: ... *gelidos artus in leti frigore linquit.*

¹⁴⁴ A expressão *optima quaeque* surge assiduamente na Literatura Latina: cf. VERG. *G.* 3. 66-67: *Optima quaeque dies miseris mortalibus aeu/ prima fugit.*; SEN. *Ep.* 31. 1: *Sequere illum impetum animi, quo ad optima quaeque calcatis popularibus bonis ibas*; QUINT. *Inst.* 2. 11. 3: ... *quarum optima quaeque a periculo petatur.*; PLIN. *Ep.* 1. 5. 13: ... *nam stultissimum credo ad imitandum non optima quaeque proponere.*; SUET. *Iul.* 44: ... *ius ciuile ad certum modum redigere atque ex immensa difussa que legum copia optima quaeque et necessaria in paucissimos conferre libros ...*

¹⁴⁵ A cratera era um grande vaso, onde se misturava a água com o vinho, pois este era demasiado forte para se beber puro.

¹⁴⁶ No texto latino, *Lyaeo* é o ablativo do adjetivo *Lyaeus*, *a, um*, formado a partir do nome *Lyaeus*, *i*, usado para designar Baco. Aviano, ao usar a forma *Lyaeo* em vez de *uino*, recorreu à metonímia, pois designou o inventor (Baco) pela sua invenção (vinho).

¹⁴⁷ Neste contexto, o vinho quente destinava-se a aquecer o viajante enregelado. Os Romanos atribuíam ao vinho quente propriedades terapêuticas. Plínio-o-Antigo, na sua obra *Naturalis Historia*, recomenda a utilização do vinho quente nas mais variadas situações: para aplicar sobre o sexo do homem – *Vtiliter et fouetur uino calido uirilitas* (23. 44); para o tratamento da hemoptise (expectoração com sangue) – *Eiusdem (sc. suberis cortex) cinis ex uino calido sanguinem excreantibus magnopere laudatur* (24. 13); para o tratamento da icterícia – *Fit uero et citra febres expugnaturque centaurio maiore, ut diximus, poto, Vettonica, agarici obolis tribus ex uini ueteris cyatho, item uerbenacae folia obolis tribus ex uini calidi hemina quadriduo*

(26. 124); no tratamento das úlceras – *Vlcera multorum sunt generum ac multis modis curantur. Panacis omnium generum radix ex uino calido inlinitur manantibus* (26. 139); para as picadas de escorpião – *Hoc (sc. aconitum) quoque tamen in usus humanae salutis uertere scorpionum ictibus aduersari experiendo datum in uino calido* (27. 5). Também Celso, na obra *De Medicina*, preconiza o uso do vinho quente em diversas ocasiões: no combate a certas febres – *Sed in hoc maturius quam aliis morbis ducere in balineum opus est, uinum calidum et maracius dare ...* (3. 7. 1); em caso de ingestão de cicuta – *Si cicutam, uinum merum calidum cum ruta quam plurimum ingerendum est ...* (5. 27. 12); para o tratamento das ulcerações – *Ipsa autem ulcera si mediocriter serpunt, aqua calida, si uehementius uino calido fouenda sunt ...* (5. 28. 4); no tratamento das infecções da úvula – *Vibi horum aliquo inlita uua est, fere multa pituita decurrit; cumque ea quieuit, ex uino calido gargarizandum est* (6. 14. 2).

¹⁴⁸ Cf. TIB. 1. 8. 29-30: ... *det munera canus amator, / ut foueat molli frigida membra sinu.*

¹⁴⁹ *horruit, argenti ...* (v.18) – cf. PROP. 4. 5. 70: *horruit argenti pergula curta foco.*

FÁBULA 30

¹⁵⁰ Cf. Babr. 95.

¹⁵¹ Cf. VERG. *A.* 8. 62-64: ... *Ego sum, pleno quem flumine cernis / strigentem ripas et pinguia culta secantem, / caeruleus Thybris ...* ; 10. 141-142: ... *ubi pinguia culta / exercentque uiri ...* ; e *G.* 4. 372-373: ... *quo non alius per pinguia culta / in mare purpureum uiolentior effuit amnis.*

¹⁵² Cf. [QUINT]. *Decl.* 4. 12: *Si mihi mathematicus denuntiasset damna membrorum, grauem corporis perpetuumque languorem, ignosceres tanta mala uel incerta fugienti.*

¹⁵³ Para os Romanos, o coração era a sede da inteligência. O camponês, para justificar a falta do coração do javali, surripiado pelo cozinheiro, refere que o suíno nunca teve tal órgão. A ausência do coração explicaria o pouco discernimento do animal, levando-o a agir insensatamente.

Em francês, encontramos reminiscências deste dado cultural, na expressão *savoir par coeur*, equivalente, na nossa língua, a *saber de cor*. Notou-se, porém, uma evolução semântica, já que, nas referidas expressões, *coeur* e *cor* equivalem à ideia de *memória*.

FÁBULA 31

¹⁵⁴ Cf. Babr. 112.

¹⁵⁵ FRO. *Aur.* 3. p. 41: ... *me di omnes male adflixint, si ego uerbo laedere ausus fuissem quemquam amicum tibi.*

¹⁵⁶ Cf. VERG. *A.* 2. 75: ... *memoret quae sit fiducia capto* e 10. 152-153: ... *humanis quae sit fiducia rebus / admonet ...* ; OV. *Ep.* 17. 21: *Quo magis admiror quae sit fiducia coepti e*

Met. 7. 309-311: ... “*Quo sit fiducia maior/ Muneris huius,*” ait “*qui uestri maximus aeuo est/ Dux gregis inter oues, agnus medicamine fiet.*”; HOMER. *Il. Lat.* 701: ... *quae sit fiducia Troum.*

FÁBULA 32

¹⁵⁷ Cf. Aesop. 72 e Babr. 20.

¹⁵⁸ Trata-se de Hércules. A forma *Tirynthius* é derivada de *Tiryns* – Tirinto, uma cidade da Argólida. Filho de Júpiter e de Alcmena, o nascimento de Hércules teria ocorrido em Tebas. Todavia, certas tradições radicam o seu nascimento em Tirinto. Alguns autores latinos, recorrendo à antonomásia, referem-se ao herói através da forma *Tirynthius* – cf. VERG. *A.* 7. 661-662: ... *postquam Laurentia uictor/ Geryone exstincto Tyrinthius attigit arua* e 8. 228: *ecce furens animis aderat Tyrinthius* ... ; OV. *Ars* 1. 187-188: *Paruus erat manibusque duos Tyrinthius angues/ Pressit et in cunis iam Ioue dignus erat.*; PETR. 124. 270: *Magnum cum Phoebosor et Cyllenia proles/ excipit, ac totis similis Tyrinthius actis.*; JUV. 11. 60-61: ... *habebis/ Euandrum, uenies Tyrinthius...*

¹⁵⁹ Cf. VERG. *A.* 5. 234: ... *preces diuosque in uota uocasset*, 5. 514: ... *fratrem Eurytion in uota uocauit*, 6. 51: ... “*Cessas in uota precesque*”, 7. 471: ... *diuosque in uota uocauit* e 12. 780: *Dixit opemque dei non cassa in uota uocauit.*; OV. *Am.* 1. 13. 46: *Commisit noctes in sua uota duas*, *Ars* 3. 674: *Prona uenit cupidis in sua uota fides* e *Met.* 9. 629: “*Quod superest multum est in uota, in crimina paruus.*”; SEN. *Ag.* 510: *In uota miseros ultimus cogit timor.*; *Her. O.* 1692: ... *in uota respexit Iouem?* e *Oed.* 304: *In uota superos uoce sollemni uoca*; SIL. 10. 550: ... *ductor Graduum in uota ciebat*, 11. 504: ... *Pugnatum superis in uota secundis* e 14. 396-397: ... *propere diuis in uota uocatis/ aequoris* ... ; STAT. *Theb.* 2. 244: ... *superosque in uota fatigant*, 5. 461: *Iam noua progenies partusque in uota soluti* e *Silu.* 5. 1. 262: ... *Certae iurant in uota sorores.*; PETR. 89. 5: *Iam turba portis libera ac bello carens/ in uota properat* ...

¹⁶⁰ Cf. STAT. *Theb.* 12. 127-128: ... *magni memor illa mariti/ it toruum lacrimans summisque irascitur astris.*

¹⁶¹ Através da hipálage, é transferida para as rodas do carro uma característica do seu condutor – a preguiça .

¹⁶² Cf. VERG. *A.* 10. 811: “*Quo moriture ruis maioraque uiribus audes?*”; SEN. *Dial.* 3. 6. 3: *Proderit nobis illud Democriti salutare praeceptum, quo monstratur tranquillitas si neque priuatim neque publice multa aut maiora uiribus nostris egerimus.*; CURT. 6. 9. 11: ... *ipse apud multos copiarum duces meis praepotens uiribus maiora quam capit spirat.*; SERV. *A.* 1. 491: *An ‘furens’, quia maiora uiribus audebat.*

¹⁶³ Com o recurso, mais uma vez, à hipálage, transfere-se o mesmo traço dominante da natureza do homem, atrás referido – a indolência –, para os seus pedidos aos deuses.

FÁBULA 33

¹⁶⁴ Cf. Aesop. 287 e Babr. 123.

¹⁶⁵ Cf. PL. *Aul.* 230: *Vbi onus nequeam ferre pariter, iaceam ego asinus in luto.*; HOR. *Carm.* 1. 35. 26-28: ... *diffugiunt cadis/ cum faece siccatis amici, / ferre iugum pariter dolosi.*

¹⁶⁶ Cf. TIB. 1. 9. 51-52: *Tu procul hinc absis, cui formam uendere cura est/ et pretium plena grande referre manu* e 2. 4. 33: *sed pretium si grande feras ...*; OV. *Am.* 2. 5. 62: *Nescio quis pretium grande magister habet*, 3. 13. 5: *Grande morae pretium ritus cognoscere ...* e *Ep.* 7. 74: *Grande morae pretium tuta futura uia est.*; MART. 9. 99. 8: *grande tui pretium muneris auctor erit.*; JUV. 12. 126-127: ... *Ergo uides quam/ grande operae pretium faciat iugulata Mycenis* e 14. 281-282: *Grande operae pretium est, ut tenso folle reuerti/ inde domum possis...*; SUET. *Tib.* 16: *Ac perseueratione grande pretium tulit...*

¹⁶⁷ APPEND. VERG., *Culex* 339-341: *Illa uices hominum testata est copia quondam,/ ne quisquam propriae fortunae munere diues / iret ineuctus caelum super...*

¹⁶⁸ [QUINT]. *Decl.* 8. 18: ... *uiscera nudata faciem.*

FÁBULA 34

¹⁶⁹ Cf. Aesop. 336 e Babr. 140.

¹⁷⁰ Cf. SEN. *Ep.* 108. 13: *Ego certe cum Attalum audirem in uitia, in errores, in mala uitae perorantem, saepe miseritus sum generis humani ...*; V. MAX. 8. 9: *Quantum eloquentia ualuisse Hegesian Cyrenaicum philosophum arbitramur? Qui sic mala uitae repraesentabat ...*; SCRIPT. HIST. AVG., *Ant. Heliog.* 13. 1: *Inter haec mala uitae impudicissimae Alexandrum, quem sibi adoptauerat, a se amoueri iussit ...*

¹⁷¹ Cf. CIC. *Sen.* 4: *Quibus enim nihil est in ipsis opis ad bene beateque uiuendum, iis omnis aetas grauis est ...*; PROP. 3. 25. 11: *At te celatis aetas grauis urgeat annis.*

¹⁷² Cf. ENN. *Ann.* 388: *Sicut fortis equus spatio qui saepe supremo/ uicit Olympia, nunc senio confectus quiescit.*

¹⁷³ Cf. VERG. *G.* 1. 158: *heu! magnum alterius frustra spectabis aceruom.*; OV. *Met.* 3. 500: *"Heu frustra dilecte puer!" ...*; SIL. 1. 416: *heu frustra reditum sortes tibi saepe locutas.*

¹⁷⁴ Cf. PLIN. *Nat.* 18. 277: *Ergo per se roscida quotiens alget, infinitum quantum illo tempore cadentes pruinas congelat.*

¹⁷⁵ Cf. VERG. *G.* 3. 328: *et cantu querulae rumpent arbusta cicadae.*

¹⁷⁶ Cf. CIC. *Ver.* 5. 81: *Hic dies aestiuos preator populi Romani, custos defensorque prouinciae, sic uixit ut muliebria cotidie conuiuia essent ...*; SCRIPT. HIST. AVG. *Ant. Heliog.* 19. 2: *Deinde aestiua conuiuia coloribus exhibuit, ut hodie prasinum, uitreum alia die, uenetum deinceps exhiberet, semper uarie per dies omnes aestiuos.*

¹⁷⁷ Cf. PL. *As.* 270: *Quando mecum pariter potant, pariter scortari solent.*; OV. *Met.* 2. 610: *Hactenus et pariter uitam cum sanguine fudit e* 13. 522: *... uitam pariter regnumque reliquit.*; MART. *Sp.* 13. 1-2: *Icta graui telo confossaque uulnere mater/ sus pariter uitam perdidit atque dedit.*

¹⁷⁸ Cf. CIC. *Fin.* 2. 119: *Elicerem ex te cogereque, ut responderes, nisi uererer, ne Herculem ipsum ea, quae pro salute gentium summo labore gessisset, uoluptatis causa gessisse diceres.*; CAES. *Ciu.* 1. 62. 1: *... summo labore militum Caesar continuato diem noctemque opere in flumine auertendo, huc iam reduxerat rem ...*; LIV. 22. 20. 7: *Ibi urbe, quae caput insulae est, biduum nequiquam summo labore oppugnata ...*; PHAED. *App.* 5. 3-4: *Aduersus altos Sisyphus montes agit/ saxum labore summo ...*; SEN. *Ben.* 3. 19. 1: *... rus eius labore summo colit ...*

¹⁷⁹ Cf. CORN. SEV. *poet.* 12. 1: *Luxuriantur opes atque otia longa grauantur.*

¹⁸⁰ Cf. VERG. *Ecl.* 10. 64-65: *Non illum nostri possunt mutare labores,/ nec si frigoribus mediis Hebrumque bibamus.*; PORPH. *Ep.* 1. 15. 3: *Consuetudo lauationis meae, quod mediis frigoribus □□□□□□□□□□□□[utor].*; SERV. *Ecl.* 10. 65: *Et hoc dicit, amore se carere non posse, nec si Hebrum, Thraciae fluuium, mediis frigoribus bibat ...*

¹⁸¹ Cf. SEN. *Ep.* 32. 5: *Ille demum necessitates supergressus est et exauctoratus ac liber, qui uiuit uita peracta* e 77. 8: *Deinde ipsum Marcellinum admonuit non esse inhumanum, quemadmodum cena peracta reliquiae circumstantibus diuidantur, sic peracta uita aliquid porrigi is, qui totius uitae ministri fuissent.*

FÁBULA 35

¹⁸² Cf. Aesop. 307 e Babr. 35.

¹⁸³ Cf. LIV. 1. 4. 2: *Vi compressa Vestalis cum geminum partum edidisset ... Martem incertae stirpis patrem nuncupat.*; PLIN. *Nat.* 7. 49: *... in ea quae gemino partu alterum marito similem alterumque adultero genuit ...*

¹⁸⁴ Cf. TIB. 1. 9. 63-64: *illa nulla queat melius consumere noctem/ aut operum uarias disposuisse uices*; APUL. *Apol.* 90: *Atque ego scio ... rerum uices uarias euenire.*

¹⁸⁵ Cf. VERG. *A.* 7. 297-298: *... At, credo, mea numina tandem/ fessa iacent, odiis aut exsaturata quieui.*

¹⁸⁶ Cf. SIL. 10. 104-105: *... rapit agmina, natos,/ ... parens ...*

¹⁸⁷ Cf. STAT. *Theb.* 9. 981: *... merui, genetrix; poenas inuita capesse.*

¹⁸⁸ Cf. MAUR. 2042: *uersoque dabunt ordine et hi duos trochaeos.*; SERV. *A.* 1. 147: *... antiqui uerso ordine praepositionem detractam nomini iungebant uerbo ...* e 8. 374: *'Nunc Iouis imperio Rutulorum constitit oris, ergo eadem supplex uenio': haec non tantum rogandi, sed etiam inpetrandi uim habent. Verso tamen ordine.*

FÁBULA 36

¹⁸⁹ Cf. Aesop. 92 e Babr. 37.

¹⁹⁰ Cf. VERG. *G.* 4. 540: *delige et intacta totidem ceruice iuuenas* e 4. 551: *ducit et intacta totidem ceruice iuuenas*.

¹⁹¹ Cf. LUCR. 1. 211: ... *nos fecundas uertentes uomere glebas/ terraique solum subigentes cimus ad ortus* e 5. 210-212: *Si non fecundas uertentes uomere glebas/ ... / sponte sua nequeant liquidas existere in auras*.; SIL. 14. 33-34: *Post dirum Antiphatae sceptrum et Cyclopiam regna/ uomere uerterunt primum noua rura Sicano*.

¹⁹² Cf. VERG. *A.* 9. 213-214: *Sit qui me raptum pugna pretiose redemptum/ mandet humo solita aut si qua id Fortuna uetabit*.

¹⁹³ Cf. VERG. *A.* 10. 453-454: ... *pedes apparat ire/ comminus ...* ; PROP. 2. 19. 19-22: *Incipiam .../ ... audaces ipse monere canis;/ non tamen ut uastos ausim temptare leones/ aut celer agrestis comminus ire sues*.; OV. *Fast.* 5. 175-176: ... *in apros/ Audet et hirsutas comminus ire leas* e *Hal.* 52: *Ipsa sequi natura monet uel comminus ire*.; TAC. *Hist.* 3. 1: ... *consurgerent, an ire comminus... constantius foret*.; SIL. 5. 559-560: ... *dignum sese ratus in certamina saeuo/ comminus ire uiro ...* ; STAT. *Theb.* 2. 510-512: ... *si quis concurrere dictis/ hospes inexplicitis aut comminus ire uiator/ audeat ...* ; 8. 529-530: *Ille tamen nec stare loco nec comminus ire/ amplius... audet ...* e 12. 13-14: ... *sic attoniti nil comminus ire/ mirantur...*

¹⁹⁴ Os *uictimarii* dividiam-se em dois grupos: os *popae* (sacerdotes que tinham a seu cargo manter aceso o fogo sagrado, tratar o incenso e conduzir as vítimas ao altar, podendo matá-las com um golpe); e os *cultrarii* (sacerdotes que degolavam a vítimas com uma faca – *culter*).

¹⁹⁵ O adjectivo *tristis* assume, neste contexto, um valor explícito e um valor implícito: por um lado, a inactividade do bezerro ser-lhe-á fatal, pois não fez nenhum trabalho meritório que justifique a sua vida; por outro lado, este adjectivo funciona como um *omen*, prognosticando a morte certa que espera o bezerro e a consequente extracção das suas vísceras – de facto, *tristis* também se pode aplicar às entranhas dos animais que se revelam de mau agouro – cf. CIC. *Diu.* 2. 36: *tristissima exta*.

¹⁹⁶ Cf. PL. *Per.* 509: ... *ea res me domo expertem facit*.

¹⁹⁷ Cf. HOR. *Carm.* 2. 16. 29: *Abstulit clarum cita mors Achillem* e *S.* 1. 1. 7-8: ... *horae/ momento cita mors uenit aut uictoria laeta*.

FÁBULA 37

¹⁹⁸ Cf. Aesop. 226 e Babr. 100.

¹⁹⁹ Cf. OV. *Pont.* 3. 3. 99: ... *nobile namque/ pectus et Herculeae simplicitatis habes*.

²⁰⁰ Cf. STAT. *Silu.* 4. 4. 33-34: ... *uires instigat alitque/ tempestiua quies, maior post otia uirtus.*

²⁰¹ Cf. CIC. *N. D.* 2. 123: *sic dissimillis bestiolis communiter cibus quaeritur.*

²⁰² Cf. TIB. 1. 2. 89-90: *Vidi ego qui iuuenum miseros lusisset amores/ post Veneris uinclis subdere colla senem.*; SIL. 10. 215-217: *Ingens ferre et Fortunae subdere colla/ nescius, aduersa fronte incurrebat in arma/ uincentum consul ...* ; STAT. *Theb.* 1. 173-175: ... “*hancne Ogygiis, ait, aspera rebus/ fata tulere uicem ... /alternoque iugo dubitantia subdere colla?*”.

²⁰³ Cf. MAN. 4. 35-41: ... *referam ... /... /seque ratum Hannibalem nostris cecidisse catenis.*

²⁰⁴ Cf. LUCR. 1. 722-723: ... *Aetnaea minantur/ murmura flammaram rursum se colligere iras.*; HOR. *Ars* 158-160: ... *puer ... / ... iram/ colligit ...* ; LUC. 1. 207: ... *totam dum colligit iram* e 2. 93: ... *Lybicas ibi colligit iras.*; V. FL. 7. 335: *cunctaturque super morituraque colligit iras.*

²⁰⁵ Cf. TAC. *Hist.* 4. 84: ... *caelestium ira grauiorque in dies fatigabat.*

FÁBULA 38

²⁰⁶ Cf. VERG. *G.* 1. 383-384: *Iam uariae pelagi uolucres et quae Asia circum/ dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri.*

²⁰⁷ PHIL. *Med.* 2. 121: *Ex lapidis tres de torrente fluuio collecti ... mittuntur in uase.*; SERV. *A.* 7. 565: *Amsancti ualles loci amsancti, id est omni parte sancti: quem dicit et siluis cinctum et fragoso fluuio torrente.*

²⁰⁸ Cf. OV. *Ib.* 463-464: *Aut ut Abantiades aut ut Cycneius heros,/ Clausus in aequoreas praecipiteris aquas* e *Met.* 11. 519-520: ... *cum caelestibus undis/ Aequoreae miscentur aquae...*; LUC. 8. 787-788: ... *inustis plena medulis/ aequorea restinguit aqua ...*

²⁰⁹ As formas *phoecis* – que surge apenas em Aviano – e *phycis* são uma transcrição do grego φϕϕϕϕ̃ De acordo com Aristóteles (*H. A.*), este peixe muda de cor na altura da desova, alimentando-se de musgo, algas e camarões. A versão latina do nome deste peixe deve ser *phycis*, pois Plínio-o-Antigo (9. 81) caracteriza-o nos mesmos moldes que Aristóteles.

²¹⁰ Cf. início dos versos de Virgílio: *Non tulit Alcides animis seque ipse per ignem* (*A.* 8. 256); *non tulit Ascanius ...* (*A.* 9. 622); e *Non tulit instantem Phegeus ...* (*A.* 12. 371).

²¹¹ Cf. VERG. *G.* 4. 395: ... *turpis pascit sub gurgite phocas.*

²¹² Cf. OV. *Pont.* 2. 6. 8: *aspera confesso uerba remitte reo* e 2. 7. 56: *Addita sunt poenis aspera uerba meis.*; QUINT. *Inst.* 12. 1. 25: ... *ut asperioribus uerbis parcamus ...* ; SIL. 10. 272: ... *dolor uerba aspera dictat.*

²¹³ A expressão *te teste* ocorre algumas vezes nos autores latinos. A título de exemplo: CIC. Planc. 75: ... *quia te teste cognoram* ... ; PROP. 3. 6. 19: “*Haec te teste mihi promissa est...*”; STAT. *Silu.* 5. 3. 227: *te sub teste tuli!* ...

²¹⁴ Cf. VERG. *G.* 1. 142: ... *pelagoque alius trahit umida lina.*; MART. 10. 37. 16: *impedient lepores umida lina meos.*; SERV. *G.* 1. 142: ... *umida lina euerriculum significat.*

²¹⁵ *pariter ... trahant*: cf. MAN. 3. 77: *non ut ... / ... cunctos hominum pariter traherentur in ortus.*; *pariter captos*: cf. LIV. 9. 3. 3: *Armati inermes, fortes ignavi, pariter omnes capti atque uicti sumus.*; [QUINT.] *Decl.* 5. 14: *Fortunae est, qua capti pariter estis* ... ; HOMER. *Il. Lat.* 1003-1004: *Laetantur Danaï, plangunt sua funera Troes/ et pariter captos deflent cum funere muros.*

²¹⁶ Através da sinédoque, designa-se a moeda – o *as* – pela sua composição – o bronze. Durante o Império, eram quatro as moedas que circulavam: o *as*, feito de bronze; o *sestertius*, em cobre, equivalente a quatro *asses*; o *denarius*, em prata, com o valor de dezasseis *asses*; e o *aureus*, em ouro, com o valor de vinte e cinco *denarii*. O gobião atribuía ao peixe do rio o preço de uma moeda de bronze, isto é, de um *as*: desta forma, tentava reduzi-lo à sua insignificância comercial.

FÁBULA 39

²¹⁷ Cf. Aesop. 325.

²¹⁸ Cf. VERG. *A.* 11. 119: “*Nunc ite et miseris supponite ciuibus ignem*”; HOR. *Carm.* 2. 1. 7-8: *tractas et incendis per ignis/ suppositos cineri doloso.*

²¹⁹ Cf. NEP. *Eum.* 2. 1: ... *cum ... summa rerum tradita esset tuenda eidem cui Alexander moriens anulum suum dederat, Perdiccae.*; VERG. *A.* 7. 1-2: *Tu quoque litoribus nostris, Aeneia nutrix,/ aeternam moriens famam, Caieta, dedisti.*

²²⁰ Cf. SIL. 1. 309: *uictori moriens tepefactam rettulit hastam.*

²²¹ Cf. SEN. *Ben.* 6. 31. 2: ... *ne uacuas desertasque urbes inuenirent et profugis hostibus uastae solitudines relinquerentur* ... ; COL. 1. 3. 11.: ... *quos hostis profugiendo desolasset agros* ...

²²² Cf. STAT. *Theb.* 2. 361: *Fors aderit lux illa tibi* ...

²²³ Cf. VERG. *A.* 11. 188-189: *Ter circum accensos cincti fulgentibus armis/ decurrere rogos* ...; TAC. *Ann.* 14. 9: *Accenso rogo, libertus eius, cognomento Mnester, se ipse ferro transegit* ... ; PLIN. *Nat.* 6. 66: ... *uoluntaria semper morte uitam accenso prius rogo finit* e 10. 18: ... *defuncta postremo in rogum accensum eius iniecisse sese et simul conflagrasse.*; LUC. 3. 760: *accensisque rogis miseri de corpore trunco/ certauere patres...* ; MAN. 5. 625-626: *carnificisque uenit mortem uendentis imago/ accensosque rogos...*

²²⁴ Cf. OV. *Met.* 13. 567-568: ... *at haec missum rauco cum murmure saxum/ Morsibus insequitur...* e 14. 280-281: ... *pro uerbis edere raucum/ Murmur ...* ; APPEND. VERG. *Copa* 12: *est crepitans rauco murmure riuus aquae.*

²²⁵ Cf. STAT. *Silu.* 2. 1. 177-178: ... *immeritus flammis dum tristibus infans/ traditur ...*

²²⁶ Cf. OV. *Ib.* 328: ... *te quoque tela petant.* ; SEN. *Phaed.* 55-56: ... *cuius certis/ petitur telis fera...* ; *Phoen.* 565-566: ... *Haec telis petis/ flammisque tecta? ...* ; *Thy.* 1082: *telo petis minore ...* ; LUC. 2. 451-452: ... *hostem/ tela petant ...* ; CURT. 4. 4. 11: ... *unus praecipue telis petebatur ...* ; STAT. *Theb.* 9. 128-129: ... *hunc retro conuersum et tela petentem,/ ... figit.*; FRON. *Str.* 4. 1. 4: ... *ipsi inter se coniurabant ... neque ex ordine recessuros nisi teli petendi ferendiue hostis aut ciuis seruandi causa.*; FLOR. *Epit.* 2. 13. 59: ... *ut illud ingruentibus hostium telis saxisque peteretur.*

²²⁷ Cf. LUCR. 6. 154-155: *nec res ulla magis quam Phoebi Delphica laurus/ terribili sonitu flamma crepitante crematur.*; VERG. *A.* 7. 73-74: *uisa (nefas) longis comprehendere crinibus ignem/ atque omnem ornatum flamma crepitante cremari* e *G.* 1. 84-85: *Saepe etiam sterilis incendere profuit agros,/ atque leuem stipulam crepitantibus urere flammis.*; SIL. 10. 576-577: *Haec Libys atque repens, crepitantibus undique flammis,/ aetherias anima exsultans euasit in auras.*

FÁBULA 40

²²⁸ Cf. Aesop. 37.

²²⁹ Cf. VERG. *A.* 3. 426: *Prima hominis facies et pulchro pectore uirgo.*; SERV. *A.* 11. 40: *Leui in pectore pulchro, puerili, nondum saetoso.*

²³⁰ Cf. PL. *Capt.* 116: *Liber captiuus auis ferae consimilis est* e 123: *Auis me ferae consimilem faciam, ut praedicas.*

²³¹ Cf. LIV. 27. 44. 8: ... *quae miserrima mortis genera sint ...* ; CELS. 5. 27. 2: *Solet autem ex eo uulnere ... aquae timor nasci ... miserrimum genus morbi ...* ; APPEND. VERG. *Lydia* 181: ... *Sors o mea laeua nascendi miserumque genus, quo sera libido est.*

²³² Cf. V. MAX. 4. 2: ... *hoc certiora fideliter cultae nobilitatis exempla!*

²³³ Cf. SEN. *Thy.* 615: *Nemo confidat nimium secundis.*; SIL. 10. 88-90: ... *nondum rex praeditus /... /... nimium fluxis confidere rebus.*; CALP. *Decl.* 22: *Dum nimium confido pietati, oculos mulieris incestos et infanda desideria nutriui.*

FÁBULA 41

²³⁴ Cf. Aesop. 320.

²³⁵ Cf. VERG. *A.* 11. 548-549: ... *tantus se nubibus imber/ ruperat ...*

²³⁶ Cf. VAR. *L.* 5. 54: ... *quo aqua hiberna Tiberis eos detulerat in alueolo expositos.*; OV. *Fast.* 2. 206: *Turbidus hibernis ille fluebat aquis* e 2. 390: ... *hibernis forte tumebat aquis.*; SEN. *Nat.* 3. 1. 1: *quare alia (sc. flumina) hibernis aquis intumescant ...*; COL. 4. 24. 4: *Et si suboles ... radicibus adhaeret, diligenter explantanda ferroque adleuanda est, ut hibernas aquas respuat.*; LUC. 4. 15-16: *saxeus ingenti quem pons amplectitur arcu/ hibernas passurus aquas ...*

²³⁷ Cf. CIC. *Orat.* 190: *Vt enim nulla materies tam facilis ad exardescendum est, quae nisi admoto igni ignem concipere possit ...*; TIB. 2. 3. 5-6: *illi sint comites fusci, quos India torret/ Solis et admotis inficit ignis equis.*; OV. *Pont.* 1. 2. 55-56: *sic mea perpetuis liquefiunt pectora curis,/ ignibus admotis ut noua cera solet.*; QUINT. *Decl.* 19: *Quotiens admotis ignibus ad aliquam corporis partem totum pectus inposuit!*; PLIN. *Nat.* 31. 12: *Eadem aqua igne admoto turbida fit ac postremo rubescit.*; COL. 12. 18. 7: *Sed haec die quieto a uentis fieri debent, ne admoto igne cum afflauerit uentus uasa rumpantur.*; CURT. 8. 4. 15: ... *quamquam ipse tum maxime admoto igne refouebat artus...*; PETR. 79. 6: *Anus enim ipsa inter deuersitores diutius ingurgitata ne ignem quidem admotum sensisset.*; APUL. *Met.* 8. 22: ... *quicquid horreo reconditum continebatur admoto combussit igne.*

²³⁸ Cf. LUC. 6. 49-50: ... *fragili circumdata testa/ moenia mirentur refugi Babylonia Parthi.*

²³⁹ Cf. verso 5 da fábula 24: *Illic docta manus flectentem colla leonem.*

²⁴⁰ Cf. OV. *Am.* 1. 6. 3-4: ... *aditu fac ianua paruo/ Oblicum capiat semiadaperta latus* e *Met.* 3. 187: *In latus obliquum tamen astitit ...*; SEN. *Phaed.* 1072-1073: *At ille ... /ratem retentat, ne dat obliquum latus.*; V. FL. 1. 619: *puppis in obliquum resonos latus accipit ictus.*; LUC. 3. 627-628: ... *ratis ... /... per obliquum crebros latus accipit ictus.*

²⁴¹ Cf. VERG. *A.* 5. 84-85: ... *lubricus anguis ... / septem ... gyros, septena uolumina traxit.*; SIL. 13. 25: *exiguos format per prima uolumina gyros* e 13. 644: *ingenti traxit curuata uolumina gyro.*

²⁴² Cf. VERG. *A.* 1. 123: *accipiunt inimicum imbrem rimisque fatiscunt.*

²⁴³ Cf. MELA 2. 8: ... *Hister, acceptisque aliquot amnibus ... effluit.*

²⁴⁴ Cf. VERG. *G.* 3. 335: *tum tenuis dare rursus aquas ...* e 4. 410: ... *in aquas tenuis dilapsus abibit.*; QUINT. *Inst.* 11. 3. 21: *Finditur etiam spiritus obiectu aliquo, sicut lapillo tenues aquae...* e 12. 2. 11: *ut uis amnium maior est altis ripis multoque gurgitis tractu fluentium quam tenuis aquae et obiectu lapillorum resultantis.*; SIL. 4. 225: *in tenuis liquefactus aquas euasit...*; SERV. *A.* 4. 700: *Iris enim nisi a regione solis non fit, cui uarios colores illa dat res, quia aqua tenuis, aer lucidus et nubes caligantes inradiata uarios creant colores* e *G.* 3. 335: *'Tenues aquas' epitheton aquarum est.*

²⁴⁵ O adjectivo *pharetratus*, *a*, *um* surge associado, por exemplo, a nomes de povos belicosos (VERG. *G.* 4. 290: *quaque pharetratae uicinia Persidis urget.*) e a figuras mitológicas (Diana – OV. *Am.* 1. 1. 9-10: *Quis probet ... / Lege pharetratae uirginis arua coli?* – e Cupido – OV. *Met.* 10. 525-526: *Namque pharetratus dum dat puer oscula matri,/ Inscius extanti*

destrinxit harundine pectus.). A expressão *nuvens armadas de aljavas* tem um sentido figurado, pois sugere-nos a imagem de nuvens a ‘dardejarem’ uma chuva intensa, ‘retirada’ das suas aljavas.

FÁBULA 42

²⁴⁶ Cf. Aesop. 222 e Babr. 132.

²⁴⁷ Cf. VERG. *A.* 9. 781: ... “*Quo deinde fugam, quo tenditis?*”, inquit.

²⁴⁸ Cf. CIC. *Agr.* 2. 44: ... *qui per **cursum rectum** regnum tenere non potuerunt ...* ; LUCR. 6. 27-28: ... *uiam monstrauit tramite paruo/ qua possemus ad id **recto** contendere **cursu**.*; HOR. *S.* 2. 5. 76-78: ... “*Putasne,/ perduci poterit tam frugi tamque pudica,/ quam nequiere proci **recto** depellere **cursu**?*”; GERM. *Arat.* 346: *puppe etenim trahitur, non **recto** libera **cursu**.*; SEN. *Dial.* 10. 12. 4: ... *cuius **rectum cursum** natura et optimum et simplicissimum fecit ...* e *Ben.* 3. 31. 5: ... *ut nihil aliud dicam quam bonis artibus me studuisse uel **cursum ad rectum** iter uitae direxisse ...* ; PLIN. *Nat.* 2. 69: ... *triangulo solis radio inhihentur **rectum** agere **cursum** ...*, 6. 108-109: *Ab eo ad intimum sinum **recto cursu** <XI> <XXV> propemodum constat esse et situm eius humani capitis effigie*, 6. 175: *A promunturio Indorum quod uocetur Lepte Acra, ab aliis Drepanum, proponit **recto cursu** praeter Exustam ad Malichu insulam <XV> p. esse ...* e 12. 88: *Hi **recto cursu** per sinus inpellunt ...* ; PLIN. *Ep.* 6. 16. 10: ... ***rectumque cursum** recta gubernacula in periculum tenet adeo solutus metu ...* ; HYG. *GR. Mun. Cast.* 55: ... *ut intrantes semper delecti sint et aduenientes in **recto cursu** excludantur ...*

²⁴⁹ Cf. VERG. *G.* 3. 285-287: ... *superat pars altera curae,/ **lanigeros** agitare **greges** hirtasque capellas.*; OV. *Met.* 3. 584-585: *Non mihi quae duri colerent, pater arua iuueni,/ **Lanigerosue greges** ...*, 6. 394-395: ... *quisquis montibus illis/ **Lanigerosque greges** armentaque bucera pauit* e 7. 540-541: ***Lanigeris gregibus** balatus dantibus aegros/ ... tabent.*; STAT. *Silu.* 4. 5. 17: *Non mille balant **lanigeri greges**.*; CALP. *Ecl.* 2. 1-3: *Intactam Crocalen puer Astacus et puer Idas,/ Idas **lanigeri** dominus **gregis**, Astacus horti, dilexere diu ...* ; MAN. 2. 227-228: ... *regnoque superbus/ **lanigeri gregis** est Aries...*

²⁵⁰ TAC. *Ann.* 11. 3: *Qui, **dolo** ante **composito**, incautum uenationique intentum interfecere ...* e *Hist.* 1. 2: ... *a legatis bellum suadentibus ... **crimen ac dolum** ultro **compositum**...*

²⁵¹ O lobo, ao lamentar-se, revela espontaneamente os seus intentos predatórios, pois, se o cabrito não voltasse ao campo, onde poderia ser capturado e devorado, o estômago da fera ficaria vazio. Provavelmente, o lobo queria dizer *hei tibi!*, mas a sua fome falou mais alto.

²⁵² Optámos pela forma *caedes* em vez de *cadis*, pois parece-nos, neste contexto, fazer mais sentido o uso do futuro imperfeito, já que a apódose do período hipotético refere uma eventualidade que poderá ocorrer no futuro. A forma *cadis* surge em F. GAIDE, *op. cit.*, e nos seguintes manuscritos: *Parisinus Latinus 5570 (olim Colbertinus 5254)*, do século X-XI; *Laurentianus plut. 68-24*, do século XI; *Vossianus L. O. 15*, do século IX; *Vossianus Latinus¹ Q. 86*, do século IX; *Parisinus Latinus 13026 (olim 1188)*, do século IX. *Cades* está documentado nos seguintes manuscritos e obras: *Parisinus Latinus 8093 (olim Colbertinus 1512)*, do século

IX; *Reginensis Latinus* 208, do século IX; *Vossianus Latinus*² Q. 86, do século IX; W. FROEHNER, *Auiani Fabulae*, Leipzig, Teubner, 1862. (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 125); R. ELLIS, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 125); J. W. DUFF and A. M. DUFF, *op. cit.*; L. HERRMANN, *op. cit.* (*apud* F. GAIDE, *op. cit.*, p. 125).

²⁵³ Os animais (*uictimae*), conduzidos em sacrifício ao altar, apresentavam as suas hastes douradas e estavam enfeitados com fitas (cf. MART. 9. 72. 1-3: *Liber, Amyclaea frontem uittate corona/ ... / clusa mihi texto cum prandia uimine mittas.*; STAT. *Silu.* 5. 5. 28-29: *... sed nec solitae mihi uertice laurus/ nec fronti uittatus honos ...* ; V. FL. 1. 384-386: *Mopsus ... / ... uittataque fronte/ cassis ...*).

²⁵⁴ Note-se o tom sarcástico do cabrito. Este não se deixa enganar pelas falsas preocupações do lobo, pondo a nu as suas verdadeiras motivações.

²⁵⁵ Cf. verso 9 da fábula 20: ***Tolle minas tenerumque tuis sine crescere mensis.*** Sobre esta expressão, cf. nota 88 da fábula 20.

²⁵⁶ Cf. VERG. *A.* 5. 333: *concidit immundoque fimo sacroque cruore.*

²⁵⁷ Cf. verso 2 da fábula 1: *ni taceat, rabido quod foret esca lupo.*

²⁵⁸ Cf. VITR. 5. 8. 2: *... resonantes uero, in quibus ... imagines exprimendo nouissimos casus duplices faciant auditu ...*

BIBLIOGRAFIA

I – EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS DAS FÁBULAS DE AVIANO (por ordem cronológica)

P. CONSTANT, *Fables de Phèdre, Fables d'Avianus, Sentences de Publius Syrus, Distiques moraux de Denys Caton*. Paris, Librairie Garnier Frères, 1937.

F. GAIDE, *Avianus, Fables*. Paris, Les Belles Lettres, 1980.

J. W. DUFF – A. M. DUFF, *The Fables of Avianus*, in *Minor Latin Poets II*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1982.

M. MAÑAS NUÑEZ, *Fedro/ Aviano, Fábulas*. Madrid, Ediciones Akal, S. A., 1998.

II – BIBLIOGRAFIA GERAL

M. ALBRECHT, *A History of Roman Literature II (From Livius Andronicus to Boethius)*. Leiden – New York – Köln, E. J. Brill, 1997.

A. ALVAR EZQUERRA, 'Realidad e ilusión en la poesía latina tardoantigua: notas a propósito de estética literaria', *Emerita* 40. 1 (1992), p. 1-20.

R. BROWNING, 'Poesía del Bajo Imperio', in E. J. Kenney – W. Clausen (eds.), *Historia de la Literatura Clásica. II: Literatura Latina*. Editorial Gredos, Madrid, 1989.

Alan CAMERON, 'The date and identity of Macrobius', *The Journal of Roman Studies* 56 (1966), p. 25-38.

—————, 'Macrobius, Avienus, and Avianus', *Classical Quarterly* 17 (1967), p. 385-399.

Averil CAMERON, *El Mundo Mediterráneo en la Antigüedad Tardía*. Barcelona, Crítica, 1998.

A. M. CARASSITI, *Dizionario di Mitologia Greca e Romana*. Genova, Newton, 1996.

J. CHEVALIER – A. CHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa, Teorema, 1994.

P. CHINI, *La Religione. Vita e costumi dei Romani antichi* 9. Museo della civiltà romana. Edizioni Quasar. Roma, 1990.

G. B. CONTE, *Latin Literature – A History*. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1999.

J. H. CROON, *Encyclopédie de l'Antiquité Classique*. Bruxelles, Éditions Sequoia, 1962.

E. R. CURTIUS, *Literatura europea y Edad Media Latina*. México – Argentina – Brasil – Colombia – Chile – España – Estados Unidos de América – Perú – Venezuela, Lengua y Estudios Literarios – Fondo de Cultura Económica, 1999.

A. DIHLE, *Greek and Latin Literature of the Roman Empire II (From Augustus to Justinianus)*, London – New York, Routledge, 1994.

- A. ERNOUT – A. MEILLET, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris, Éditions Klincksieck, 1994 (=41959).
- C. FALCÓN MARTÍNEZ – E. FERNÁNDEZ-GALIANO – R. LÓPEZ MELERO, *Dicionário de Mitologia Clássica*. Lisboa, Editorial Presença, 1997.
- L. FIOCCHI, ‘La tartaruga volante in Babrio e in Aviano’, *Giornale italiano di filologia* 13 (1982), p. 253-266.
- J.-C. FREDOUILLE, *Diccionario de Civilización Romana*. Barcelona, Larousse Planeta S. A., 1996.
- A. GUDEMAN, *Historia de Literatura Latina*. Barcelona, Madrid, Buenos Aires, Rio de Janeiro, México, Montevideo, Editorial Labor, 1952.
- P. GRIMAL, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Linda-a-Velha, Difel, 21992.
- L. HERRMANN, ‘Notes sur le texte d’Avianus’, *Latomus* 28 (1969), p. 669-680.
- W. R. JONES, ‘Avianus, Flavianus, Theodosius, and Macrobius’, *Classical Studies presented to Ben Edwin Perry by his students and colleagues at the University of Illinois* (1969). Urbana, Chicago, London, University of Illinois Press, p. 203-209.
- B. KYTZLER, *Breve Diccionario de Autores Griegos y Latinos*. Madrid, Editorial Gredos, 1989.
- D. LASSANDRO, ‘La favola antica: proposta di un percorso didattico’, *Ars narrandi – Scritti di narrativa antica in memoria di Luigi Pepe, a cura di C. Santini e L. Zurli* (1996), p. 203-208.

- V. LOMANTO, 'Favola e critica letteraria in Aviano', *Rivista di filologia e di istruzione classica* 110 (1982), p. 297-308.
- E. V. MARMORALE, *História da Literatura Latina*. Lisboa, Estúdios Cor, 1974 (2 volumes).
- J. LUQUE MORENO, *El dístico elegíaco – Lecciones de métrica latina*. Madrid, Ediciones Clásicas, 1994.
- L. NOUGARET, *Traité de Métrique Latine Classique*. Paris, Éditions Klincksieck, 1977.
- E. PARATORE, *História da Literatura Latina*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- C. REIS – A. C. M. LOPES, *Dicionário de Narratologia*. Coimbra, Livraria Almedina, ⁶1998.
- F. RODRÍGUEZ ADRADOS, *Historia de la fábula greco-latina I. Introducción y de los orígenes a la edad helenística*. Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1979.
- , *Historia de la fábula greco-latina II. La fábula en época imperial romana y medieval*. Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1985.
- , *Historia de la fábula greco-latina III. Inventario y documentación de la fábula greco-latina*. Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1987.
- , *Líricos griegos, elegíacos y yambógrafos arcaicos – Vol. I*. Madrid, C.S.I.C., ³1990.

J. M. ROMEO PALLAS, 'La huella de Tibulo en las fábulas de Aviano', *Anuario de Filología* 7 (1981), p. 169-172.

—————, 'La obra de Propercio en las fábulas de Aviano', *Homenaje a Pedro Sainz Rodríguez*, Tomo II (1986), p. 573-579.

A. ROSTAGNI, *Storia della Letteratura Latina III*. Torino, Unione Tipografico – Editrice Torinese, ³1983.

J. SCHMIDT, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa, Edições 70, 1995.

M. G. VIANA, *Fabulário*. Editora Educação Nacional. Porto, 1942.

M. H. UREÑA PRIETO – M. I. TORRES – C. ABRANCHES, *Do Grego e do Latim ao Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, J.N.I.C.T., 1995.

L. ZURLI, *Astensis poetae, Novus Avianus* (Traduzione e commento di Armando Bisanti). Università di Genova, Facoltà di Lettere, 1994.

Boletim Cultural: Conto e Reconto – as fábulas. Fundação Calouste Gulbenkian, VIII Série, n.º 2, Maio de 1996.

La Fable. Entretiens sur l'Antiquité Classique, publiés par O. REVERDIN et B. GRANGE. Entretiens préparés par F. RODRÍGUEZ ADRADOS et présidés par O. REVERDIN. Fondation Hardt pour l'étude de l'Antiquité Classique, Vandoeuvres, Genève, 1984.

III – EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS (por ordem alfabética dos autores)

P. VALLETTE, *Apulée, Apologie – Florides*. Paris, Les Belles Lettres, 1971.

D. S. ROBERTSON – Paul VALLETTE, *Apulée, Les Métamorphoses*. Paris, Les Belles Lettres, 1971-1989 (3 volumes).

J. A. HANSON, *Apuleius, Metamorphoses*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1989-1996 (2 volumes).

R. MARACHE, *Aulu-Gelle, Les Nuits Attiques* (Livres I-IV). Paris, Les Belles Lettres, 1967.

R. MARACHE, *Aulu-Gelle, Les Nuits Attiques* (Livres V-X). Paris, Les Belles Lettres, 1978.

H. G. E. WHITE, *Ausonius, I-II*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1985-1988 (2 volumes).

J. R. FERREIRA, *Avieno, Orla Marítima*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1985.

B. E. PERRY, *Babrius and Phaedrus*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1990.

Bocage, Opera Omnia – vol. IV. (Preparação do texto e notas de A. S. JÚNIOR). Lisboa, Livraria Bertrand, 1972.

J. BEATO, *Calpúrnio Sículo, Bucólicas*. Lisboa, Verbo, 1996.

- J. AMAT, *Calpurnius Siculus, Bucoliques*. Paris, Les Belles Lettres, 1991.
- G. LAFAYE, *Catulle, Poésies*. Paris, Les Belles Lettres, 1974.
- W. G. SPENCER, *Celsus, De Medicina*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1971-1994 (3 volumes).
- L. A. CONSTANS, *César, Guerre des Gaules*. Paris, Les Belles Lettres, 1972-1990 (2 volumes).
- P. FABRE, *César, La Guerre Civile*. Paris, Les Belles Lettres, 1982-1997 (2 volumes).
- H. RACKHAM, *Cicero, De Natura Deorum – Academica*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1994.
- M. HENDERSON, *Cicero, ... Handbook of Electioneering, Letter to Octavian (Vol. XXVIII)*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1989.
- W. G. WILLIAMS, *Cicero, The Letters to his friends*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1979-1990 (3 volumes).
- L. H. G. GREENWOOD, *Cicero, The Verrine Orations*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1988-1989 (2 volumes).
- P. WUILLEUMIER, *Cicéron, Caton l'Ancien (De la Vieillesse)*. Paris, Les Belles Lettres, 1989.
- P. GRIMAL, *Cicéron, Contre Pison*. Paris, Les Belles Lettres, 1966.
- E. COURBAUD, *Cicéron, De l'orateur (Livre II)*. Paris, Les Belles Lettres, 1966.

- J. MARTHA, *Cicéron, Des Termes Extrêmes des Biens et des Maux*. Paris, Les Belles Lettres, 1967 (2 volumes).
- P. GRIMAL, *Cicéron, Pour Cn. Plancius – Pour M. Aemilius Scaurus*. Paris, Les Belles Lettres, 1976.
- A. BOULANGER – P. WUILLEUMIER, *Cicéron, Phillipiques I à IV*. Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- P. WUILLEUMIER, *Cicéron, Phillipiques V à XIV*. Paris, Les Belles Lettres, 1973.
- A. BOULANGER, *Cicéron, Pour C. Rabirius Postumus – Pour T. Annius Milon*. Paris, Les Belles Lettres, 1978.
- P. GRIMAL, *Cicéron, Pour Cn. Plancius – Pour M. Aemilius Scaurus*. Paris, Les Belles Lettres, 1976.
- A. BOULANGER, *Cicéron, Pour L. Muréna – Pour P. Sylla*. Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- A. BOULANGER, *Cicéron, Sur la Loi Agraire – Pour C. Rabirius*. Paris, Les Belles Lettres, 1960.
- A. YON, *Cicéron, Traité du Destin*. Paris, Les Belles Lettres, 1973.
- G. FOHLEN – J. HUMBERT, *Cicéron, Tusculanes*. Paris, Les Belles Lettres, 1968-1970 (2 volumes).
- H. B. ASH, *Columella, On Agriculture (I-IV)*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1993.

A. GUILLEMIN – P. HEUZÉ – P. JAL, *Cornélius Népos, Oeuvres*. Paris, Les Belles Lettres, 1992.

Curvo Semedo, Fábulas. Mem Martins, Europa-América, s/d.

R. D. HICKS, *Diogenes Laertius, Lives of Eminent Philosophers*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1995 (2 volumes).

E. H. WARMINGTON, *Remanis of Old Latin: Ennius and Caecilius* (Volume I). London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1988.

É. CHAMBRY, *Ésope, Fables*. Paris, Les Belles Lettres, 1996.

P. JAL, *Florus, Oeuvres*. Paris, Les Belles Lettres, 1967 (2 volumes).

C. E. BENETT, *Frontinus, The Stratagems – The Aqueducts of Rome*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1997.

A. LE BOEUFFE, *Germanicus, Les Phénomènes d'Aratos*. Paris, Les Belles Lettres, 1975.

F. VILLENEUVE, *Horace, Épitres*. Paris, Les Belles Lettres, 1967.

F. VILLENEUVE, *Horace, Satires*. Paris, Les Belles Lettres, 1969.

F. VILLENEUVE – J. HELLEGOUARC'H, *Horace, Odes et Épodes*. Paris, Les Belles Lettres, 1991.

P. LABRIOLLE – François VILLENEUVE, *Juvénal, Satires*. Paris, Les Belles Lettres, 1974.

- La Fontaine, Fables* (chronologie et introduction par A. ADAM). Paris, Garnier-Flammarion, 1966.
- B. O. FOSTER, *Livy IV* (Books VIII-X). London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1982.
- B. O. FOSTER, *Livy V* (Books XXI-XXII). London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1982.
- F. G. MOORE, *Livy VII* (Books XXVI-XXVIII). London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1970.
- E. T. STAGE, *Livy IX* (Books XXXI-XXXIV). London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1985.
- A. BOURGERY, *Lucaïn, La Guerre Civile* (Tome I – Livres I-V). Paris, Les Belles Lettres, 1976.
- A. BOURGERY – M. PONCHONT, *Lucaïn, La Guerre Civile* (Tome II – Livres VI-X). Paris, Les Belles Lettres, 1993.
- F. CHARPIN, *Lucilius, Satires*. Paris, Les Belles Lettres, 1978-1991 (3 volumes).
- A. ERNOUT, *Lucrèce, De la Nature*. Paris, Les Belles Lettres, 1993-1997 (2 volumes).
- C. R. HAINES, *The correspondence of Marcus Cornelius Fronto*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1982-1988 (2 volumes).
- H. J. IZAAC, *Martial, Épigrammes*. Paris, Les Belles Lettres, 1961-1973 (2 volumes).

Miguel Torga, Diário VIII. Coimbra, Edições do Autor, ²1960.

J. H. MOZLEY, *Ovid, The Art of Love, and other poems* (II). London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1969.

A. L. WHEELER, *Ovid, Tristia – Ex Ponto*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1996.

J. ANDRÉ, *Ovide, Contre Ibis*. Paris, Les Belles Lettres, 1963.

H. BORNECQUE – M. PRÉVOST, *Ovide, Héroïdes*. Paris, Les Belles Lettres, 1965.

H. BORNECQUE, *Ovide, Les Amours*. Paris, Les Belles Lettres, 1968.

H. BORNECQUE, *Ovide, L'Art d'Aimer*. Paris, Les Belles Lettres, 1994.

R. SCHILLING, *Ovide, Les Fastes*. Paris, Les Belles Lettres, 1993 (2 volumes).

G. LAFAYE, *Ovide, Les Métamorphoses*. Paris, Les Belles Lettres, 1969-1976 (3 volumes).

H. BORNECQUE, *Ovide, Les Remèdes a l'amour – Les produits de beauté pour le visage de la femme*. Paris, Les Belles Lettres, 1961.

A. ERNOUT, *Pétrone, Le Satiricon*. Paris, Les Belles Lettres, 1993.

M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *Petronio Arbitrio, Satiricón*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (*Alma Mater* – Colección de autores griegos y latinos), 1990 (2 volumes).

A. BRENOT, *Phèdre, Fables*. Paris, Les Belles Lettres, 1989.

- P. VICAIRE, *Platon, Phédon*. Paris, Les Belles Lettres, 1995.
- A. ERNOUT, *Plaute, Mostellaria – Persa – Poenulus*. Paris, Les Belles Lettres, 1970.
- A. ERNOUT, *Plaute, Amphitruo – Asinaria – Aulularia*. Paris, Les Belles Lettres, 1996.
- A. ERNOUT, *Plaute, Bacchides – Captivi – Casina*. Paris, Les Belles Lettres, 1996.
- J. BEAUJEU, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre II)*. Paris, Les Belles Lettres, 1950.
- J. ANDRÉ – J. FILLIOZAT, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre VI-2^e partie)*. Paris, Les Belles Lettres, 1980.
- A. ERNOUT, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre VIII)*. Paris, Les Belles Lettres, 1952.
- E. SAINT-DENIS, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre IX)*. Paris, Les Belles Lettres, 1955.
- E. SAINT-DENIS, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre X)*. Paris, Les Belles Lettres, 1961.
- A. ERNOUT, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre XII)*. Paris, Les Belles Lettres, 1949.
- H. LE BONNIEC – A. LE BOEUFFE, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle (Livre XVIII)*. Paris, Les Belles Lettres, 1972.

- J. ANDRÉ, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle* (Livre XX). Paris, Les Belles Lettres, 1965.
- J. ANDRÉ, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle* (Livre XXIV). Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- A. ERNOUT – R. PÉPIN, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle* (Livre XXVI). Paris, Les Belles Lettres, 1957.
- G. SERBAT, *Pline L'Ancien, Histoire Naturelle* (Livre XXXI). Paris, Les Belles Lettres, 1972.
- A. GUILLEMIN, *Pline Le Jeune, Lettres*. Paris, Les Belles Lettres, 1967-1987 (3 volumes).
- B. RADICE, *Pliny, Letters and Panegyricus*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1989-1997 (2 volumes).
- A. SILBERMAN, *Pomponius Mela, Chorographie*. Paris, Les Belles Lettres, 1988.
- D. PAGANELLI, *Properce, Élégies*. Paris, Les Belles Lettres, 1995.
- M. LENOIR, *Pseudo-Hygin, Des Fortifications du Camp*. Paris, Les Belles Lettres, 1979.
- H. BARDON, *Quinte-Curce, Histoires*. Paris, Les Belles Lettres, 1965-1992 (2 volumes).
- J. COUSIN, *Quintilien, Institution Oratoire*. Paris, Les Belles Lettres, 1975-1980 (6 volumes).

Sá de Miranda, Poesia. (Organização, notas e sugestões para análise literária de A. M. GARCIA). Lisboa, Editorial Comunicação, 1984.

A. ERNOUT – J. HELLEGOUARC'H, *Salluste, Catilina – Jugurtha – Fragments des Histoires*. Paris, Les Belles Lettres, 1989.

D. MAGIE, *The Scriptorum Historiae Augustae*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1991-1993 (2 volumes).

M. WINTERBOTTOM, *The Elder Seneca, Controversiae*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1974 (2 volumes).

J. W. BASORE, *Seneca, Moral Essays*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1989-1996 (3 volumes).

F. PRÉCHAC, *Sénèque, Des Bienfaits*. Paris, Les Belles Lettres, 1972 (2 volumes).

A. BOURGERY, *Sénèque, Dialogues – De Ira*. Paris, Les Belles Lettres, 1971.

A. BOURGERY, *Sénèque, Dialogues – De la vie heureuse. De la brièveté de la vie*. Paris, Les Belles Lettres, 1972.

F. PRÉCHAC – H. NOBLOT, *Sénèque, Lettres a Lucilius*. Paris, Les Belles Lettres, 1985-1991 (5 volumes).

P. OLTRAMARE, *Sénèque, Questions Naturelles*. Paris, Les Belles Lettres, 1961-1973 (2 volumes).

F. CHAUMARTIN, *Sénèque, Tragédies* (Tome I – *Hercule Furieux – Les Troyennes – Les Phéniciennes – Médée – Phèdre*). Paris, Les Belles Lettres, 1996.

- L. HERRMANN, *Sénèque, Tragédies* (Tome II – *Oedipe, Agamemnon, Thyeste, Hercule sur l’Oeta*). Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- P. MINICONI – G. DEVALLET, *Silius Italicus, La Guerre Punique* (Tome I – Livres I-IV). Paris, Les Belles Lettres, 1979.
- J. VOLPILHAC, *Silius Italicus, La Guerre Punique* (Tome II – Livres V-VIII). Paris, Les Belles Lettres, 1981.
- J. VOLPILHAC-LENTHÉRIC – M. MARTIN – P. MINICONI – G. DEVALLET, *Silius Italicus, La Guerre Punique* (Tome III – Livres IX-XIII). Paris, Les Belles Lettres, 1984.
- M. MARTIN – G. DEVALLET, *Silius Italicus, La Guerre Punique* (Tome IV – Livres XIV-XVII). Paris, Les Belles Lettres, 1992.
- J. D. DUFF, *Silius Italicus, Punica*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1983-1989 (2 volumes).
- J. P. CALLU, *Symaque, Lettres*. Paris, Les Belles Lettres, 1972, 1975 (2 volumes).
- H. FRÈRE – H. J. IZAAC, *Stace, Silves*. Paris, Les Belles Lettres, 1961-1992 (2 volumes).
- R. LESUEUR, *Stace, Thébaïde*. Paris, Les Belles Lettres, 1990-1994 (3 volumes).
- H. AILLOUD, *Suétone, Vie des Douze Césars*. Paris, Les Belles Lettres, 1980-1989 (3 volumes).
- P. WUILLEUMIER, *Tacite, Annales*. Paris, Les Belles Lettres, 1990-1996 (4 volumes).

- P. WUILLEUMIER – H. LE BONNIEC – J. HELLEGOUARC'H, *Tacite, Histoires* (Livre I). Paris, Les Belles Lettres, 1987.
- H. LE BONNIEC – J. HELLEGOUARC'H, *Tacite, Histoires* (Livre II et III). Paris, Les Belles Lettres, 1989.
- H. LE BONNIEC – J. HELLEGOUARC'H, *Tacite, Histoires* (Livre IV et V). Paris, Les Belles Lettres, 1992.
- J. MAROUZEAU – J. GÉRARD, *Térence, Heautontimoroumenos – Phormion*. Paris, Les Belles Lettres, 1990.
- M. PONCHONT, *Tibulle, Élégies*. Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- J. BAYET – G. BAILLET, *Tite-Live, Histoire Romaine* (Livre I). Paris, Les Belles Lettres, 1995.
- F. NICOLET-CROIZAT, *Tite-Live, Histoire Romaine* (Tome XV – Livres XXV). Paris, Les Belles Lettres, 1992.
- J. BAYET – G. BAILLET – C. GUITTARD, *Tite-Live, Histoire Romaine* (Tome IV – Livre IV). Paris, Les Belles Lettres, 1993.
- P. JAL, *Tite-Live, Histoire Romaine* (Tome XXXI – Livres XLI-XLII). Paris, Les Belles Lettres, 1971.
- R. COMBÈS, *Valère Maxime, Faits et Dits Mémorables*. Paris, Les Belles Lettres, 1995-1997 (2 volumes).
- J. H. MOZLEY, *Valerius Flaccus, Argonautica*. London, Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1998.

- R. G. KENT, *Varro, On the Latin Language* (Books V-VII). London, Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1993.
- R. G. KENT, *Varro, On the Latin Language* (Books VIII-X and fragments). London, Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1993.
- H. R. FAIRCLOUGH, *Virgil, Eclogues – Georgics – Aeneid – The Minor Poems*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1998 (2 volumes).
- E. SAINT-DENIS, *Virgile, Bucoliques*. Paris, Les Belles Lettres, 1992.
- J. PERRET, *Virgile, Énéide*. Paris, Les Belles Lettres, 1987-1993 (3 volumes).
- E. SAINT-DENIS, *Virgile, Géorgiques*. Paris, Les Belles Lettres, 1995.
- F. GRANGER, *Vitruvius, On Architecture*. London, Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1962 (2 volumes).
- C. JACQUEMARD-LE SAOS, ?, *Querolus (Aulularia)*. Paris, Les Belles Lettres, 1994.

IV – CD-ROM.

LECTOR (uersio 3.40) – *Ius copiandi*: R. MAIER (a. MXMIII – MXMVI). Deste Cd-Rom foram retirados todos os excertos das obras que não figuram na lista dos autores acima mencionada.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

OBSERVAÇÕES:

1. Para os nomes das obras da Antiguidade Latina, seguimos as edições de P. G. W. GLARE (*op. cit.*) e de F. GAFFIOT (*op. cit.*); para a Antiguidade Grega, servimo-nos da de LIDDELL-SCOTT (*op. cit.*).
2. Foram traduzidos das citações todos os nomes gregos e latinos.
3. Não foram considerados os adjectivos derivados de antropónimos, mitónimos, etnónimos e topónimos.
4. A negro vão indicados os números das páginas.
5. Os números subscritos às obras citadas indicam os excertos referidos no presente trabalho.

Abante, neto de *vide* Perseu

Áccio **135, n. 24**

África **25, n. 5; 139, n. 69**

Agostinho, Santo **27, n. 5 (cont.)**

Albrecht, M. **34, n. 3**

Alcides **152, n. 210**

Alcmena **148, n. 158**

Alexandre **144, n. 127; 149, n. 170; 153, n. 219**

Almeida, A. **48, n. 3**

Alvar Ezquerria, A. **35 e n. 3; 36, n. 1**

Amalteia **137, n. 44**

Aniano **19**

Aníbal **152, n. 203**

Anquises **145, n. 128**

Antífate **151, n. 191**

António, Marco *vide* Marco António

Apolo **41; 54 (ter) e n. 2; 58; 98; 99; 135, n. 24 (bis)**

Apolo Delfico **64; 65**

Apuleio

Apologia

90 **150, n. 184**

Metamorphoses

3.7 **141, n. 86**

6.15 **143, n. 107**

8.22 **155, n. 237**

11.9 **145, n. 128**

11.24 **141, n. 86**

Aqueronte **52, n. 1**

Aquiles **151, n. 197**

Arábia **134, n. 16**

Argólida **148, n. 158**

Argos **139, n. 68 (quater)**

Aristóteles **60, n. 1; 152, n. 209 (bis)**

Historia Animalium **152, n. 209**

Arnóbio **27, n. 5 (cont.)**

Ártemis **135, n. 24**

Ascânio **152, n. 210**

Ástaco **156, n. 249 (bis)**

Astreu **135, n. 23**

Átalo **149, n. 170**

Atenas **135, n. 23**

Augusto **30; 135, n. 24**

- Aulo **142, n. 100**
- Aulo Gélío *vide* Gélío, Aulo
- Aurora **135, n. 23**
- Ausônio **21; 22, n. 7; 23, n. 2; 26; 29; 30; 32, n. 3, 4 e 5; 33**
Commemoratio Professorum Burdigalensi
32, n. 3
Eclogarum Liber **32, n. 3**
Epigrammata de Diuersis Rebus **32, n. 3**
Epistulae **32, n. 3**
 12.74-81 **30, n. 3**
 12.102 **30, n. 3**
Gratiarum Actio ad Gratianum Imperatorem pro Consulatu **32 e n. 3**
 10 **32, n. 4**
Ordo Urbium Nobilium **32, n. 3**
- Aviânio **19; 21(ter) e n. 3 (bis)**
- Aviânio, Emílio **21, n. 3**
- Aviano **13 (ter); 19 (sexies) e n. 4; 20 (bis) e n. 7; 21 (ter) e n. 7 (cont.); 22 (bis) e n. 3 e 5; 23 (ter); 25 (bis); 26 (ter); 27 (ter) e n. 6 (bis); 28; 29 (ter); 30 (bis); 31 (bis) e n. 2 (quater); 32 (ter); 33 (quinquies); 34 (ter) e n. 4; 35 (bis) e n. 1; 36 (bis); 37 (quater) e n. 1 e 4; 38 (quinquies) e n. 3 e 5; 48, n. 3; 60; 133, n. 4 (bis) e 5; 133, n. 8; 134, n. 15 e 16 (bis); 136, n. 40; 137, n. 44 e 47; 138, n. 59; 140, n. 79; 141, n. 91; 142, n. 101; 146, n. 146; 152, n. 209**
Fabulae **13 (quater); 19 (bis); 20 (quinquies) e n. 4 (cont.); 21 (bis); 22 (bis); 23; 25, n. 5 (bis); 26 (ter); 27 (ter) e n. 6; 29 (bis); 30; 31 (bis) e n. 2; 33; 34; 36 (bis); 37 (quater) e n. 1 e 4; 38, n. 3 (bis); 60; 61; 133, n. 2; 136, n. 40**
 Prefácio **20 e n. 4 (cont.); 21; 23 (bis); 25 (ter) e n. 4 e 5; 26 (quinquies); 27 e n. 6; 29 (bis); 30 (bis); 31 (bis); 34 (bis); 64; 133**
- 1 23 (ter); 24; 31, n. 2; 40; 42; 52; 66; 134; 143, n. 110; 157, n. 257**
- 2 23; 31, n. 2; 40; 42; 49; 66; 134**
- 3 23 (bis); 31, n. 2; 40; 42; 48; 68; 135**
- 4 23; 24; 31, n. 2; 40; 42; 58; 70; 135; 142, n. 97**
- 5 31, n. 2; 40; 42; 50; 70; 135**
- 6 31, n. 2; 40; 42; 46; 72; 136**
- 7 31, n. 2; 40; 42; 47 (bis); 74; 136**
- 8 31, n. 2; 40; 42; 56 (bis); 76; 137 e n. 47**
- 9 23; 31, n. 2; 40; 42; 53; 76; 137**
- 10 31, n. 2; 41; 42; 52; 78; 137**
- 11 22; 31, n. 2; 41; 42; 58; 80; 138**
- 12 31, n. 2; 41; 42; 55; 82; 138**
- 13 31, n. 2; 41; 42; 43; 82; 138**
- 14 31, n. 2; 41; 42; 56; 57; 84; 139**
- 15 31, n. 2; 41; 42; 47 (bis); 86; 139**
- 16 31, n. 2; 33; 41; 42; 57; 86; 140**
- 17 24; 31, n. 2; 41; 42; 51 (bis); 88; 140**
- 18 22; 31, n. 2; 41; 42; 44; 90; 140**
- 19 31, n. 2; 41; 42; 57; 92; 140**
- 20 31, n. 2; 41; 42; 52; 94; 141; 143, n. 113 (bis); 157, n. 255 (bis)**
- 21 31, n. 2; 41; 42; 53; 94; 141**
- 22 23; 31, n. 2; 41; 42; 54; 96; 142**
- 23 24; 27, n. 2; 31, n. 2; 41; 42; 56; 98; 142**
- 24 31, n. 2; 41; 42; 51 (bis); 100; 142**
- 25 3; 31, n. 2; 41; 42; 53; 54; 100; 134, n. 13; 141, n. 86; 143**
- 26 24; 31, n. 2; 32; 41; 42; 45; 46; 102; 143**
- 27 31, n. 2; 41; 42; 59; 104; 144**
- 28 31, n. 2; 41; 42; 50; 104; 145**
- 29 24; 31, n. 2; 33; 41; 42; 55; 106; 145**
- 30 31, n. 2; 41; 42; 50; 108; 147**

- 31 **31, n. 2; 41; 42; 43; 110; 147**
- 32 **31, n. 2; 41; 42; 55; 112; 148**
- 33 **23; 31, n. 2; 41; 42; 50; 112; 148**
- 34 **31, n. 2; 41; 42; 48; 114; 149**
- 35 **24; 27, n. 2; 31, n. 2; 42 (bis); 49; 116; 150**
- 36 **24; 31, n. 2; 42 (bis); 44; 118; 151**
- 37 **31, n. 2; 38, n. 5; 42 (bis); 45; 118; 151**
- 38 **24; 27, n. 2; 31, n. 2; 42 (bis); 47 (bis); 120; 152**
- 39 **24; 31, n. 2; 42 (bis); 59; 122; 153**
- 40 **31, n. 2; 42 (bis); 46; 124; 154**
- 41 **31, n. 2; 42 (bis); 59; 124; 143, n. 105; 154**
- 42 **31, n. 2; 42 (bis); 45; 134, n. 11; 126; 141, n. 88; 156**
- Aviano, Caio Leto **19; 21**
- Aviano, Flávio **19; 21; 38, n. 3**
- Avieno **19 (ter); 20 (nouies) e n. 4 (cont.); 25, n. 5; 136, n. 40**
- Avieno, Rúfio Festo **20 (bis); 25, n. 5**
- Aratea* **20 e n. 2**
- Descriptio Orbis Terrae* **20, n. 2**
- Ora Maritima* **20, n. 2**
- Avito, Santo **23, n. 4**
- Bábrio **23; 29 (bis) e n. 1 e 2; 30 e n. 1; 31 (bis) n. 2 (ter) e 3 (bis); 33; 34, n. 4; 64; 65; 133, n. 7 (bis) e 8; 134, n. 15 e 16; 140, n. 79; 141, n. 91 (bis)**
- Fabulae* **29, n. 1 (bis) e 2; 133, n. 7 e 8**
- 1 **140, n. 75**
- 6 **141, n. 84**
- 16 **134, n. 10**
- 18 **135, n. 22**
- 20 **148, n. 157**
- 30 **142, n. 101**
- 35 **150, n. 182**
- 36 **33, n. 4; 140, n. 72**
- 37 **151, n. 189**
- 44 **140, n. 79**
- 56 **139, n. 63**
- 64 **140, n. 81**
- 65 **139, n. 67**
- 88 **141, n. 90**
- 91 **138, n. 61**
- 95 **147, n. 150**
- 100 **151, n. 198**
- 104 **136, n. 39**
- 109 **135, n. 19**
- 112 **147, n. 154**
- 115 **134, n. 15**
- 120 **136, n. 35**
- 123 **148, n. 164**
- 132 **156, n. 246**
- 139 **135, n. 28**
- 140 **149, n. 169**
- Bacantes **146, n. 139**
- Baco **41 (bis); 56 (bis); 98 (bis); 99 (bis); 146, n. 146 (bis)**
- Baehrens, E. **142, n. 98 e 101**
- Bardon, H. **30, n. 1**
- Besaçon **30, n. 1**
- Bocage **38; 46, n. 1**
- Opera Omnia (Epigrama XLIV)* **46, n. 1**
- Bolsena **20, n. 2**
- Bordeaux **32, n. 3 (ter)**
- Bóreas **24; 40 (bis); 58; 70 (bis); 71 (bis); 78; 79; 135, n. 23**
- Browning, R. **30, n. 2; 34, n. 3; 35, n. 2**
- Burdegala vide *Bordeaux*
- Caieta (ama de Eneias) **153, n. 219**
- Caístro **152, n. 206**
- Calpúrnio Flaco
- Declamationes*
- 22 **154, n. 233**

Calpúrnio Sículo

*Eclogae*2.1-3 **156, n. 249**2.10 **139, n. 64**7.57 **139, n. 64**

Cameron, Alan **19, n. 1; 20 e n. 3, 4, 5, 6; 21, n. 7 (cont.); 25, n. 5 (bis); 26 e n. 4; 27; 31 e n. 5; 33 e n. 5**

Cameron, Averil **22, n. 5**Campo de Marte *vide* MarteCanínio **144, n. 119**Cannegieter, H. **21 e n. 6; 26**Carneiro (constelação) **156, n. 249**Cascudo, L. C. **48, n. 3**

Catulo

*Carmina*64.198 **145, n. 134**Celso **147, n. 147***De Medicina* **147, n. 147**3.7.1 **147, n. 147**5.27.2 **154, n. 231**5.27.12 **147, n. 147**5.28.4 **147, n. 147**6.14.2 **147, n. 147**Ceres **138, n. 58**César, Júlio **150, n. 178***De Bello Ciuile*1.62.1 **150, n. 178**

Cheerbrant, A. **43, n. 1; 44, n. 1; 46, n. 2; 47, n. 1; 48, n. 1 e 2; 50, n. 1 e 2; 51, n. 1; 53, n. 1; 54, n. 1 e 2; 57, n. 1**

Chevalier, J. **43, n. 1; 44, n. 1; 46, n. 2; 47, n. 1; 48, n. 1 e 2; 50, n. 1 e 2; 51, n. 1; 53, n. 1; 54, n. 1 e 2; 57, n. 1**

Cícero **21; 25, n. 5***De Diuinatione*2.36 **151, n. 195***De Finibus Bonorum et Malorum*2.119 **150, n. 178***De Lege Agraria*2.44 **156, n. 248***De Natura Deorum*2.123 **152, n. 201***De Senectute*4 **149, n. 171**47 **137, n. 48***Epistulae ad Familiares*7.23.1 **21, n. 3**7.23.3 **21, n. 3**13.27.2 **21, n. 3**13.35.1 **21, n. 3***Fragmenta Epistularum*9.12 **144, n. 127***In Pisonem*10.22 **137, n. 44***In Verrem (actio secunda)*5.81 **149, n. 176***Orator*190 **155, n. 237***Pro Milone*2 **146, n. 142***Pro Plancio*18 **143, n. 108**75 **153, n. 213***Pro Sulla*32 **143, n. 108***Somnium Scipionis* **25, n. 5***Tusculanae Disputationes*2.18 **146, n. 142**2.31 **144, n. 127**5.14 **144, n. 127**Cínife **82; 83; 138, n. 62 (ter)**Cláudio **25, n. 5***De Bello Gildonico* **25, n. 5**Cleópatra **135, n. 24**

Columela

*De Re Rustica*1.3.11 **153, n. 221**

- 4.9.1 **145, n. 130**
 4.24.4 **155, n. 236**
 12.18.7 **155, n. 237**
- Constant, P. **20, n. 7**
 Conte, G. B. **35, n. 2**
 Córidon **137, n. 42 (bis)**
 Corinto **34**
 Cornélio Nepos *vide* Nepos, Cornélio
 Cornélio Severo (*poet.*)
Carmina
 12.1 **150, n. 179**
- Corsaro, F. **27, n. 6**
 Cós, tecidos de **134, n. 16**
 Costa e Silva **38**
 Crócale **156, n. 249**
 Crusius, O. **20, n. 7; 30, n. 1**
 Cupido **155, n. 245**
 Cúrcio Rufo
Historiae Alexandri Magni
 4.4.11 **154, n. 226**
 8.2.8 **141, n. 86**
 6.9.11 **148, n. 162**
 8.4.15 **155, n. 237**
- Curetes **136, n. 41**
 Curtius, E. R. **36, n. 2; 37, n. 3**
- De Bello Africo* (autor desconhecido)
 19.4 **144, n. 125**
- Dédalo **141, n. 83**
 Delfos **29; 133, n. 4 (ter)**
 Demócrito **148, n. 162**
 Diana **136, n. 37; 146, n. 140; 155, n. 245**
 Dias, S. **60, n. 1**
 Diógenes Laércio **34 e n. 6**
De clarorum philosophorum uitis... libri decem
 2.5.42 **34, n. 7**
- Dido **135, n. 27**
 Dihle, A. **35, n. 2**
- Dioniso **145, n. 139; 146, n. 139**
 Disário **33 (bis)**
Disticha Catonis (autor desconhecido) **36 e n. 3**
 Drépano (promontório da Índia) **156, n. 248**
 Duff, A. M. **19, n. 1; 20 e n. 7; 22, n. 4; 25, n. 3; 26, n. 2; 140, n. 78; 141, n. 89; 142, n. 98, 99 e 101; 157, n. 252**
 Duff, J. W. **19, n. 1; 20 e n. 7; 22, n. 4; 25, n. 3; 26, n. 2; 140, n. 78; 141, n. 89; 142, n. 98, 99 e 101; 157, n. 252**
- Elísio, Filinto **38**
 Ellis, R. **21, n. 7 (bis e cont.); 25, n. 5; 31 e n. 4; 32 (bis) e n. 1; 33 (bis); 140, n. 78; 142, n. 98, 99 e 101; 157, n. 252**
- Eneias **135, n. 27**
 Eneida **20, n. 2**
 Énio **141, n. 91 (bis)**
Annales
 388 **149, n. 172**
- Eólia **144, n. 118**
 Eos **135, n. 23**
 Epicuro **34, n. 6**
 Érebo **141, n. 82**
 Erecteu **135, n. 23**
- Escritores da História Augusta
Antonius Heliogabalus
 13.1 **149, n. 170**
 19.2 **149, n. 176**
- Esopo **29; 30; 31 (bis); 33; 34 (bis); 38 (ter) e n. 5; 39; 64; 65; 133, n. 4 (quater) e 5; 140, n. 79**
Fabulae **133, n. 5**
 26 **141, n. 84**
 37 **154, n. 228**
 59 **142, n. 103**
 60 **145, n. 135**
 69 **136, n. 35**
 71 **140, n. 79**

- 72 **148, n. 157**
 73 **135, n. 22**
 84 **138, n. 56**
 92 **151, n. 189**
 101 **140, n. 81**
 143 **33, n. 3; 140, n. 72**
 146 **137, n. 43**
 151 **135, n. 19**
 186 **136, n. 39**
 220 **143, n. 115**
 222 **156, n. 246**
 223 **134, n. 10**
 226 **151, n. 198**
 254 **137, n. 46**
 279 **135, n. 28**
 287 **148, n. 164**
 307 **150, n. 182**
 320 **154, n. 234**
 325 **153, n. 217**
 332 **138, n. 61**
 333 **139, n. 67**
 336 **149, n. 169**
 338 **140, n. 75**
 343 **137, n. 51**
 351 **134, n. 15**
 354 **138, n. 54**
- Esquilino **138, n. 58**
- Estácio
- Thebais*
- 1.546-547 **143, n. 107**
 1.173-175 **152, n. 202**
 2.361 **153, n. 222**
 2.244 **148, n. 159**
 2.510-512 **151, n. 193**
 5.391 **139, n. 64**
 5.461 **148, n. 159**
 5.502-503 **143, n. 107**
 6.495-498 **140, n. 82**
 8.529-530 **151, n. 193**
- 9.128-129 **154, n. 226**
 9.981 **150, n. 187**
 11.558 **143, n. 107**
 12.13-14 **151, n. 193**
 12.127-128 **148, n. 160**
- Siluae*
- 2.1.177-178 **154, n. 225**
 4.4.33-34 **152, n. 200**
 4.5.17 **156, n. 249**
 5.1.262 **148, n. 159**
 5.3.227 **153, n. 213**
 5.5.28-29 **157, n. 253**
- Eurídice **137, n. 42**
 Euritião **148, n. 159**
 Eustáquio **25, n. 5**
 Eutrópio **23, n. 3**
- Breuiarum Historiae Romanae*
- 7.23 **23, n. 3**
- Evandro **148, n. 158**
 Exusta (ilha do Golfo Arábico) **156, n. 248**
- Febo **24; 40 (bis); 58 (bis); 70 (quater); 71 (quater); 96 (bis); 97 (bis); 135, n. 24 (bis) e 27; 136, n. 37; 142, n. 95; 148, n. 158; 154, n. 227**
- Fedro **29 e n. 2 (bis); 31 e n. 3; 34, n. 4; 39; 64; 65; 138, n. 55; 140, n. 77**
- Fabulae* **29, n. 2**
- I, *pr.* 6 **134, n. 9**
 1.2.16 **136, n. 36**
 1.5.1 **138, n. 55**
 1.11 **140, n. 77**
 2.6 **134, n. 15**
 4.21.19 **138, n. 60**
 5.2 **137, n. 46**
 5.2.11 **136, n. 34**
App. 5.1 **137, n. 44**
App. 5.3-4 **150, n. 178**
- Fegeu **152, n. 210**

- Ferreira, J. R. **20, n. 2**
- Filomeno Médico
De Medicina
 2.115 **144, n. 126**
 2.121 **152, n. 207**
- Filoxeno, Aviânio **21, n. 3**
- Fineu **135, n. 23**
- Fiocchi, L. **134, n. 15**
- Flaco vide Horácio
- Flaviano, Vírio Nicómaco **19; 22 (bis)**
- Floro
Epitome Bellorum
 2.13.59 **154, n. 226**
- Fordicidia* (Festas) **138, n. 58**
- Fortuna **55 (bis); 76 (bis); 77 (bis); 82; 83; 137, n. 44 (bis) e 47; 138, n. 59; 144, n. 127 (bis); 151, n. 192; 152, n. 202**
- Fortuna Comes* **137, n. 44**
- Fortuna Equestris* **137, n. 44**
- Fortuna Muliebris* **137, n. 44**
- Fortuna Virilis* **137, n. 44**
- Fortunato **22; 23, n. 2**
- Frígio **142, n. 100**
- Froehner, W. **21 e n. 1 e 2; 157, n. 252**
- Frontão **30, n. 1**
Ad Aurelium
 3. p.41 **147, n. 155**
- Frontino
Strategemata
 4.1.4 **154, n. 226**
- Gaffiot, F. **15**
- Gaide, F. **15; 19, n. 1, 2 e 3; 20 e n. 1, 6 e n. 7 (bis); 21 (ter) e n. 1, 2, 4, 5, 6 e 7 (quinquies e cont.) e 8; 22 e n. 2, 3, 4, 6; 23, n. 1; 24, n. 2; 25, n. 2 e 3; 27 (bis) e n. 1, 2, 5, 6 e 7; 28, n. 1; 30, n. 1 (ter) e 2; 31, n. 3; 32 e n. 2; 33 (bis) e n. 2; 34, n. 1, 2, 3; 35, n. 1 e 2; 36, n. 2; 37, n. 1, 2, 4 e 5; 38, n. 3 e 4; 133, n. 4; 136, n. 40; 139, n. 71; 140, n. 77 e 78 (ter); 141, n. 87 (ter) e 89; 142, n. 98 (quinquies) e 99 (quater); 144, n. 123; 156, n. 252; 157, n. 252 (ter)**
- Gália **32, n. 3**
- Garcia, A. M. **133, n. 6**
- Geia **138, n. 58**
- Gélio, Aulo **141, n. 91**
Noctes Atticae
 1.15.1 **145, n. 134**
 2.29.2-16 **141, n. 90 e 91**
 7.1.1 **146, n. 142**
- Gelo **52, n. 1**
- Gerião **148, n. 158**
- Germânico
Aratea
 346 **156, n. 248**
- Getúlia **72; 73; 136, n. 30**
- Glare, P. G. W. **15**
- Golfo Pérsico **134, n. 16**
- Graciano **32, n. 3**
- Gradivo vide Marte
- Grécia **139, n. 69**
- Gregório de Tours, São **23, n. 4**
- Guaglianone, A. **19 e n. 3; 21, n. 7 (cont.); 27 e n. 7; 37, n. 4; 141, n. 87; 142, n. 98**
- Gudeman, A. **30, n. 2; 35, n. 2**
- Hamónio, Aviânio **21, n. 3**
- Hebro **150, n. 180 (bis)**
- Hegésias **149, n. 170**
- Hércules **41; 55; 112; 113; 145, n. 139; 148, n. 158 (nouies); 150, n. 178**
- Heródoto **133, n. 4**
- Herrmann, L. **21 (bis) e n. 7 (cont.); 27 e n. 3, 4 e 6; 140, n. 78; 141, n. 87; 142, n. 98 e 99; 157, n. 252**
- Hervieux, L. **19 e n. 2; 20, n. 7; 38, n. 3**

- Higino Gromático
De Munitionibus Castrorum
 55 **156, n. 248**
- Hilas **143, n. 107**
- Hipólito **136, n. 37**
- Hírcio
De Bello Gallico
 8.33.1 **144, n. 119**
- Homero Latino
Ilias Latina
 165 **145, n. 129**
 701 **148, n. 156**
 1003-1004 **153, n. 215**
- Horácio **29; 37; 64; 65; 133, n. 6 (ter)**
Ars Poetica
 139 **133, n. 6**
 158-160 **152, n. 204**
- Carmina*
 1.35.26-28 **149, n. 165**
 2.1.7-8 **153, n. 218**
 2.16.29 **151, n. 197**
 3.22.1 **146, n. 140**
 4.2.27-29 **144, n. 122**
- Epistulae* **133, n. 6**
 1.1.73-75 **133, n. 6**
 1.3.17-19 **133, n. 6**
 1.7.29-33 **133, n. 6**
 1.7.98 **135, n. 29**
 1.10.34-38 **133, n. 6**
- Sermones* **133, n. 6**
 1.1.7-8 **151, n. 197**
 1.4.106 **135, n. 21**
 1.6.126 **138, n. 52**
 2.3.314-320 **133, n. 6**
 2.5.76-78 **156, n. 248**
 2.6.79-117 **133, n. 6**
 3.3.299 **133, n. 6**
- Huygens, R. B. C. **37, n. 5**
- Idas **156, n. 249 (bis)**
- Ifigénia **149, n. 166**
- Ifítime **145, n. 139**
- Índia **155, n. 237**
- Io **139, n. 68 (bis)**
- Istro **155, n. 243**
- Íxion **137, n. 44**
- Jacquemard-Le Saos, J. **27, n. 6**
- Jerónimo, São **27, n. 5 (cont.)**
- Jogos Olímpicos **149, n. 172**
- Jogos Seculares **135, n. 24**
- Jones, W. R. **19, n. 1; 22 e n. 1; 25, n. 4**
- Júlio César *vide* César, Júlio
- Júnio **21, n. 3**
- Júnior, A. S. **46, n. 1**
- Juno **139, n. 68 (ter)**
- Júpiter **24; 40; 41; 54 e n. 2; 56 (ter); 57 (bis); 70; 71; 76 (bis); 77 (bis); 84 (ter); 85 (ter); 96; 97; 98; 99; 136, n. 41; 139, n. 68; 140, n. 82; 148, n. 158 e 159**
- Juvenal
Saturae
 6.409-412 **145, n. 137**
 11.60-61 **148, n. 158**
 12.126-127 **149, n. 166**
 13.137 **143, n. 111**
 13.167 **139, n. 69**
 14.281-282 **149, n. 166**
 16.41 **143, n. 111**
- Küppers, J. **133, n. 4**
- La Fontaine, Jean de **38 (ter); 60**
Fables
 Préface **60, n. 2**
 VI, 1 **60, n. 3**
- Lachmann, C. **24, n. 2; 26**
- Lâmia **53, n. 1 (cont.)**

- Lassandro, D. **39 e n. 1; 40, n. 1**
- Latona **135, n. 24**
 — filha de *vide* Diana
- Lepte Acra* (prom. do Golfo Árabe) **156, n. 248**
- Leptis Magna* (cidade de África) **138, n. 62**
- Liddell-Scott **15**
- Líbia **138, n. 62**
- Lípara **144, n. 118**
- Lívio, Tito **20, n. 2**
Ab Vrbe Condita
 1.4.2 **150, n. 183**
 4.51.5 **146, n. 142**
 9.3.3 **153, n. 215**
 22.20.7 **150, n. 178**
 25.11.4 **145, n. 129**
 27.44.8 **154, n. 231**
 42.42.1 **142, n. 102**
- Loba-Mormo **52, n. 1**
- Lomanto, V. **133, n. 3**
- Lopes, A. C. M. **40 e n. 2**
- Lucano
Bellum Ciuile
 1.207 **152, n. 204**
 2.93 **152, n. 204**
 2.451-452 **154, n. 226**
 3.88 **144, n. 116**
 3.627-628 **155, n. 240**
 3.760 **153, n. 223**
 4.15-16 **155, n. 236**
 6.49-50 **155, n. 238**
 7.379-381 **143, n. 109**
 8.787-788 **152, n. 208**
- Lucrecio
De Rerum Natura
 1.163 **139, n. 64**
 1.211 **151, n. 191**
 1.722-723 **152, n. 204**
 3.57-58 **145, n. 134**
 3.401 **146, n. 143**
 5.210-212 **151, n. 191**
 5.1338 **139, n. 64**
 6.27-28 **156, n. 248**
 6.154-155 **154, n. 227**
- Lugdunum vide* Lyon
- Lyon **30, n. 1**
- Macróbio **20 (bis) e n. 4 (cont.); 23, n. 3; 25 (octies) e n. 5 (bis); 26 (quater); 29, n. 2; 31; 32 (bis); 33 (ter); 34; 64 (bis); 65 (bis); 133, n. 1**
De Differentiis et Societatibus Graeci Latiniqve Verbi **25 e n. 5**
Comentarii in Ciceronis Somnium Scipionis **25, n. 5; 34**
 1.2.7 **31**
 1.2.9 **31**
Excerpta Gramatica **25, n. 5**
Saturnalia **20 (ter); 25 e n. 5; 33; 34**
 1.praef.1 **25, n. 5; 26, n. 1**
 1.11.45 **23, n. 3**
 7.8.6. **33**
- Malico (ilha perto da Índia) **156, n. 248**
- Mañas Nuñez, M. **19, n. 1; 20, n. 6; 21, n. 7 (cont.); 22, n. 4; 25, n. 3; 35, n. 1**
- Manílio
Astronomica
 2.227-228 **156, n. 249**
 3.77 **153, n. 215**
 4.35-41 **152, n. 203**
 5.625-626 **153, n. 223**
- Manuscritos
Ashburnhamensis 1813 **20, n. 4 (cont.)**
Bodleianus Auct. f. 2. 14 **25, n. 5; 139, n. 71**
Codex Athous British Museum Add. 22087 **133, n. 7**
Karoliruhensis 339 (olim 85) **20, n. 4 (cont.)**
Karoliruhensis Aug. 73 **19 e 20, n. 4**

- Laurentianus plut.* 68-24 **19, n. 4; 25, n. 1; 27, n. 7; 156, n. 252**
- Londinensis, Mus. Brit. Harl.* 4967 **139, n. 71**
- O Livro de Esopo* **38 e n. 6**
- Parisinus* 8302 (*olim Colbertinus* 6260) **141, n. 87**
- Parisinus Latinus* (*nouv. acq.*) 1132 **20, n. 4**
(cont.)
- Parisinus Latinus* 5570 (*olim Colbertinus* 5254) **19, n. 4; 27, n. 7; 156, n. 252**
- Parisinus Latinus*¹ 5570 **140, n. 78**
- Parisinus Latinus* 8083 (*olim Colbertinus* 1512) **20, n. 4** (cont.); **27, n. 7; 156, n. 252**
- Parisinus Latinus*² 8083 **140, n. 78**
- Parisinus Latinus* 13026 (*olim* 1188) **20, n. 4** (cont.); **139, n. 71; 156, n. 252**
- Reginensis Latinus* 208 **20, n. 4** (cont.); **24, n. 1; 25, n. 1; 157, n. 252**
- Reginensis Latinus*¹ 208 **139, n. 71**
- Reginensis Latinus* 1424 **19, n. 4; 25, n. 1; 27, n. 7**
- Reginensis Latinus*¹ 1424 **140, n. 78**
- Trevirensis*² 1093 *in ras.* (*olim* 1464) **24, n. 1**
- Vaticanus Latinus* 3799 **20, n. 4** (cont.)
- Vossianus L. O.* 15 **20, n. 4** (cont.); **142, n. 98; 156, n. 252**
- Vossianus L. O.* 89 **20, n. 4** (cont.); **27, n. 7**
- Vossianus Latinus Q.* 86 **20, n. 4** (cont.); **24, n. 1; 139, n. 71**
- Vossianus Latinus*¹ *Q.* 86 **156, n. 252**
- Vossianus Latinus*² *Q.* 86 **157, n. 252; 142, n. 98**
- Mar Eritreu **134, n. 16** (*bis*)
- Mar Mediterrâneo **138, n. 62**
- Mar Vermelho **66; 67; 134, n. 16** (*sexies*)
- Marcelino **150, n. 181**
- Marcial
- Epigrammata*
- 6.78.1-2 **142, n. 100**
- 8.50.11-12 e 14 **138, n. 62**
- 59.1-2 **142, n. 100**
- 9.72.1-3 **157, n. 253**
- 9.99.8 **149, n. 166**
- 10.37.16 **153, n. 214**
- 14.16.1-2 **143, n. 114**
- 14.141.1-2 **138, n. 62**
- Spectacula*
- 8.2 **141, n. 83**
- 13.1-2 **150, n. 177**
- 15.3-4 **142, n. 96**
- 21.5 **139, n. 64**
- Marco António **135, n. 24**
- Mariano, Olegário **48, n. 3**
- Marmorale, E. V. **35, n. 2**
- Marquesa de Alorna **38**
- Marte **143, n. 106; 148, n. 159; 150, n. 183**
— campo de **52; 78; 79; 138, n. 52** (*ter*)
- Mauro
- De Litteris de Syllabis de Metris*
- 2042 **150, n. 188**
- Mavorte *vide* Marte
- Maximino **30, n. 1**
- Mela, Pompônio
- De Chorographia*
- 2.8 **155, n. 243**
- Ménades **146, n. 139**
- Micénica *vide* Ifigénia
- Milão (nome de homem) **146, n. 142**
- Miranda, Sá de **133, n. 6**
Carta *A seu irmão Mem de Sá* **133, n. 6**
- Mirra **145, n. 134**
- Mnester **153, n. 223**
- Mopso **157, n. 253**
- Morais da Silva, A. **60, n. 1**
- Mormo **52, n. 1**

- Mormólice **52, n. 1 (bis)**
- Neckam, Alexandre **38, n. 2**
- Nepos, Cornélio
- Eumenes*
- 2.1 **153, n. 219**
- Datames*
- 14.3 **135, n. 26**
- Névelet **38**
- Mythologia Aesopica* **38**
- Niceia **145, n. 139**
- Nifata **145, n. 137**
- Ninfas **138, n. 58; 146, n. 139**
- Noto **135, n. 23**
- Novo Aviano (*Astensis*) **38, n. 2**
- Novo Aviano (*Vindebonensis*) **38, n. 2**
- Novos Avianos* **38**
- Numídia **136, n. 30**
- Olimpo **54; 57**
- Orítia **135, n. 23**
- Ovídio **35**
- Amores*
- 1.1.9-10 **155, n. 245**
- 1.6.3-4 **155, n. 240**
- 1.13.46 **148, n. 159**
- 2.2.45-46 **139, n. 68**
- 2.2.49 **137, n. 45**
- 2.5.62 **149, n. 166**
- 2.6.55 **139, n. 68**
- 3.13.5 **149, n. 166**
- 3.15.3 **146, n. 141**
- Ars Amatoria*
- 1.187-188 **148, n. 158**
- 3.169 e *sqq.* **139, n. 69**
- 3.674 **148, n. 159**
- Epistulae*
- 7.74 **149, n. 166**
- 9.97-98 **137, n. 49**
- 10.1 **139, n. 64**
- 14.37 **137, n. 50**
- 16.71 **140, n. 82**
- 17.21 **147, n. 156**
- Epistulae ex Ponto*
- 1.2.55-56 **155, n. 237**
- 2.6.8 **152, n. 212**
- 2.7.56 **152, n. 212**
- 3.3.99 **151, n. 199**
- Fasti*
- 2.206 **155, n. 236**
- 2.390 **155, n. 236**
- 2.760 **137, n. 49**
- 5.175-176 **151, n. 193**
- Halieutica*
- 52 **151, n. 193**
- Ibis*
- 328 **154, n. 226**
- 463-464 **152, n. 208**
- Metamorphoses*
- 1.720-723 **139, n. 68**
- 2.610 **150, n. 177**
- 3.187 **155, n. 240**
- 3.500 **149, n. 173**
- 3.584-585 **156, n. 249**
- 4.39 **137, n. 48**
- 6.394-395 **156, n. 249**
- 7.309-311 **148, n. 156**
- 7.540-541 **156, n. 249**
- 9.629 **148, n. 159**
- 10.402-403 **145, n. 134**
- 10.525-526 **155, n. 245**
- 10.540 **134, n. 12**
- 10.705 e 707 **139, n. 64**
- 11.519-520 **152, n. 208**
- 13.522 **150, n. 177**
- 13.567-568 **154, n. 224**
- 14.280-281 **154, n. 224**

- Remedia Amoris*
17-18 **137, n. 49**
- Paganalia* (Festas) **138, n. 58**
- Palas **138, n. 53**
- Paratore, E. **35, n. 2**
- Paulino de Nola, São **32, n. 3**
- Péan **136, n. 37 (bis)**
- Péon **46; 73; 136, n. 37 (quinquies)**
- Pepe, L. **39 e n. 1**
- Perdicas **153, n. 219**
- Perseu **152, n. 208**
- Pérsia **155, n. 245**
- Petrônio
Satiricon
55.1 **137, n. 48**
79.6 **155, n. 237**
89.5 **148, n. 159**
124.270 **148, n. 158**
128.6 **143, n. 114**
- Plâncio **143, n. 108**
- Platão **133, n. 5 (bis)**
- Phaedon*
60 c **133, n. 5**
61b **133, n. 5**
- Plauto **23; 34, n. 4**
- Asinaria*
270 **150, n. 177**
- Aulularia*
230 **149, n. 165**
- Captivi*
116 **154, n. 230**
123 **154, n. 230**
- Persa*
509 **151, n. 196**
- Plínio-o-Antigo **134, n. 16; 146, n. 147; 152, n. 209**
- Naturalis Historia* **146, n. 147**
2.69 **156, n. 248**
6.66 **153, n. 223**
6.108-109 **156, n. 248**
6.175 **156, n. 248**
7.49 **150, n. 183**
8.203 **138, n. 62**
9.81 **152, n. 209**
9.106 **134, n. 16**
10.18 **153, n. 223**
12.88 **156, n. 248**
18.277 **149, n. 174**
20.80 **146, n. 142**
23.44 **146, n. 147**
24.13 **146, n. 147**
26.124 **147, n. 147**
26.139 **147, n. 147**
27.5 **147, n. 147**
31.12 **155, n. 237**
- Plínio-o-Moço
Epistulae
1.5.13 **146, n. 144**
5.6.8 **144, n. 125**
6.16.10 **156, n. 248**
- Plutarco **133, n. 4**
- Pólo Ártico **142, n. 96**
- Pompônio Mela *vide* Mela, Pompônio
- Porfirião
Commentum in Horati Epistulas
1.15.3 **150, n. 180**
- Probo **26; 29**
- Propércio **35, n. 1; 134, n. 16**
- Elegiae* **134, n. 16**
2.19.19-22 **151, n. 193**
3.6.19 **153, n. 213**
3.13.6 **134, n. 16**
3.13.11-12 **134, n. 13**
3.13.65-66 **134, n. 17**
3.25.11 **149, n. 171**
4.5.70 **147, n. 149**
- Providência **143, n. 107**

- Prudêncio 22, n. 7; 23, n. 2
- Pseudo-Catão 36
- Pseudo-Dositeu 31 e n. 1
- Querolus* (autor desconhecido) 27 (*ter*) e n. 6 (*bis*)
- Quintiliano
- Declamationes*
- 19 155, n. 237
- Declamationes Maiores*
- 4.12 147, n. 152
- 5.14 153, n. 215
- 8.18 149, n. 168
- Institutio Oratoria*
- 2.11.3 146, n. 144
- 8.2.3 144, n. 127
- 11.3.21 155, n. 244
- 12.1.25 152, n. 212
- 12.2.11 155, n. 244
- Reis, C. 40 e n. 2
- Reno 30
- Rodríguez Adrados, F. 22, n. 3 e 4; 25, n. 3; 30; 31, n. 2 e 3; 34, n. 4 e 5
- Roma 134, n. 16; 135, n. 24; 138, n. 52
- Romeo Pallas, J. M. 35, n. 1
- Roquete 60, n. 1
- Rostagni, A. 29, n. 2; 30, n. 2; 35, n. 2
- Sacerdote 26, n. 5; 27
- Sálio 136, n. 30
- Salústio
- Iugurtha*
- 4.6 146, n. 142
- Sátiro 41 (*bis*); 55 (*bis*); 106 (*bis*); 107 (*bis*); 109; 145, n. 139
- Saturnais 25, n. 5
- Saturno 139, n. 68
- Schanz, M. 20, n. 7
- Semedo, Curvo 38 (*bis*) e n. 5 (*bis*)
- Fábula *O lobo e o gozo* 38, n. 5
- Sementiua* (Festas) 138, n. 58
- Séneca (o *Rhetor*)
- Controuersiae*
- 10.6.1 143, n. 112
- Séneca (o *Filósofo*)
- Agamemnon*
- 510 148, n. 159
- De Beneficiis*
- 3.19.1 150, n. 178
- 3.31.5 156, n. 248
- 6.31.2 153, n. 221
- De Clementia*
- 2.4.1 144, n. 127
- Dialogi*
- 2.10.4 144, n. 127
- 3.6.3 148, n. 162
- 10.12.4 156, n. 248
- 11.18.6 145, n. 134
- Epistulae*
- 31.1 146, n. 144
- 32.5 150, n. 181
- 77.8 150, n. 181
- 79.17 144, n. 127
- 108.13 149, n. 170
- Hercules Oetaeus*
- 703 137, n. 44
- 1692 148, n. 159
- Medea*
- 903-904 145, n. 134
- Naturales Quaestiones*
- 3.1.1 155, n. 236
- 6.23.2 144, n. 127
- 6.32.2 144, n. 124
- Oedipus*
- 1 135, n. 27
- 304 148, n. 159

- Phaedra*
 55-56 **154, n. 226**
 1072-1073 **155, n. 240**
- Phoenissae*
 565-566 **154, n. 226**
- Thyestes*
 615 **154, n. 233**
 1082 **154, n. 226**
- Troades*
 580 **145, n. 134**
- Sérvio **136, n. 37; 139, n. 68**
- In Vergilium Commentarius* **136, n. 37; 139, n. 68**
- (*Aeneis*)
 1.147 **150, n. 188**
 1.491 **148, n. 162**
 2.398 **144, n. 127**
 3.688 **145, n. 128**
 4.700 **155, n. 244**
 5.421 **135, n. 26**
 7.565 **152, n. 207**
 7.790 **139, n. 68**
 8.374 **150, n. 188**
 11.40 **154, n. 229**
 12.401 **136, n. 37**
- (*Georgica*)
 1.122 **145, n. 128**
 1.142 **153, n. 214**
 3.335 **155, n. 244**
- (*Eclogae*)
 10.65 **150, n. 180**
- Siágrio **32**
- Sílio Itálico
- Punica*
 1.309 **153, n. 220**
 1.416 **149, n. 173**
 4.225 **155, n. 244**
 4.651-652 **145, n. 138**
 5.559-560 **151, n. 193**
- 7.223-224 **143, n. 109**
 9.151-153 **145, n. 134**
 10.88-90 **154, n. 233**
 10.104-105 **150, n. 186**
 10.215-217 **152, n. 202**
 10.272 **152, n. 212**
 10.550 **148, n. 159**
 10.576-577 **154, n. 227**
 11.504 **148, n. 159**
 13.25 **155, n. 241**
 13.644 **155, n. 241**
 14.33-34 **151, n. 191**
 14.396-397 **148, n. 159**
- Símaco, Quinto Aurélio **32 e n. 5**
- Epistulae* **32, n. 5**
 101.1 **32; 33, n. 1**
- Orationes* **32, n. 5**
- Relationes ad Princeps* **32, n. 5**
- Sísifo **150, n. 178**
- Sócrates **29; 34; 64; 65; 133, n. 5 (ter)**
- Suetónio
- De Vita Caesarum*
- Iulius*
 44 **146, n. 144**
- Augustus*
 16.6 **144, n. 124**
- Tiberius*
 16 **149, n. 166**
- Suidas **133, n. 7**
- Tácito
- Annales*
 2.33 **144, n. 124**
 4.45 **146, n. 142**
 11.3 **156, n. 250**
 14.9 **153, n. 223**
- Historiae*
 1.2 **156, n. 250**
 1.25 **137, n. 48**

- 3.1 **151, n. 193**
 4.84 **152, n. 205**
- Tales **34, n. 6**
- Tebas **148, n. 158**
- Telure **55; 82; 83; 138, n. 58 (bis)**
Terra Mater **138, n. 58**
Tellus Stabilita **138, n. 58**
- Teodósio (Macróbio Teodósio) *vide* Macróbio
- Teodósio I **25 e n. 4**
- Teodósio II **25**
- Terêncio **34, n. 4**
Hautontimorumenos
 710 **146, n. 142**
- Tibre **147, n. 151; 155, n. 236**
- Tibulo **35, n. 1; 134, n. 16**
Elegiae
 1.2.89-90 **152, n. 202**
 1.8.29-30 **147, n. 148**
 1.9.51-52 **149, n. 166**
 1.9.63-64 **150, n. 184**
 2.3.5-6 **155, n. 237**
 2.3.80 **136, n. 33**
 2.4.29-30 **134, n. 16**
 2.4.33 **149, n. 166**
 3.8.19-20 **134, n. 16**
- Ticiano, Júlio **26; 30 (sexies); 133, n. 8**
- Ticiano-o-Moço **30, n. 1 (bis)**
- Ticiano-o-Pai **30, n. 1**
- Tique **137, n. 44**
- Tirinto **148, n. 158 (ter)**
 — senhor de *vide* Hércules
- Tiro **139, n. 69**
- Tissot **60, n. 1**
- Titã **135, n. 27 (ter); 142, n. 97 vide** Febo
- Titãs **135, n. 27**
- Tito Lívio, *vide* Lívio, Tito
- Tolosa *vide* Toulouse
- Torga, Miguel **48, n. 3**
Diário VIII **48, n. 3**
- Toulouse **32, n. 3 (bis)**
- Treuidos vide* Trèves
- Trèves **32, n. 3 (bis)**
- Trácia **139, n. 69; 150, n. 180**
- Ufente **134, n. 18**
- Valentiniano I **32, n. 3**
- Valério Flaco
Argonautica
 1.384-386 **157, n. 253**
 1.619 **155, n. 240**
 3.240-241 **145, n. 134**
 4.18-20 **143, n. 107**
 6.496 **145, n. 134**
 7.335 **152, n. 204**
- Valério Máximo
Facta et Dicta Memorabilia
 4.2 **154, n. 232**
 8.9 **149, n. 170**
- Varrão
De Lingua Latina
 5.54 **155, n. 236**
- Vénus **152, n. 202**
- Venusino *vide* Horácio
- Vesontio vide* Besançon
- Vestal **150, n. 183**
- Viana, M. G. **38, n. 6; 60, n. 1**
- Virgílio **35 e n. 1; 37; 136, n. 37; 141, n. 88; 152, n. 210**
Aeneis
 1.123 **155, n. 242**
 1.132 **143, n. 108**
 1.321 **144, n. 117**
 1.485 **145, n. 134**
 2.75 **147, n. 156**
 2.129 **139, n. 66**
 2.288 **145, n. 134**
 2.355-356 **134, n. 12**

- 2.559 **136, n. 31**
 3.307-308 **137, n. 50**
 3.426 **154, n. 229**
 3.480-481 **140, n. 74**
 3.528-529 **145, n. 128**
 4.117-119 **135, n. 27**
 4.452 **135, n. 25**
 4.688-689 **143, n. 107**
 5.84-85 **155, n. 241**
 5.234 **148, n. 159**
 5.333 **157, n. 256**
 5.351-352 **136, n. 30**
 5.421 **135, n. 26**
 5.449 **140, n. 73**
 5.465 **137, n. 42**
 5.514 **148, n. 159**
 6.51 **148, n. 159**
 6.55 **145, n. 134**
 6.128 **141, n. 85**
 6.160 **137, n. 48**
 7.1-2 **153, n. 219**
 7.15-16 **145, n. 131**
 7.73-74 **154, n. 227**
 7.135-137 **138, n. 58**
 7.158 **139, n. 65**
 7.297-298 **150, n. 185**
 7.471 **148, n. 159**
 7.661-662 **148, n. 158**
 7.764 e 769 **136, n. 37**
 8.62-64 **147, n. 151**
 8.207 **140, n. 79**
 8.228 **148, n. 158**
 8.256 **152, n. 210**
 8.416-417 **144, n. 118**
 8.587-588 **138, n. 53**
 8.630-631 **143, n. 106**
 9.213-214 **151, n. 192**
 9.404-405 **146, n. 140**
 9.622 **152, n. 210**
 9.781 **156, n. 247**
 10.49 **144, n. 127**
 10.141-142 **147, n. 151**
 10.152-153 **147, n. 156**
 10.449-451 **141, n. 88**
 10.453-454 **151, n. 193**
 10.811 **148, n. 162**
 11.119 **153, n. 218**
 11.128 **144, n. 127**
 11.188-189 **153, n. 223**
 11.377 **145, n. 134**
 11.548-549 **154, n. 235**
 11.714 **145, n. 133**
 11.840 **145, n. 134**
 12.371 **152, n. 210**
 12.400-403 **136, n. 37**
 12.641 **134, n. 18**
 12.780 **148, n. 159**
- Eclogae*
- 1.77-78 **144, n. 120**
 2.64 **144, n. 120**
 2.69 **137, n. 42**
 6.47 **137, n. 42**
 7.11 **140, n. 80**
 10.64-65 **150, n. 180**
- Georgica*
- 1.84-85 **154, n. 227**
 1.97-98 **135, n. 20**
 1.121-122 **145, n. 128**
 1.142 **153, n. 214**
 1.158 **149, n. 173**
 1.187 **142, n. 92**
 1.383-384 **152, n. 206**
 2.155-156 **144, n. 119**
 3.66-67 **146, n. 144**
 3.285-287 **156, n. 249**
 3.311-313 **138, n. 62**
 3.328 **149, n. 175**
 3.335 **155, n. 244**

- 3.441-443 **145, n. 136**
 3.480 **139, n. 64**
 3.492 **141, n. 86**
 4.149-151 **136, n. 41**
 4.181-182 **144, n. 121**
 4.223 **139, n. 64**
 4.290 **155, n. 245**
 4.372-373 **147, n. 151**
 4.395 **152, n. 211**
 4.410 **155, n. 244**
 4.418 **136, n. 32**
 4.486 **141, n. 85**
 4.486-488 **137, n. 42**
 4.538 **140, n. 79**
 4.540 **151, n. 190**
 4.551 **151, n. 190**

Appendix Vergiliana

Copa

12 **154, n. 224**

Culex

339-341 **149, n. 167**

Lydia

181 **154, n. 231**

Vitrúvio

De Architectura

5.8.2 **157, n. 258**

Zéfiro **135, n. 23**

Zeus **135, n. 24**

Zurli, L. **22, n. 3; 36, n. 2 e 4; 38, n. 1 e 2**